

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS
CAROLINA BORGES PINTO E LUANA PANTALEONI FRAZÃO**

**SONHOS DE UMA NOITE DE QUARENTENA:
ANIMANDO UMA JORNADA ONÍRICA POR UM
MUNDO ADOECIDO**

**São Paulo
2021**

CAROLINA BORGES PINTO E LUANA PANTALEONI FRAZÃO

**SONHOS DE UMA NOITE DE QUARENTENA:
ANIMANDO UMA JORNADA ONÍRICA POR UM
MUNDO ADOECIDO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Artes Cênicas
pela ECA-USP.

**São Paulo
2021**

CAROLINA BORGES PINTO E LUANA PANTALEONI FRAZÃO

**SONHOS DE UMA NOITE DE QUARENTENA:
ANIMANDO UMA JORNADA ONÍRICA POR UM
MUNDO ADOECIDO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Artes
Cênicas pela ECA-USP.

Aprovado em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Felisberto Sabino da Costa

Helena Bastos

Dalmir Rogério Pereira

**São Paulo
2021**

Em memória de Marcelo Denny, artista, professor e sonhador.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos imensamente: às nossas famílias, Iara, Raphael, Walter, Ernesto, Lúcia, Marcos, Nílvia, Rodrigo e Waldemar; aos nossos amigos; ao grupo Noite em Queda, Lux, Marcella, Tuzão e Zé; aos nossos breves parceiros, Luiza Latorre e Marcos Pantaleoni; aos professores Helena Bastos e Marcelo Denny; ao nosso orientador Felisberto Sabino da Costa e a todas as pessoas que confiaram a nós os seus sonhos.

RESUMO

A presente monografia é uma reflexão de ambas as artistas, Carolina Borges e Luana Pantaleoni, acerca do projeto – Sonhos de uma noite de quarentena – realizado entre os anos de 2020 e 2021, atravessando a pandemia do coronavírus. Tendo como cerne do projeto os sonhos pandêmicos e o teatro de animação, a dupla - juntamente com uma equipe – investigou os pontos de convergência entre os dois tópicos e o audiovisual.

Palavras-chave: teatro; teatro de animação; sonhos; bonecos; audiovisual; pandemia

Parafrazeando Freud, os sonhos são como as estrelas: estão sempre lá, mas só podemos vê-los durante a noite.

Sidarta Ribeiro, "O Oráculo da Noite"

Sumário

1) Animando sonhos.....	10
1.1 Descobrimo vida ao nosso redor.....	10
1.2 Um teatro sem amarras da consciência	15
2) Caminhos que traçamos ao dormir	17
2.1 Nosso mergulho.....	17
2.2 Da velha Europa	17
2.3 Ao novo Brasil.....	19
3) Coronavírus e a Quarentena	22
3.1 Antes do caos	22
3.2 A realidade em que vivemos no momento é o confinamento	24
4) A criação durante o primeiro semestre de 2020	25
4.1 Sonhos de uma noite de quarentena.	25
4.2 Reflexões sobre sentimentos e criações.....	28
4.2.1 Criando através das lentes	28
4.2.2 Descobertas em vídeo	32
4.3 Azul Apneia.....	38
5) A criação durante o segundo semestre de 2020.....	52
5.1 Como seguir?	52
5.2 Imaginando o “inimaginado”	57
5.3 Reencontro	61
5.4 Sonhando ao vivo	62
5.5 Abrindo a casa.....	64
6) A criação durante o primeiro semestre de 2021	71
6.1 O início do fim?	71
6.2 Escritas e descobertas.....	72
6.3 Tão Azul como Antes	81

6.3.1 Criando com as mãos	84
6.3.2 Manipulando através das lentes	89
6.3.2.1 Estúdio.....	89
6.3.2.2 Sorocaba	92
6.3.2.3 Barra do Sahy.....	95
6.3.2.4 Metrô e cidade de São Paulo.....	99
6.3.3 Mosaico	101
6.3.4 Olhos nos olhos, entre o azul do céu e o azul do mar.....	102
6.4 Grupo Noite em Queda toma a palavra.....	103
7) No fim do dia, só nos resta sonhar	106
Anexos.....	110
Referências.....	140

1) Animando sonhos

1.1 Descobrimos vida ao nosso redor

Dar alma para algo inanimado. Dar vida. Uma reprodução assexuada. Gerar uma vida que não vem do útero, nem do parto, mas sim das mãos que aos poucos juntam peças e, como um sopro, dão a luz a esse ser.

É estranho pensar hoje o quanto a animação está presente em nossas vidas e nem reparamos.

Eu, Luana, passei minha infância inteira brincando de animar bonecas, carrinhos, bichinhos. “Dar ânima” voltou a ser um prazer em minha vida.

Eu, Carol, desde pequena tenho a mania de manipular materiais e criar bonecos. Lembro de quando fiz um rinoceronte de papelão em tamanho real, ou quase, durante o ensino médio. Há algo de muito bonito em criar vida a partir de algo ‘morto’.

Toda criança consegue ver em suas brincadeiras a vida pulsando em uma lata de refrigerante, ou, seja lá o que for. Todos nós conseguimos ver vida onde, num primeiro momento, não há, notando rostos em latas de lixo ou em vasos sanitários. Até mesmo em religiões conseguimos encontrar respingos do Teatro de Animação; segundo a Bíblia cristã, Deus criou Adão a partir do barro, deu vida ao inanimado.

Durante o Primeiro Encontro de Poéticas do Inanimado (2019), Ana Maria Amaral contou uma história. Ela pediu para que uma aluna trouxesse algo de casa que pudesse ser animado; a aluna não tinha nada, só a poeira da casa para a qual acabara de se mudar. “Pois traga a poeira então”, disse Ana Maria. E a poeira ganhou vida. Como é possível reconhecer vida própria em algo como uma poeira? O Teatro de Animação, então, seria o teatro do tudo, tudo pode ser colocado em cena em justaposição com um ser de carne e osso e

ambos pulsam vida. Talvez seja o maior exercício contra o ego, saber que uma poeira pode ser um Hamlet.

Foi por meio da bonecaria que entramos em contato com o Teatro de Animação. A arte de fazer bonecos nos veio antes da arte de dar-lhes vida e então nasceu um desejo de explorar melhor esse campo das artes cênicas. Hoje nos parece engraçado demorarmos três anos em uma graduação em artes cênicas para poder conhecer o Teatro de Animação, e mais engraçado ainda o fato de o termos conhecido de maneira extracurricular.

Sentimos que o Teatro de Animação possui um potencial imenso de tocar o público de uma maneira muito intensa e muito particular. O acesso ao íntimo, ao inconsciente, aos sonhos é muito mais natural e muito mais vivo quando ocorre por meio do Teatro de Animação. Philippe Genty diz que o teatro de animação *é um teatro feito para ser visto e percebido com os sentidos, ao mesmo tempo em que permanece um divertimento* (GENTY, 2008, p. 134).

Outra questão que nos toca é a crença de que o Teatro de Animação precisa sofrer uma transformação, principalmente no âmbito nacional. Vemos no meio das artes cênicas uma desvalorização da linguagem e achamos que uma transformação nela seria algo muito positivo no quesito de atrair mais pesquisadores. Se nós conseguirmos realizar esta transformação dentro do meio acadêmico seria o ideal, pois infelizmente estamos estudando uma arte que, por ser muito desvalorizada, não possui muita representação dentro da academia. Precisamos injetar novos ares, para assim inventar novas brincadeiras com a tradição.

Sonhos não são uma temática incomum no mundo artístico. Como exemplo, citamos o cinema, o teatro e as artes plásticas.

Podemos citar como primeiro exemplo o diretor Akira Kurosawa. Em seu filme *Sonhos*, ele cria oito episódios a partir de sonhos e pesadelos que teve durante a vida: um homem adentra um quadro de Van Gogh e conhece o pintor; um

soldado conversa com todo seu batalhão morto na guerra; um menino presencia os pessegueiros cortados de seu jardim ganharem vida. Kurosawa nos guia em uma jornada por seu inconsciente, as imagens oníricas surgidas em sua mente que foram posteriormente transformadas em obra cinematográfica.



Figura 1: Cena do filme SONHOS de Akira Kurosawa, print do filme

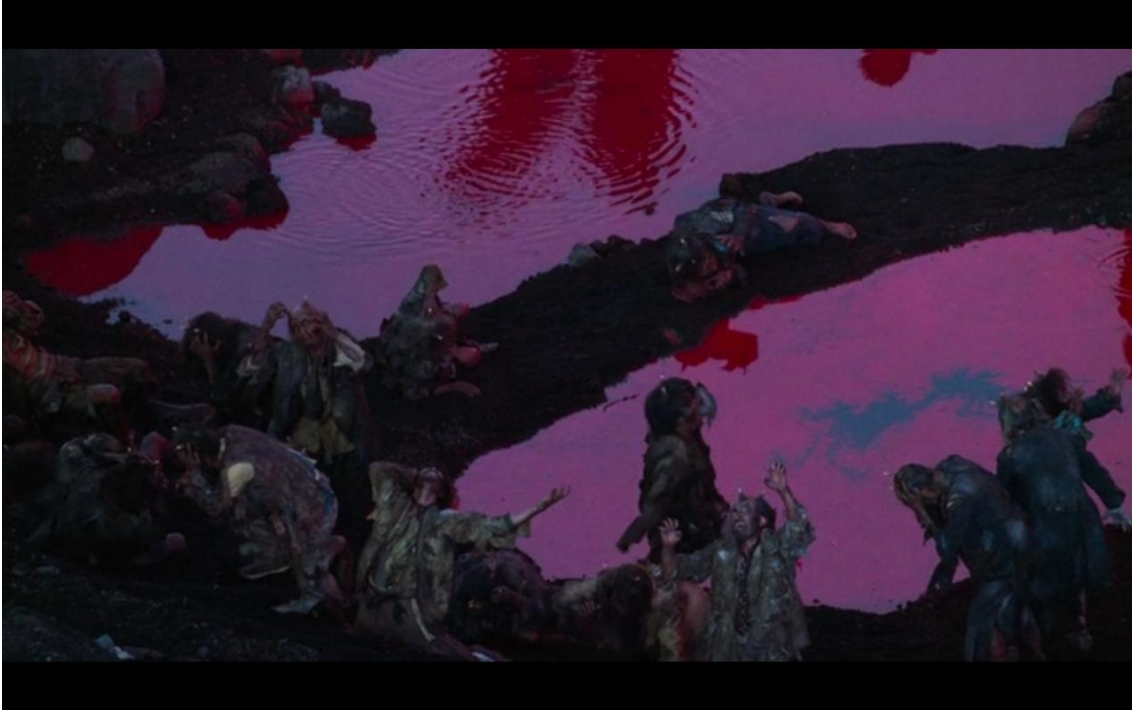


Figura 2: Cena do filme SONHOS de Akira Kurosawa, print do filme

Já no teatro, o encenador Philippe Genty leva o universo onírico para as suas criações, uma vez que o artista *geralmente parte de escritas espontâneas, desenhos e imagens dos seus sonhos para compor os esboços iniciais das suas dramaturgias* (D'ÁVILA, 2018, p. 33). No seu espetáculo *La Fin des Terres*, diversas imagens surreais surgem no palco sem necessariamente uma ligação lógica; uma boneca dança com seu parceiro até sofrer uma metamorfose, tendo suas pernas transformadas em tesouras. Logo em seguida, um enorme balão de plástico flutua pelo palco banhado por uma luz rosa.



Figura 3: Cena da peça LA FIN DES TERRES de Philippe Genty, <http://caroleallemand.com/wp-content/uploads/2014/03/la-fin-des-terres-marionnette-carole-allemand-2.jpg>



Figura 4: Cena da peça LA FIN DES TERRES de Philippe Genty, <https://zycopolis.com/production-video-concert-documentaire/16-LA-FIN-DES-TERRES-PHILIPPE-GENTY-1.jpg>

Também nas artes plásticas os sonhos estão muito presentes. Giorgio de Chirico, por exemplo, foi um pintor italiano precursor dos surrealistas e fundador da *pintura metafísica*. Em suas obras, pintava não a forma visível dos objetos, mas sim seus aspectos fantasmagóricos e metafísicos, elas são *transposições sonhadoras da realidade que surgem como visões do inconsciente* (JAFFÉ, 1964, p. 254).



Figura 5: PIAZZA, 1913, Giorgio de Chirico, <https://www.bellasartes.gob.ar/pt/colecao/obra/7227/#gallery>

1.2 Um teatro sem amarras da consciência

Decidir qual linguagem iríamos trabalhar não foi problema. Precisávamos, então, de um material poético para impulsionar o trabalho prático, mas não sabíamos qual. O filme *Sonhos*, já citado acima, nos deu uma ideia. As

imagens fantásticas desta obra nos mostraram que nada é impossível nos sonhos. Pensamos em fazer algo na mesma linha, porém utilizando o teatro.

Mas esse universo não foi apenas escolhido por nós pelo simples fato de gostarmos do filme de Kurosawa. Os sonhos carregam em si características intrínsecas ao Teatro de Animação. Neste não precisamos de grandes textos e grandes monólogos, as imagens dão conta completamente de transmitir algo. Freud faz uma observação similar em relação aos sonhos:

“De acordo com Schleiermacher (1862, p. 351), o que caracteriza o estado de vigília é o fato de que a atividade do pensar ocorre em conceitos e não em imagens. Já os sonhos pensam essencialmente por meio de imagens e, com a aproximação do sono, é possível observar como, à medida que as atividades voluntárias se tornam mais difíceis, surgem representações involuntárias, todas elas se enquadrando na categoria de imagens.” (FREUD, 2019, p. 64).

E os sonhos são, segundo Freud, a porta para o inconsciente. Então nada mais justo que trabalhar sonhos com o Teatro de Animação. Philippe Genty afirma que *a marionete possui a faculdade espantosa de tocar o público em dois níveis. No nível consciente, é percebida como metáfora, mas igualmente no nível inconsciente. E completa: a marionete possui, pois, o poder de abrir uma portinha para o nosso subconsciente (GENTY, 2008, p. 135-136)*

Um boneco pode voar, pegar fogo, perder um membro e mesmo assim continuar vivendo e fazendo parte de uma narrativa, ou seja, podemos replicar tudo o que acontece num sonho, por mais extraordinário que pareça, com um boneco. A lógica e o tempo a que estamos acostumados enquanto estamos acordados se esvaem, dando lugar a um teatro sem as amarras dos limites corporais e conscientes. Teatro de Animação e sonhos convergem e se cruzam em muitos aspectos, o que tornou a temática tão interessante para a nossa pesquisa.

2) Caminhos que traçamos ao dormir

2.1 Nosso mergulho

É incrível pensar que sabíamos tão pouco sobre um universo tão vasto que vivenciamos todos os dias. Por isso, decidimos nos aprofundar sobre a temática e entender o ponto de vista de diversos pesquisadores que se aprofundaram e se aprofundam nos sonhos. Começamos na virada do século XIX para o século XX, com o pai da psicanálise, Sigmund Freud. Seguimos com o seu discípulo, Carl Gustav Jung. E assim chegamos em nossos conterrâneos e contemporâneos, Ailton Krenak e Sidarta Ribeiro, um, líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta e escritor e o outro neurocientista, biólogo, escritor, professor titular e vice-diretor do Instituto do Cérebro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Demos um mergulho profundo e extenso por mares desconhecidos e deliciosos, que nos deram um norte firme.

2.2 Da velha Europa

Longe de nós, em um tempo e espaço distantes, Sigmund Freud começa a desenvolver uma teoria dos sonhos em 1899. Numa Áustria pré-nazista, o médico judeu decidiu que traçaria caminhos pela mente humana, desenvolvendo um tratamento de histerias por meio da psicanálise, onde ele utilizava frequentemente a interpretação de sonhos como ferramenta fundamental.

Para Freud, os sonhos são, antes de mais nada, a realização de um desejo, é a forma que o nosso inconsciente encontra para conseguir algo que não foi possível durante a vigília. Um sonho descrito pelo médico em “A Interpretação

dos Sonhos” (2019), por exemplo, vem de uma mulher que não estaria pronta para a maternidade; sonhou, então, que menstruava. Seu inconsciente a tranquilizou e realizou justamente o desejo de não estar grávida. Entretanto, não é sempre fácil perceber qual seria esse tal desejo, já que muitas vezes o sonho é acobertado por uma censura.

Esse mecanismo serviria, de acordo com Freud, para afastar os pensamentos proibidos à consciência, uma verdadeira fachada cênica que distorce a expressão do desejo. Um outro exemplo citado no livro vem de uma de suas pacientes que sonhou que o sobrinho estava morto e via-o deitado num pequeno caixão; tal relato, entretanto, não significava que a moça desejava ver o sobrinho morto, mas sim ver mais uma vez o homem pelo qual estava apaixonada, já que este aparecia no sonho para apresentar seus pêames. Assim, o sonho age como um guardião do sono, protegendo o inconsciente e possibilitando que o indivíduo continue a dormir.

Depois de adentrarmos nas teorias de Freud, seguimos para a mente de seu discípulo, Carl Gustav Jung. Ele conheceu Freud em 1907, e logo se iniciou uma intensa relação de colaboração entre ambos. Tornou-se seu discípulo em uma época em que as pesquisas de Freud sobre sonhos eram completamente desacreditadas pela comunidade científica. Entretanto, a relação enfraqueceu ao longo dos anos, chegando ao ponto de Freud cortar relações com seu discípulo - alguns dizem que Freud literalmente desmaiou nesta ocasião. Isso porque a teoria de Jung discorda em alguns pontos da do seu mestre.

Um homem extremamente religioso, Jung chegou a considerar estudar teologia na faculdade. Os sonhos para ele, então, podem carregar características numinosas; onde Freud via manifestações da sexualidade, Jung via espiritualidade, sendo um importante ponto de atrito entre os dois. Além disso, ao contrário do que Freud havia proposto, não acreditava na teoria de que os sonhos acobertam desejos obscuros, que uma censura distorce as manifestações do inconsciente, mas sim que:

“São fenômenos naturais que não diferem daquilo que representam. Não iludem, não mentem, não deformam, não encobrem, mas comunicam ingenuamente o que são e o que pensam. (...) Não utilizam artifícios para dissimular alguma coisa; dizem à sua maneira o que constitui seu conteúdo e da maneira mais nítida possível” (JUNG, 2019, p.411)

Assim, a forma imprecisa e misteriosa com a qual os sonhos se apresentam não seria um resultado da censura, mas sim dos diferentes mecanismos e sinapses que são ativados quando dormimos. Os sonhos, segundo Jung, não são uma fachada, mas sim uma *autorrepresentação do inconsciente* (JUNG, 2019, p. 285), e devem ser interpretados como tal, sem enganações ou distorções. Isso o levou a um longo estudo sobre arquétipos, que são imagens e símbolos recorrentes e que aparecem em várias culturas e são passadas de geração em geração. Um *inconsciente coletivo comum a todos os homens* (JUNG, 2019, p.147), mantendo símbolos vivos ao longo de milhares e milhares de anos.

“Mediante o sonho, penetramos no ser humano mais profundo, mais geral, mais verdadeiro, mais durável, mergulhamos ainda na penumbra da noite original, quando ainda estava no Todo e o Todo nele, no seio da natureza indiferenciada e despersonalizada. O sonho provém dessas profundezas, onde o universo ainda está unificado, quer assuma as aparências mais pueris, quer as mais grotescas, quer as mais imorais.” (JUNG, 2019, pg.411)

2.3 Ao novo Brasil

Após essa viagem pela Europa, decidimos que precisávamos nos conectar mais com autores que vivessem uma realidade mais próxima da nossa, que pelo menos habitassem a mesma época que nós.

Ailton Krenak, líder indígena da região do vale do Rio Doce, aborda a questão dos sonhos a partir de um ponto de vista completamente diferente, e, ao mesmo tempo, muito similar, a Freud e Jung. Primeiramente temos que ter em vista o ponto de vista de Krenak sobre o mundo. *Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que consigo pensar é natureza* (KRENAK, 2019, p. 17). Ou seja, não existe aqui uma separação entre mundo e ser, tudo é natureza, inclusive os seres humanos, por mais que pareçamos estar muito distantes dela. Assim, é importante entender que, para Krenak, o sonho não está separado da vida, ele não é um universo outro, mas sim um outro caminho que trilhamos enquanto dormimos. Com isso, a função do sonho é quase a de um ancião, ou então a de um conselheiro.

“(...) eu queria comunicar a vocês um lugar, uma prática que é percebida em diferentes culturas, diferentes povos, de reconhecer essa instituição do sonho não como uma experiência cotidiana de dormir e sonhar, mas como exercício disciplinado de buscar no sonho as orientações para as nossas escolhas do dia a dia.” (KRENAK, 2019, p. 51-52)

Essa afirmação de Krenak nos levou diretamente a Sidarta Ribeiro, que está pesquisando os sonhos hoje e aqui, no nosso país. Sidarta afirma que se trata *portanto de compreender profundamente, em termos de seus mecanismos fundamentais, de que forma o sonho prepara o sonhador para o dia seguinte (RIBEIRO, 2019, p. 36)*. Ou seja, ele também se baseia na teoria de que o sonho “aconselha”, de que ele “prevê” o futuro do sonhador. *Ao reverberar memórias do passado, o sonho reflete as expectativas do sonhador quanto ao futuro (RIBEIRO, 2019, p. 294)*.

Como Sidarta é um cientista contemporâneo, portanto é alguém que possui os meios de provar suas teorias de maneira empírica, ele nos dá uma explicação mais aprofundada do que “realmente” é um sonho e qual é a sua importância. Sidarta afirma que:

“Numa definição preliminar, o sonho é o simulacro da realidade feito de fragmentos de memórias. Dele participamos normalmente como protagonistas, o que não significa que tenhamos controle sobre a sucessão de eventos que perfazem o enredo onírico. Por atuarmos nele sem conhecer seu roteiro e direção, muitas vezes experimentamos surpresa e até mesmo euforia durante o sonho. Da mesma forma, é comum que o sonho encene situação de grande frustração ou decepção.” (RIBEIRO, 2019, p. 14)

E complementa:

“Em contraste com esse sono desprovido de luz e formas (sono de ondas lentas), o sono REM é marcado por grande ativação cerebral, que reverbera memórias com muita intensidade. Essa reverberação é o próprio material de que são feitos os sonhos.” (RIBEIRO, 2019, p.33-34)

Assim, conseguimos compreender que o material dos sonhos são as nossas memórias, pertencentes ao inconsciente ou não, e que montamos algumas previsões de como seguirão nossos dias com elas. Ou seja, nosso trabalho com certeza iria refletir o momento presente.

Além disso, Sidarta conseguiu nos dar uma dimensão da importância dos sonhos, e isso com certeza nos fez acreditar mais no trabalho que iríamos desenvolver. Ele diz:

“É possível que a compreensão de fenômeno tão misterioso e arbitrário quanto a própria existência do espaço-tempo e dos objetos do Universo exija, além de viagens intergalácticas, uma viagem interior muito mais profunda. Olhar para dentro, em destemida abdução, rumo ao vertiginoso abismo da consciência, talvez seja tão revelador quanto olhar para fora

pelas lentes dos microscópios e telescópios. No futuro, sonhar será cada vez mais um clarão.” (RIBEIRO, 2019, p. 379)

3) Coronavírus e a Quarentena

3.1 Antes do caos

Desde 2019 estávamos pensando e arranjando maneiras de fazer o trabalho de conclusão de curso acontecer. A partir disso, durante as férias, nos organizamos para pensar em temáticas e tipos de manipulações. Em nosso último encontro – antes do início do ano letivo de 2020 - fizemos algumas escolhas em relação à temática e às formas.

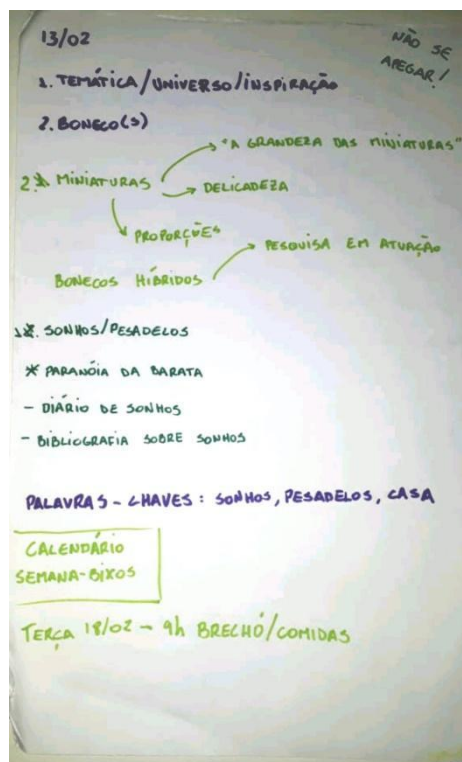


Figura 6: Anotações do caderno de Carolina, acervo pessoal

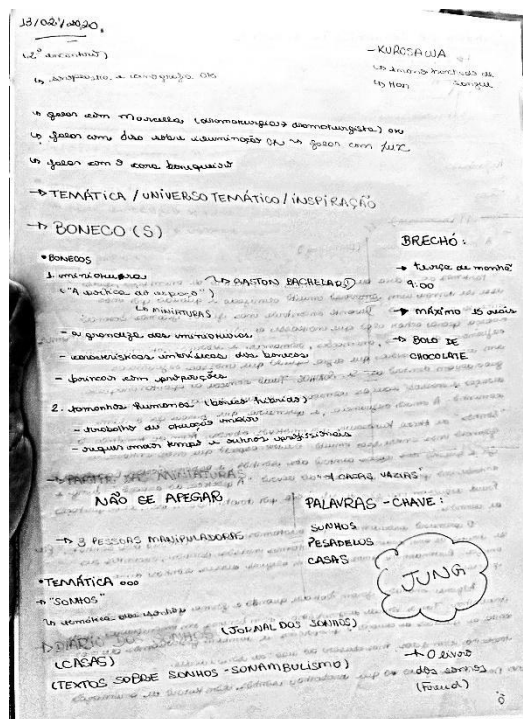


Figura 7: Anotações do caderno de Luana, acervo pessoal

Tivemos nossa primeira reunião com o grupo já formado no começo de março; os integrantes eram Carol e Luana na atuação-manipulação; Luiza Latorre como cenógrafa; Lux da Silva como iluminadore; Marcella Georgini como dramaturga. Tuzão – nosso atual cenógrafo; José Pedro – nosso sonoplasta; e Rodrigo Nunes – editor de vídeo e design de redes sociais – integram o grupo depois. Com o grupo inicial, organizamos um calendário de objetivos e prazos, mesmo sabendo que alguns seriam adiados durante o processo, mas o plano em geral nos parecia promissor. Uma semana depois, nos encontramos com Felisberto Sabino para aprender mais sobre manipulação de bonecos. Estávamos animades e com vontade de partir para a prática. No dia 24 de março de 2020, foi decretada a quarentena no estado de São Paulo.

O coronavírus chegara ao Brasil poucas semanas antes, mas não podíamos imaginar o que viria a seguir. Foi em certo ponto engraçado, durante nossa primeira aula de Projetos Teatrais I o professor Marcelo Denny comentou sobre o que poderia acontecer se o coronavírus entrasse com força no Brasil. Chegou a prever o fechamento da universidade e o adiamento de nossa conclusão de curso. Obviamente pensamos que ele estava exagerando e que não chegaríamos nessa situação. Parecia uma realidade distante que talvez

interferisse nos nossos planos, mas não a ponto de nos trancar dentro de casa e nos privar da sala de ensaio. Claro que, tendo as condições materiais e financeiras, iríamos respeitar a quarentena; nosso cronograma inicial se tornou insustentável.

No início do isolamento ainda estávamos trabalhando com sonhos de quaisquer épocas de nossas vidas, não tínhamos um período escolhido. Porém, com o passar do tempo, começamos a entender as peculiaridades do momento que estamos vivendo.

3.2 A realidade em que vivemos no momento é o confinamento

Já no início, não queríamos lidar com os sonhos de forma alienada ou idealista, nem mesmo transpô-los para o palco na íntegra, mas sim usá-los como disparadores poéticos; nosso desejo sempre foi comunicar algo que fizesse sentido com a realidade em que vivemos, e foi essa a nossa maior descoberta: a realidade em que vivemos no momento é o confinamento. O sonho durante o isolamento diz coisas que o sonho durante a vida normal não diz, porque as condições da vigília são outras. Além disso, durante o sono estamos mostrando como tudo o que está acontecendo nos afeta. Nesse sentido, muitos sonhos acabam sendo sobre as mesmas coisas, muitas pessoas que não se conhecem sonham sobre o mesmo tema. Então, nosso objeto de estudo mudou, não iríamos mais trabalhar com sonhos de quaisquer períodos de nossas vidas, mas sim com os sonhos da quarentena.

Isso mudou completamente nossa visão sobre o trabalho. Agora estávamos lidando com algo muito mais urgente e muito mais universal, se pensarmos que o mundo inteiro está paralisado por conta da pandemia. Além disso tivemos que enfrentar uma grande questão: não estaríamos mais nos encontrando presencialmente, ou seja, nosso trabalho conjunto de manipulação de bonecos estava fadado a um período de espera.

Luana - A pergunta que começou a me perseguir a partir do momento em que entramos em quarentena era: 'como fazer teatro de animação em isolamento social?'. Para mim isso não fazia sentido nenhum, pois na minha concepção o teatro acontece mediante um encontro, algo impossível pensando que estamos em quarentena. Então formulei uma resposta, que ainda não está completamente certa na minha cabeça: "não se faz teatro, se prepara um novo teatro."

Carol - Como então manter o processo vivo? Tive muito medo de, por estarmos separados, a vontade de criar se perdesse e o grupo ruísse. Ao mesmo tempo, vejo que a decisão que tomamos de continuar o processo mesmo em quarentena foi muito otimista; não é fácil manter o desejo de criação vivo em meio à crise de saúde em que o mundo se afunda.

Mesmo com todas as dificuldades apresentadas, o processo criativo segue em isolamento sem uma perspectiva de voltar à normalidade. A seguir estão nossas reflexões sobre a prática realizada.

4) A criação durante o primeiro semestre de 2020

4.1 [Sonhos de uma noite de quarentena.](#)

É estranho perceber que é preciso um desastre para que determinadas coisas achem seus lugares. A pandemia trouxe tanta coisa de volta, coisa boa e coisa ruim, que pensamos nela como uma entidade que nos obriga a nos reconciliar com aquilo que nos pertence.

Pensando no trabalho que estamos desenvolvendo, a pandemia agiu de uma maneira absurdamente violenta e rápida. Vimo-nos presas em casa dias depois de saber que o país já estava no mapa dos contaminados. Nesse sentido,

tivemos que alterar nosso modo de trabalho e, também, nossa pesquisa. Algo maior dentro do campo dos sonhos se fez presente a partir do momento em que todos se confinaram dentro de suas próprias casas. Os sonhos de quarentena.

Sonhos de quarentena... o sonho como uma forma de fugir dessa realidade, de existir em outra e de criar novas formas de mundo. Sinto meus pés se afastarem do chão, centímetro a centímetro, cada vez mais alto. Consigo ver a cidade de cima, os bares cheios e as festas, as aglomerações... nos sonhos, o voar é muito presente, todo mundo já teve um sonho em que flutuava. Mas o cair também é. Estamos em uma constante queda e em constante negação desta queda. Não é possível parar, mas é possível inventar paraquedas, como Ailton Krenak diz, milhares de paraquedas coloridos projetados de *um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho* (KRENAK, 2019, p. 65). Esse trabalho tem sido um paraquedas, aberto sem muita certeza, mas que tem suportado nosso peso até então.

O que as pessoas têm sonhado durante a pandemia? Muita água, muita angústia, muita falta de ar e muitos reencontros. Com quase duzentos sonhos recolhidos, incluindo nossos próprios, é nítido como o inconsciente geral tem trabalhado de forma semelhante nesses últimos meses. Com o que você tem sonhado? O mar? A morte? Com tantas imagens coletadas, por onde começar?

“No início da quarentena, sonhei muito, mas não eram sonhos de angústia. Eram bons, como se fosse um alívio para a situação. Me lembro de estar no mar, imenso.”

Ferdinando, sem data

4.2 Reflexões sobre sentimentos e criações

4.2.1 Criando através das lentes

Carol - Por onde começamos?

Luana - Eu nunca sei por onde começar. A dificuldade em dar o pontapé inicial sempre me pega. Ainda mais quando estamos trabalhando com imagens oníricas de outras pessoas, além das nossas. Sinto medo de adentrar profundamente no inconsciente de pessoas que, em muitas vezes, eu não conheço. Sinto que esse foi um dos motivos pelos quais começamos trabalhando com os sonhos do grupo. Parecia menos arriscado sujar as mãos de material onírico produzido por cabeças conhecidas.

Em “A Poética do Espaço”, Gaston Bachelard diz:

“Já é diminuir e sustar um devaneio o fato de descrevê-lo objetivamente. Quantos sonhos contados objetivamente que não são mais que onirismo feito pó! Na presença de uma imagem que sonha, é preciso tomá-la como um convite a continuar o devaneio que a criou”. (BACHELARD, 1989, p. 296)

Fazemos um convite ao leitor agora. Pense em um sonho que você já teve e descreva-o em voz alta...

Pronto? Agora lhe perguntamos, quanto onirismo foi perdido em sua fala? Não é possível transmitir o estado do sonho de forma fidedigna através da fala ou da escrita; o mundo onírico existe em um lugar outro, fora da nossa concepção de “mundo real”. Sidarta Ribeiro nos mostra em seu livro “O Oráculo da Noite” que:

“(…) em diversas culturas tradicionais a experiência onírica não remete apenas a outra realidade mental, mas a uma realidade material, concreta e perceptível(…) Nessa chave explicativa, o sonho não representa um mergulho em si mesmo, mas o embarque — voluntário ou não — numa viagem potencialmente recompensadora e ameaçadora” (RIBEIRO, 2019, p. 332)

Nossa intenção sempre foi nos apropriarmos do material onírico que coletamos; extrair deles o que nos atinge com mais força e mesclar com nossas próprias impressões e questionamentos. Não buscamos o “onirismo feito pó”, mas sim o onirismo feito mar, gigantesco, em que podemos escolher onde mergulhar e o quão profundo nos afundar. Assim, partimos para o primeiro procedimento, os *workshops*.

Definimos *workshops* como experimentos audiovisuais de curta duração que tenham como ponto de partida um sonho de escolha própria, a princípio.

É preciso deixar explícito que não cursamos audiovisual e nem tínhamos experiência na área quando decidimos trabalhar com esta linguagem. A escolha nos pareceu mais lógica em uma situação de pandemia, em que não poderíamos nos encontrar presencialmente sem colocar nossa saúde em risco. O que se seguiu, então, não foi apenas uma investigação artística, mas também de linguagem; um descobrimento das possibilidades do vídeo e, também, das dificuldades, que foram muitas. Sem nenhum equipamento profissional de filmagem ou iluminação e sem uma equipe para auxiliar nas filmagens, utilizamos o que tínhamos em mãos- luminárias de armário,

lanternas, muitas extensões, celulares e tripés improvisados- e o que mais nossa criatividade possibilitasse.

No primeiro semestre de criação, foram realizadas seis rodadas de workshops. Ao todo foram trinta experimentos em vídeo filmados até junho de 2020.¹

No começo trabalhávamos com sonhos próprios, anotados em nossos “sonhários”. Percebemos, porém, que teríamos uma perspectiva mais rica sobre sonhos pandêmicos se estivéssemos em contato com os sonhos de outrem. Criamos um formulário dos sonhos, que apelidamos carinhosamente de [Sonhos de uma Noite de Quarentena](#), um espaço onde qualquer um poderia mandar seus sonhos, se identificando ou não, e especificando a sua experiência pandêmica. Assim nossos workshops foram ganhando dimensões temáticas que estavam rondando as mentes da população quarentenada que preencheu o formulário.

Luana - O bonito de adentrar as mentes outras foi perceber que elas não eram tão diferentes das nossas, algo de familiar sempre existia ali, e é reconfortante saber que algumas imagens tão assustadoras não pertencem apenas ao nosso imaginário. As imagens, que acabávamos por reconhecer, sempre foram tão fortes, tão presentes que os primeiros trabalhos em vídeo foram criados muito facilmente. Sinto que a nossa vontade de trabalhar, nosso anseio por “produzir” foi tanto que não foi necessária muita força para que a criação acontecesse.

Já que nem todo workshop nos rendeu, naturalmente, descobertas significativas, selecionamos, a seguir, apenas alguns deles ([workshop da casa azul](#), [workshop cabeças que rolam](#), [workshop dos pés que voam](#), [workshop das flores](#)):

¹ Flores; Galinha; Casa Azul; Avó; Rolha; Casa flutuante; Casa Azul 2; Cabeças que rolam; Desenho; Rosto de Folhas; Festa; Encontros; Pés que Voam; Em casa; Afogamento; Inseto; Ponte; Escadas; Maju; Voo; Inseto 2; Cabeças que rolam 2; Casa Azul 2; Minhoca; Escadas 2; Pés que voam 2; Estômago; Ponte 2; Casa Azul 3 e Mágica), cada uma contendo cinco workshops (cada um de um membro do grupo, vide páginas 6 e 7).

4.2.2 Descobertas em vídeo

Casa azul

“Uma casa como a minha, mas um tanto diferente. Eu estou no corredor olhando para frente. Na verdade, estou na porta da cozinha e vejo o hall, o espelho do hall e um tapete no chão. Tudo é azul, um azul não muito claro e nem muito escuro, muito frio, melancólico e assombrado. A casa me deprime e me assusta. Tenho vontade de sair dela”, Luana Pantaleoni, sonho de infância.

O workshop criado por Lux Machado foi inspirado pelo sonho da casa azul tido por Luana. Nele, a câmera parece ter vontade própria, se movimenta explorando um ambiente completamente azul, encontra formas desconhecidas e conhecidas. Da janela, uma luz azul quase cega a câmera. Vemos a janela dentro da tela, o enquadramento dentro do enquadramento. Uma forte música instrumental cria uma atmosfera de suspense, como se algo estivesse prestes a acontecer... Quando vemos um corpo no chão, imóvel- uma pequena estatueta do Oscar foi utilizada.

A ideia de um quarto banhado completamente pela cor azul, melancólico e assombrado, como se a cor em si só fosse um personagem, perdurou por bastante tempo com o grupo, até aparecer novamente no curta Azul Apneia.

Cabeça que rola

“Uma viagem de navio. Apenas eu e meu avô, pelo que eu me lembro. O cruzeiro ia até o Pará e voltava. Como meu avô nunca tinha viajado de navio

eu tinha medo que ele se apoiasse nos parapeitos e caísse no mar. Eu segurava ele toda hora.”, Luana Pantaleoni, 24 de março de 2020

Dois workshops, ambos de Luana, surgiram da imagem do avô caindo.

No primeiro, um pequeno homenzinho estava sentado na ponta de uma cadeira. Ele se balançava até sua cabeça cair na água. O vídeo retrocede. Já no segundo, o corpinho faz o mesmo balanço, porém em uma janela. A atmosfera marítima é criada por meio dos sons. A cabeça cai e começa a rolar por diversos ambientes da casa, várias cabeças começam a rolar no vídeo, até o momento em que a cabeça é salva e colocada no corpo.

A ideia de um corpo que se desfaz e uma cabeça que rola pelos ambientes foi muito importante para o processo criativo, tanto que esteve presente em nossa abertura no final de 2020. Outro aspecto que foi aprofundado são os cômodos da casa. A casa em si se tornou um grande marco no trabalho, e o passeio por ela é usado amplamente em Azul Apneia.

Pés que voam

“Ultimamente tenho tido, dos sonhos mais comuns aos mais loucos, normalmente eu tô vivendo minha rotina comum, antes dessa loucura acontecer, e acontecem coisas estranhas.

*Já sonhei que estava na quadra de futebol e eu tava correndo de um amigo e comecei a pular, só que meus pulos eram tão altos que eu voava”,
Anônimo, início da quarentena.*

Novamente dois workshops surgiram do mesmo sonho. No primeiro, feito por Lux, um bonequinho de alumínio se encontrava em um campo de futebol desenhado em uma folha sulfite. Enquanto a música *“I believe I can fly”,* de R.

Kelly, toca, o boneco começa a voar e no fim ele se encontra voando com a paisagem do céu logo atrás, como se ele estivesse voando alto no céu.

No segundo, criado por Carol, começamos observando a perspectiva dos pés. Vemos eles andando e cercados por barulhos infantis. De repente os pés chutam uma bola imaginária, e assim ganhamos a sua perspectiva. A bola entra no gol e novamente vemos os pés, comemorando o gol feito, saltando. O barulho das crianças cessa e os pés começam a flutuar lentamente. Quando, finalmente, vemos os pés em cima de uma tela de computador com a imagem de um céu. Os pés alcançaram os céus e eles nos dão uma visão de cima do campinho de futebol.

Duas coisas nos marcaram nestes workshops. A primeira foi a questão de adotar uma parte do ser para representar ele todo. Percebemos que não era necessário mostrar o boneco inteiro andando pelo campinho, mas apenas os seus pés. O recurso foi utilizado em muitos momentos de Azul Apneia, principalmente durante o começo do curta. Outra característica importante para a pesquisa foi o fato de o boneco subir aos céus, literalmente. A imagem do boneco, ou melhor, dos pés do boneco no céu, perdurou e é uma das cenas do curta. A ideia de trazer uma tela ou uma projeção com os pés nos marcou muito, foi um momento de entender a mistura do mundo real com o mundo da animação que estávamos construindo.

Flores

“Acordo soterrada por flores; algumas delas entram em minha boca e tapam meus ouvidos. Sinto elas dentro da minha calcinha. Não consigo me mexer. Estou paralisada”, Carolina Borges, março de 2020

O primeiro workshop feito por Carol mostra um pequeno ser de papel alumínio- deveríamos usar apenas materiais de casa- sem conseguir respirar. Aos

poucos, flores começam a nascer em sua face, em seu interior, cobrindo seu rosto e impedindo sua respiração. O ser se desespera, tenta se livrar das flores, mas é impossível; sua cabeça é arrancada e seu corpo é amassado e jogado fora.

Ao longo dos meses em isolamento social, tocamos várias vezes na temática da respiração, ou mais precisamente, na dificuldade de respirar. Muitos sonhos recebidos representam pessoas sufocadas ao caírem na água, ao serem soterradas, entre outros, o que nos remeteu instantaneamente ao vírus e à pandemia, como vimos acontecer no começo de 2021 em Manaus e, em seguida, no país inteiro.

Levamos a metamorfose em flores, em flora, para o nosso segundo projeto de curta-metragem que iremos comentar mais à frente.

Carol - Realmente, neste primeiro momento de criação em vídeo muitas imagens nos atiçaram: um corpo que perde sua cabeça, um boneco que sobrevoa um campo de futebol, uma casa alagada... A sensação de acúmulo aumentou, o processo tornou-se mecânico e em pouco tempo não teríamos mãos o suficiente para segurar aquilo tudo. Qual imagem então nos tocou mais e com o que valeria a pena trabalhar? Tantos dias passados em isolamento, vendo o mundo pela janela, vendo os parceiros de criação apenas da cintura para cima, nos trouxe fortemente o desejo de falar de CASA, a que nos protege e nos sufoca. Uma casa à deriva no mar aberto, solitária; uma casa invadida pela água, pelas ondas, uma pequena casa sendo engolida pela sede. Todas essas imagens criadas em vídeo e que desejávamos investigar mais a fundo. Quais outras imagens despertaram nosso desejo de criação?

Luana - A casa preencheu uma grande fatia do nosso interesse. Existe tanto para se falar sobre ela durante esse período tão caseiro. As cabeças que rolam, que vão por aí sem saber por onde vão, também estiveram muito

presentes nos sonhos e em nossa criação. Tantas coisas são cabeças rolando.

A confusão que a pandemia causou em todas as pessoas, o governo tosco e torto e suas cabeças apoiadoras, as mortes e as cabeças que estão rolando durante esse período tão difícil e a perda da cabeça, o não aguentar mais estar imersa em coisas tão terríveis que são engolidas por coisas mais terríveis ainda. Nossas cabeças foram preenchidas com a imagem de cabeças rolando. Tudo isso, tudo que estava surgindo em imagens começou a gerar a ideia de sentimentos.

“Meu vizinho de hall tinha dois tigres. E ele deixava a porta dele aberta e os tigres vinham até minha casa e entravam. Os tigres não me mordiam...ficavam do meu lado e eu ficava parada, intacta, com medo para que eles não me mordessem. De repente os vizinhos se mudaram, porém, deixaram os tigres sozinhos no apartamento e eu achei um absurdo. Fim.”

Anônimo, sem data

4.3 [Azul Apneia](#)

Durante a feitura dos workshops, Marcelo Denny, nosso professor da matéria Projetos Teatrais I sugeriu que trabalhássemos em um curta-metragem. Denny dizia que tudo que precisávamos já estava ali, que teríamos que apenas investir naquilo que já tínhamos. E, realmente, nosso trabalho com o curta já estava bem encaminhado. Precisávamos apenas definir algumas coisas para conseguir submergir nestes sonhos em que estávamos nadando há alguns meses.

Depois de muito analisar os sonhos que tínhamos conseguido através do nosso formulário, percebemos que um sentimento era presente em boa parte deles. O sentimento de angústia. Tanto em “A Interpretação dos Sonhos” como em “Sobre os Sonhos”, Freud define sonhos de angústia.

“(...)o sonho – como ocorre nos sonhos de angústia – já não pode cumprir sua função de impedir a interrupção do sono e assume, em vez disso, a outra função de fazê-lo cessar prontamente... quando as causas da perturbação lhe parecem graves, de um tipo que não pode enfrentar sozinho” (FREUD, 1996)

Quantas pessoas, nesses últimos meses, não sonharam que saíam de casa sem máscara e, ao perceber o quão expostas estavam, acordaram assustadas? Assim, filtramos todos os sonhos recolhidos até então, selecionando apenas sonhos de angústia. Vários deles nos chamaram a atenção, alguns em particular achamos muito perturbadores para o trabalho, mas o material que encontramos nos levou a um produto inesperado.

Luana -Trabalhar com angústia pareceu-me extremamente perigoso. O medo de cair dentro desse poço sem fundo e não conseguir emergir nunca mais estava presente em todos do grupo. Estávamos pensando a angústia, tentando trazer a sensação dela por diversos sentidos diferentes e assim

estávamos caminhando em direção da angústia na vigília. Era preciso parar e conversar. Não podíamos deixar que o sentimento chegasse a consumir nossas energias, assim o trabalho não andaria e ficaríamos doentes.

Separamos então um por um e os destrinchamos até entender o que era aquele sentimento tão presente no mundo onírico e no mundo real. Assim, decidimos que nosso curta falaria sobre angústia. Um dos sonhos que separamos nos chamou atenção e ele acabou sendo uma base para a criação do roteiro do curta.

“Sonhei estar entrando em um grande casarão de madeira, em um lugar muito arborizado e isolado – talvez em uma montanha, mais próximo Dele seja lá quem Ele seja. Em cada cômodo desse casarão havia uma pessoa chorando, às vezes violentamente. Na sala central, várias pessoas estavam sentadas, sem roupas, abraçando os joelhos, e, também, chorando, todas muito próximas umas das outras. Algo no sonho me informou que aquele casarão era o lugar para onde pessoas mal sucedidas, em qualquer âmbito da vida (profissional, familiar, romântico, acadêmico, intrapessoal), iam para se lamentar. Choros rasgados e agonizantes transpassavam choros leves. Corpos magros e gordos, jovens e velhos, completamente nus. Entrei na casa, me despi, encontrei meu lugar entre os veteranos, me sentei. Comecei a chorar. Acordei exatamente sufocado e envolto de suor.”, Gustavo Zanfer, 17 de abril de 2020

A partir daí, iniciamos uma escrita coletiva, nós duas e Marcella, inspirada no jogo *Cadavre Exquis*, ou Cadáver Esquisito, praticado pelos surrealistas no século XX. Não escrevemos, porém, às cegas como faziam eles (um jogador escrevia algo e dobrava o papel, então outro jogar continuava a escrita sem saber o que antecedia a esta); escrevemos uma história que surgia por partes, a escrita de uma levava à escrita da outra, podendo uma interferir no fluxo da outra à vontade e, aos poucos, fomos criando o roteiro inicial do curta. Deixamos que Marcella ajustasse o texto e deixasse as ligações entre as escritas mais fluidas. A nossa dramaturga, então, começou a trabalhar em

indicações que evidenciassem as ações presentes no roteiro, para que pudéssemos de fato filmar aquilo que tínhamos escrito.

Neste momento, outras personagens começaram a se envolver com o roteiro. Lux, Tuzão e Marcos Pantaleoni, artista convidado, começaram a interferir na escrita, adicionando sempre comentários e sugestões que dissessem a respeito da área de cada. Já tínhamos pensado em cores, sons e cenografia enquanto escrevíamos, mas o complemento que elas nos deram foi essencial, conseguíamos ver aquilo tomando forma.

“(...) procurei transformar o esqueleto do roteiro em indicações palpáveis e, ao mesmo tempo, carregadas de certa subjetividade, na tentativa de edificar um universo comum de imagens visuais, sonoras e, especialmente, sensoriais, onde cada pessoa teria espaço para criar dentro de sua área de atuação.

Se a honestidade consigo e com outrem é essencial num processo de criação coletivo, é preciso dizer também que a escrita desse roteiro foi carregada de uma dose de insegurança, natural por se tratar de um tipo de trabalho completamente novo para mim. Nesse sentido, foi acolhedor participar de um grupo em que houve apoio, afeto e crescimento coletivos.”

Marcella

No final das contas o nosso roteiro ficou assim:

Roteiro curta-metragem

[mensagem de alerta sobre angústia]

CENA 1: Blackout. Ouve-se uma música instrumental que passa a sensação de tranquilidade, bem alto, para disfarçar qualquer som que venha de dentro da construção (aproximadamente 10 segundos). (Material sonoro: música tranquila. Cenário: nenhum até aqui.). Aos poucos a imagem vai se revelando... Uma parede vermelha antiga, meio descascada e uma porta. Ela se abre devagar e vai revelando um feixe de luz. (Material sonoro: música tranquila. Cenário: parede e porta. Enquadramento: luz branca vinda de frente, da mesma direção da câmera.)

Transição: porta começa a se abrir sozinha.

CENA 2: À medida em que a porta se abre, ouve-se, ao longe, pessoas chorando. A música continua tocando, muito mais alta que os sons lá de dentro, que ainda parecem com choros abafados, baixinhos. De início, ouvem-se sons espaçados. Mas, quanto mais aberta está a porta, menor é o tempo de silêncio entre um som e outro, até que seja contínuo. Só quando a porta termina de se abrir, ouve-se uma pessoa chorando de maneira estridente e desesperada, tão alto quanto a música. A luz, a princípio, é tão forte que não se vê nada do outro lado (como abrir os olhos sob o sol: a vista se acostuma com a claridade aos poucos). A intensidade da luz diminui gradativamente, até que seja possível visualizar tudo. (Material sonoro: música tranquila, pessoas chorando baixo, um choro estridente. Cenário: mesmo da cena anterior. Iluminação: uso de uma luz forte, que diminui gradativamente ao final da cena. Enquadramento: luz amarela sai de dentro da porta (luz contra), para dar ideia de luz do sol.)

Transição: vê-se a imagem ligeiramente embaçada com água, como se o boneco estivesse lacrimejando e, por isso, não pudesse enxergar com nitidez. A cena se transforma, gradativamente, numa das imagens dos experimentos aquáticos incolores ou vermelhos, fazendo referência à parede (sugestão: bolhas ou movimento da água num recipiente)*. O boneco pisca (rápido blackout, talvez “emoldurando” a cena com o formato dos olhos.)

CENA 3: Um corredor comprido. (A partir daqui acompanhamos pés que vão andando pelo espaço. Referência: pés de argila de Carol). A aparência de construção antiga, tomada pela umidade, embolorada. O espaço é laranja. Algumas portas abertas, outras fechadas, mas não se pode ver o interior de nenhuma delas. Breve pausa do lado de fora até que a câmera adentra o ambiente, de modo que a música fica mais baixa e os sons de pessoas chorando, mais altos. Ouve-se a porta de entrada ranger e depois fechar. A música é agora bem baixa. A câmera olha para o chão de tacos, olha para o corredor, olha para o chão de novo. Breve pausa até seguir andando corredor adentro, bem lentamente.

À medida que adentra o corredor, os choros leves ficam mais altos. Os pés pausam, hesitam por alguns segundos antes de continuarem andando. Após alguns passos, olha para o lado: uma estampa que parece se movimentar (semelhante a desenhos de ilusão de ótica) toma conta da tela, enquanto se ouve um choro agonizante. (Material sonoro: música tranquila (agora mais baixa), rangido e bater da porta, pessoas chorando de diversas formas (agora mais alto). Cenário: corredor. Boneco: apenas os pés. Imagem digital: ilusão de ótica. Enquadramento: sem teto, luz de cima âmbar (luz de ambiente)).

Transição: após a imagem, os pés dão mais alguns passos pelo corredor.

CENA 4: Na metade do corredor, a música que tocava lá fora já é inaudível, só se ouvem pessoas chorando, cada vez mais alto. Os pés escolhem uma das portas. É preciso entrar em algum lugar para que aquele som pare. (Material sonoro: pessoas chorando de diversas formas. Cenário: mesmo da cena anterior. Boneco: apenas os pés. Enquadramento: igual à cena 3.)

Transição: imagem aquática que brinca com cores e/ou luzes (sugestão: fluorescente, leite ou lâmpada de lava)*. Primeiro, vê-se uma sequência de fotos/vídeos curtos acelerados da imagem em ângulos diferentes (aproximadamente 5 segundos). Depois, um vídeo em câmera lenta (aproximadamente 8 segundos). O vídeo vai perdendo a nitidez até a tela ser completamente coberta pela cor da porta do quarto (como quando editamos uma imagem e mexemos na “transparência”, até não podermos ver mais nada).

CENA 5: Assim que entram em um quarto o som cessa, ouvimos apenas um tema bem baixo. O quarto está vazio e é amplo e claro. À medida em que os pés se aproximam de um dos cantos do quarto é possível reparar a existência de uma casinha. Uma casa antiga, com um tamanho grande perto dos pés. A casa se abre e os pés adentram seu espaço. (Material sonoro: tema, estilo música de elevador, música Antena 1. Cenário: quarto e casinha. Boneco: apenas os pés. Enquadramento: luz magenta) *pensar cores

Transição:

-se o boneco entrar na casa através de uma porta: o primeiro espaço é um hall de entrada bem pequeno, quase um cubículo. Quase não há luz. O boneco se vê preso nesse lugar. Olha para cima e vê uma porta quadrada, que se abre sozinha. Na próxima cena, ele já está no outro cômodo.

-se a casa toda se abrir para o boneco: o interior é um corredor cheio de portas, todas diferentes entre si, bem coloridas (referência: cena das portas de Monstros SA). O boneco escolhe uma porta quadrada. A porta se abre e ele adentra o novo ambiente.

-transição de luz

CENA 6: O ambiente já é outro. Escuro, estranho (referência: O Castelo Animado), não lembra em nada o ambiente anterior. A música vai aos poucos mudando e se adaptando ao novo local. Close no rosto do boneco. Ele olha para as próprias mãos. Aquilo que eram pés outrora agora é um corpo. Um corpo completo dentro de um espaço pouco confortável, quase assustador. Assemelha-se a um porão, completamente azul, a luz parece que entra por frestas no teto. Alguns móveis antigos e acabados decoram o ambiente. Som de água pingando. No meio da sala no ponto mais luminoso há uma goteira, formando uma poça de água no chão. A goteira é também a única fonte de luz do quarto. O boneco se aproxima, observa e vê seu reflexo na poça. A sua aparência no reflexo é a mesma mas o boneco se estranha. Ouve-se um sussurro vindo da poça, seu reflexo o chama. O reflexo parece mover-se por conta própria. Uma mão sai da poça, parece em decomposição, e toca a mão do boneco. Ele se assusta e fecha os olhos. Som de mar. No momento que ele abre os olhos o som desaparece. Novamente fecha os olhos e o som de mar volta, mas ao abri-los só ouve a goteira. (Material sonoro: tema do ambiente anterior, que vai se adaptando ao novo local + som da goteira + som do mar. Cenário: ambiente interno da casinha, com a poça. Boneco: boneco inteiro e mão em decomposição. Enquadramento: luz azul, ângulos de dentro e fora do aquário.)

Transição: boneca olha fixamente para a goteira. Close na goteira.

CENA 7: As gotas parecem cair mais rapidamente e o boneco recua, assustado. O corpo se cansa e decide se encolher no espaço, à medida que vai se encolhendo começa a chorar, parece copiar os choros que ouvira poucos momentos antes. À medida que chora mais e mais, mais goteiras surgem no teto, quase como se chovesse dentro do quarto. O quarto fica também mais iluminado, já que cada goteira é uma pequena fonte de luz. Vemos de cima o boneco encolhido, chorando, sobre o chão molhado. (Material sonoro: tema do ambiente + som de goteira, que se intensifica + choro do boneco com som de água. Cenário: mesmo da cena anterior + artifício da chuva. Boneco: boneco inteiro.)

Transição: ainda na visão aérea da cena, a câmera foca nas gotas de “chuva”, de modo que a água fica em evidência.

CENA 8: O cômodo vai se enchendo de água cada vez mais, a força da água que entra é imensa e o som da água parece engolir qualquer outro som. Finalmente o cômodo está submerso, o boneco está no fundo disso que parece uma piscina. O som da água vai se misturando com os sons dos choros, bem baixinhos, formando uma nova trilha, submersa, aquática. O boneco percebe a situação que se encontra e aos poucos tenta subir a superfície, sem êxito. Ele tenta subir mais algumas vezes e conforme as tentativas vão fracassando ele vai ficando cada vez mais desesperado. A luz aqui vai diminuindo, aquilo que era azul começa a escurecer cada vez mais, um azul cada vez mais marinho. (Material sonoro: música do ambiente (bem baixa) + som da água enchendo + som da água quando se está submerso nela + choros. Cenário: mesmo da cena anterior, agora com água + possível uso do aquário. Boneco: boneco inteiro.)

Transição:

-a) O azul fica cada vez mais escuro, até a tela ser tomada por ele e não podermos mais ver o boneco. Fica mais e mais escuro até atingir o blackout.

-b) O azul fica cada vez mais escuro, não podemos ver o boneco, mas ainda vemos a água. Esta água vai se transformando num vapor da mesma cor.

CENA 9: Blackout (a música também para). A música aumenta muito rapidamente (bruscamente) e a luz vai voltando aos poucos. os pés voltam e começam a subir muito rapidamente, em direção ao céu (gostaria de usar aqui a imagem do céu na tela do computador). O movimento de subida vai acelerando e se tornando caótico, as imagens se confundem. (aqui pensei em algo como a viagem no espaço tempo em 2001). (Material sonoro: uma música bem alta. Cenário: céu na tela do computador (ir passando tela do pc para fazer o movimento). Boneco: apenas os pés. Imagens caóticas: experimentos feitos na água

ideias para imagens caóticas:

-partes do corpo de um boneco semelhante afundando ou num redemoinho na água (referência: workshop de Luana em que a cabeça do boneco afundava na água)

-experimentos com água e cores em movimento

Transição: o caos da cena anterior chega ao ápice, até o blackout.

CENA 10: Blackout. Ouve-se, bem alto, uma música instrumental que passa a sensação de tranquilidade. Aos poucos a imagem vai se revelando... Uma parede verde antiga, meio descascada e uma porta. Ela se abre devagar e vai revelando um feixe de luz. A

cena começa novamente, quase exatamente da mesma maneira. A trilha sonora é outra, parece conter a trilha antiga, mas não é inteiramente ela.

Tudo acontece novamente, muito rapidamente (imagem e música vão acelerando aos poucos), com cores outras (desta vez, todas as cores são mais frias). Vemos uma frase aparecer na tela (tipo Tarantino), agora ocupando a tela inteira: "O SONHO É O GUARDIÃO DO SONO, NÃO SEU PERTURBADOR" (FREUD). Uma memória, um déjà vu. Quando tudo passa, temos uma imagem congelada da última cena, que vai, bem lentamente, diminuindo na tela. Ao final, parece uma foto 3x4. Em cima da imagem, aparece o título: [TÍTULO] (Vídeo: Reprodução do vídeo que anterior, em cores frias, a velocidade aumenta gradativamente. Material sonoro: a trilha sonora segue a base da primeira parte do vídeo, mas desta vez, com menos elementos, de modo que podemos perceber uma característica antes oculta; o som da água é evidenciado.)

Logo após termos definido que este era o roteiro final, tivemos uma difícil tarefa a cumprir. Estabelecer o tempo de cada cena. Isso teve de ser feito previamente por conta da trilha sonora, para que as músicas fossem pensadas com uma certa antecedência. E assim decidimos, segundo por segundo, o que aconteceria em nosso curta e qual seria a duração de cada cena.

O roteiro já estava pronto e chegara a hora de construir todo o cenário e o boneco principal. Como estávamos em isolamento total decidimos dividir o trabalho, ou seja, cada uma de nós - Carol e Luana - construiria uma parte do cenário. Mesmo assim percebemos que algumas coisas precisariam ser construídas por nós duas. E assim decidimos construir dois bonecos e dois quartos azuis idênticos.

A princípio não eram muitos cenários diferentes, pensamos então que não teríamos dificuldade em criá-los. Percebemos que estávamos completamente enganadas. Construímos: a parede com a porta do início, o corredor repleto de portas, o quarto branco com a casinha, os quartos azuis idênticos e os bonequinhos verdes idênticos. Como a nossa vontade era fazer tudo o mais "bem feito" possível, demoramos horas e horas para confeccionar cada cenário. Cada palito tinha que ser cortado e colado individualmente, as cores precisavam ser misturadas de forma que ficassem ideais, os móveis do quarto azul precisavam ser iguais, não podiam ter mais um centímetro a mais ou a menos, e o mais complexo, os bonecos precisavam parecer o mesmo. Queríamos causar a ilusão de que apenas um boneco tinha sido construído.

Após muito trabalho e frustração, muito amassar e “desamassar” de massinhas diversas, depois de muitas comparações de medidas e vídeo chamadas para entender como seria desde o esqueleto até a pintura dos olhos do nosso personagem principal, conseguimos criar tudo. Com materiais comprados por nós mesmas e ideias desenvolvidas pelo grupo. Nascia assim uma parte do visual do grupo.

Chegava a penúltima parte. Aquela que nos deixava com um medo enorme do desconhecido, a gravação. Não tínhamos câmeras, iluminação apropriada e muito menos estúdio. O desafio era gravar tudo em casa, pelo celular, usando abajures como refletores e celofane como gelatina. Montar um estúdio na sala de casa não é nada fácil. Primeiramente porque nossas cenas usavam luzes bem coloridas, então precisávamos gravar no escuro. E isso só era possível durante a noite, pois nenhum cômodo, em nenhuma das duas casas, ficava completamente escuro durante o dia. Outro aspecto importante a ser considerado é que estaríamos manipulando os bonecos durante a filmagem, então precisaríamos de companheiros que operassem a câmera durante as gravações. Contávamos com a ajuda da família, mães, irmão, namorado. Além de tudo isso, ainda tínhamos que pensar que iríamos gravar cenas com água! Como não molhar a sala inteira? Ou então, como enquadrar apenas essa pequena parte da água caindo?

Nada parecia ideal, e de fato nada era ideal. Quando se está acostumado a pensar teatro é difícil mudar a chave para pensar audiovisual. Os ângulos nunca são os mesmos, assim como o tempo, que parece ir se encurtando cada vez mais. Mas ganhamos importantes artifícios, como o zoom. E foi assim, aos tropeços, que finalmente conseguimos gravar cada uma das cenas diversas vezes, com os mais diversos ângulos. Gravamos mais de duas horas de material e pretendíamos criar um curta de apenas dez minutos.

A edição ficou responsável por fazer a mágica acontecer, criar transições fluidas, ajustar cores e brilho e adicionar os efeitos que desejávamos. Conversamos com o Rodrigo Nunes constantemente sobre a edição até chegarmos em uma versão que nos agradava completamente. E ainda assim o trabalho não estava pronto! A fase final veio com a trilha sonora.

Como a trilha sonora estava sendo criada por Marcos Pantaleoni, em paralelo ao curta, tivemos que esperar um tempo até que ela estivesse pronta, mas, assim que foi finalizada percebemos que o encaixe com o vídeo estava excelente e que mais nada precisava ser alterado nesse sentido.

Temos pouquíssimos registros feitos durante as filmagens do curta, mas eles são o suficiente para entender a maneira como estávamos trabalhando.

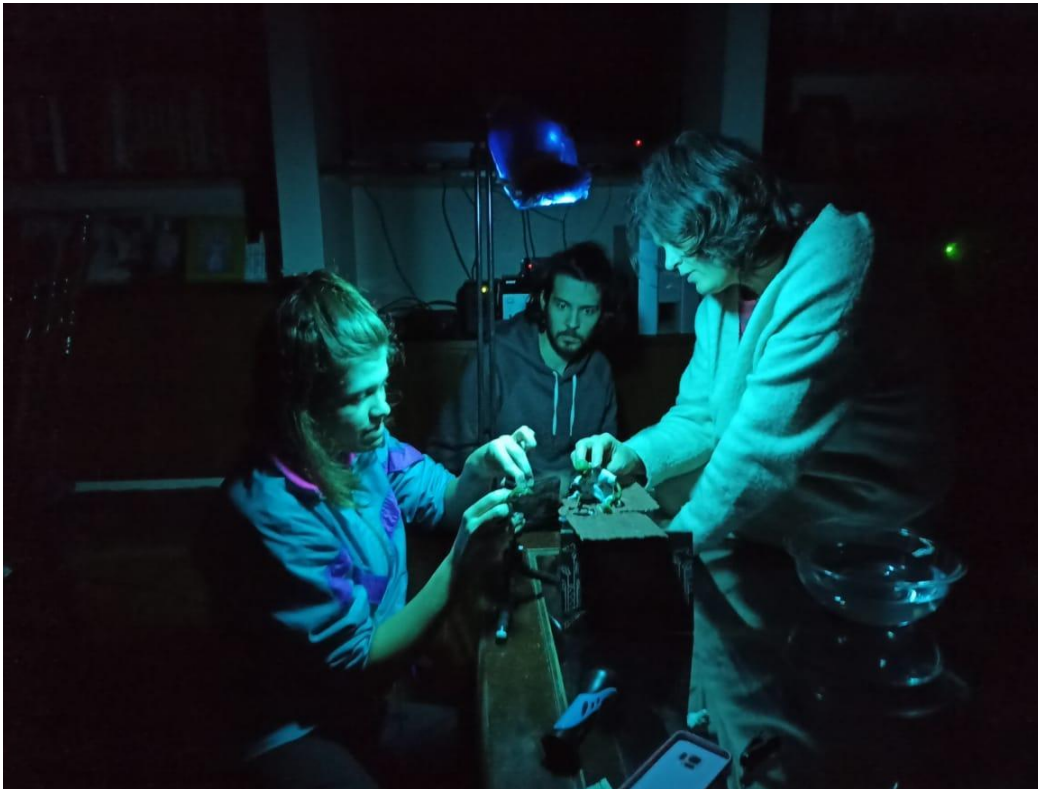


Figura 8: Luana, Lúcia e Rodrigo durante as gravações de Azul Apneia, foto por Ernesto Cohn

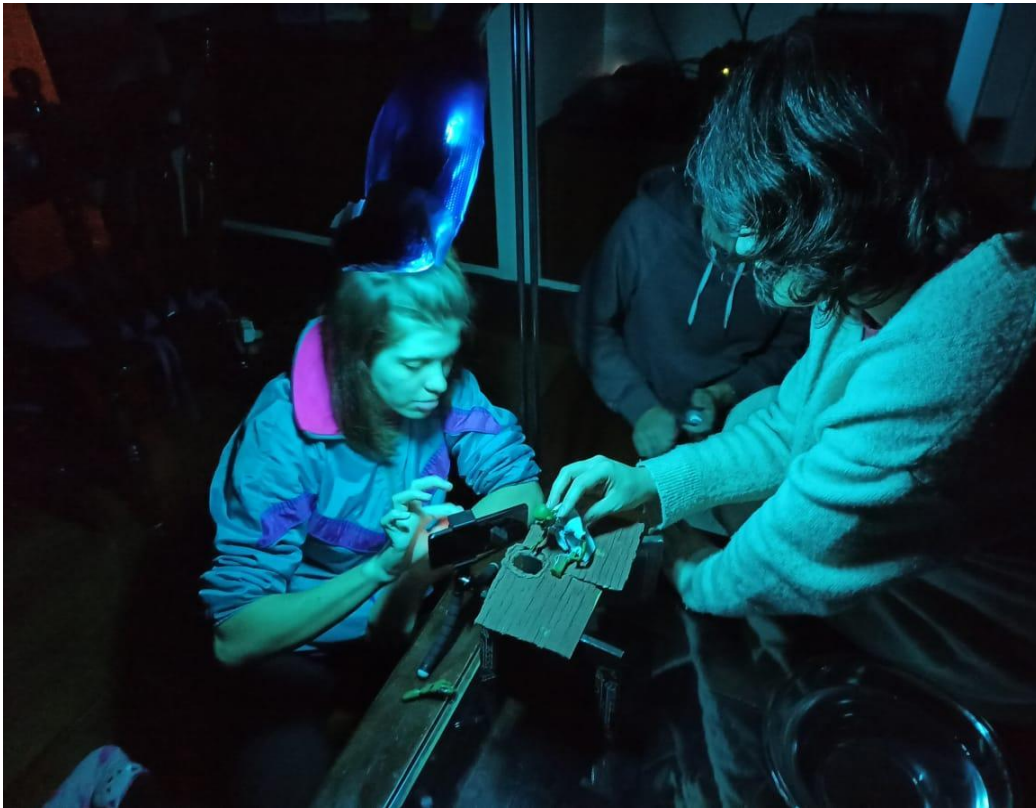


Figura 9: Luana, Lúcia e Rodrigo durante as gravações de Azul Apneia, foto por Ernesto Cohn



Figura 10: Luana, Lúcia e Rodrigo durante as gravações de Azul Apneia, foto por Ernesto Cohn

Carol - Este período de escrita e criação, que resultou no curta-metragem Azul Apneia, foi extremamente cansativo; posso até dizer que a angústia temática se confundiu com uma angústia real. A criação foi solitária, cada um na sua casa fazendo sua parte e trocando ideias pela tela do computador. Também a tecnologia passou a ser um problema, dificuldades técnicas e a aproximação falsa que as videochamadas nos proporcionam tornaram o trabalho estressante. Mas lidamos com as dificuldades e as enxaquecas, e o resultado final me deixou contente. Você, Luana, usou uma metáfora para descrever o curso do rio que estamos seguindo que me parece precisa: uma árvore em que o tronco principal é o nosso desejo de criar a peça, mas que com o tempo e os contratempos se ramifica em galhos, as criações paralelas surgidas em um período onde o teatro não é possível; esses galhos podem até parecer independentes a primeira vista, mas o xilema que flui das raízes alimenta o processo de fotossíntese das folhas, e delas o floema migra para o tronco em uma relação constante de simbiose. Nunca perdemos de vista o desejo de criar uma peça. E você, o que sentiu durante as filmagens do curta?

Luana -Sinto que a parte da criação do curta que me deixou mais angustiada foi a gravação. Estávamos em uma situação completamente adversa, sem câmera profissional, sem iluminação profissional, sem um lugar adequado para gravar. O estresse começava quando o sol se punha e eu iniciava a preparação do espaço. A sala magicamente se transformava em algo similar a um estúdio amador. O momento em que gravei as cenas com água então, nem se fala. Tinha passado dias criando o quarto azul, colado palito por palito, pintado tudo, criando móveis e almofadas, para ver tudo indo, literalmente, por água abaixo. Por mais que tenhamos feito diversos testes a respeito de materiais à prova d'água, tudo parecia não condizer com aquilo que tínhamos testado. Os palitos se soltavam cada vez mais, cada minuto de gravação era uma tortura, pois eu observava a água infiltrando por debaixo do chão de palitos e fazendo com que os palitos inchassem e se descolassem do chão. O desespero me subia a cabeça e eu era obrigada a encerrar as gravações para fazer um conserto, por conta da falta de materiais. Por mais que eu tenha feito tudo com a maior precisão possível, construído tudo pensando nos menores detalhes, todos os dias de gravação,

no exato momento do anoitecer, eu sentia uma angústia no peito. Foi muito difícil lidar com as frustrações causadas por esse tipo de inconveniente. Como você lidou com elas?

Carol - Foi um mês difícil em que muita coisa se acumulou. Me identifico com a angústia que você relatou, mas acredito que o isolamento também alimentou esse sentimento. Não é fácil tocar um processo criativo à distância... sinto falta do contato presencial, da naturalidade do toque e de ver os pés dos colegas com os quais estamos trabalhando. Mesmo assim, fizemos o que era possível e fiquei satisfeita com o resultado, principalmente após os retornos dos amigos que assistiram ao curta.

Uma única coisa faltava neste trabalho cheio de mãos. Um nome. Decidimos então fazer uma chuva de ideias. Cada pessoa do grupo ia pensar em sua casa, depois de ter assistido ao primeiro corte do curta, em diversos nomes, assim poderíamos escolher apenas um.

Azul: a cor do mar e do céu. A cor predominante de um sonho tido durante a infância de uma integrante do grupo.

Apneia: ausência de entrada do ar; parar de respirar. A falta de ar real e a onírica, coexistindo, uma pela doença e outra pelo medo.

Azul Apneia.

O curta-metragem era, inicialmente, para além de parte do nosso TCC, um trabalho de conclusão da matéria Projetos Teatrais I. Fomos estendendo o prazo e o curta acabou ficando pronto muito tempo depois do final da matéria.

Azul Apneia estreou no dia seis de novembro de dois mil e vinte. Realizamos uma reunião pelo Zoom juntamente com a estreia no Youtube, assim pudemos conversar com o público logo depois da exibição do curta. Sentimo-nos extremamente aquecidas pela recepção do público, estávamos sentindo uma sensação parecida com a de “dever cumprido”, mas sabíamos que não era o fim. Muita coisa ainda estava por vir.

“É, dá vida e bota em movimento. Obrigada por lembrar que angústia é real, dar corpo palpável a ela, mas que também é ilusão e às vezes não respeita as leis da física.”, comentário de Anna Alice após assistir Azul Apneia.

Algo estava surgindo. A nossa nova pesquisa, que mistura tanto artes cênicas quanto audiovisual é inovadora, não só para nós, mas para uma pesquisa em artes. Com ela começamos a pretender a apontar novos caminhos, novas saídas e novos mundos. A ideia de a pandemia estar afetando todo o mundo precisa ter desdobramentos reais e pós-pandêmicos. É preciso que a arte responda todo o isolamento e todo o abandono de alguma maneira nova, é impossível continuar como antes, mesmo porque o antes não existe mais. O mundo dos sonhos, o mundo da animação e do audiovisual abrem portas que já estavam entreabertas há tempos, e que apenas os tempos atuais conseguiram nos mostrar o que se passava ali dentro daqueles quartos antes abandonados.

O desejo de continuar precisa se manter inquieto dentro de cada artista, e ele não morre apenas pelo movimento. O movimento de continuar, de criar e de entender nosso lugar dentro de uma crise global. Seguir é preciso, e é por isso que nosso trabalho seguiu, e pretende continuar seguindo.

“Eu sonhei que estava numa aula do Denny. Era uma aula ao ar livre, mas estávamos em Tóquio. Estava tudo cheio de neve e sentávamos num grande montinho de neve, em um círculo. Nós usávamos casacos pesados, gorros, botas e óculos escuros. Ele nos contava, com animação, que participaria de uma série policial e por isso gostaria de ter uma experiência em um júri. Achávamos graça ele escolher um júri e fazíamos uma lista de pessoas que, antes de trabalharem com certo projeto, mergulhavam no universo do mesmo.”

Luana Pantaleoni, 04 de abril de 2021.

Infelizmente o nosso professor, Marcelo Denny, uma das pessoas que mais nos orientou durante o processo de criação, não pôde ver o trabalho finalizado neste plano. Contudo sabemos que parte dele está tanto em nós quanto em Azul Apneia.

5) A criação durante o segundo semestre de 2020

5.1 Como seguir?

Como já destacamos, vemos nosso trabalho como uma árvore que se ramifica em vários galhos. Apesar de termos um curta-metragem concluído, não colocamos um ponto final na pesquisa, muito pelo contrário, a quantidade de sonhos levantados e experimentos realizados nos impulsionou a continuar o processo. Outros galhos estavam para se formar e queríamos descobrir quais frutos eles dariam. O desejo de trabalhar em uma peça, entretanto, se intensificou e foi pensando nela que focamos nosso trabalho nesse segundo semestre de 2020, ainda não tínhamos ideia do quanto a pandemia iria se estender.

O trabalho que se seguiu após a finalização das filmagens, e também após uma pausa necessária, revelou-se desafiador. O ritmo ágil que adotamos no primeiro semestre, filmando experimentos audiovisuais, não funcionou nessa segunda parte. A partir da metade do mês de setembro, dias muito quentes se seguiram, lembramos dos trinta e oito graus que assolaram São Paulo. Foi também no dia oito de agosto de 2020 que o Brasil atingiu a marca lamentável de cem mil mortes devido à pandemia do coronavírus.

Carol - Lembro de ouvir as palavras “não sou coveiro” saídas da boca do nosso presidente lá em abril, e perceber que a situação apenas piorou de lá

pra cá. Mas o processo precisava continuar, certo? Queríamos continuar; como você mesma disse, Lu, canalizar a nossa angústia em algo criativo e artístico é um modo de lidarmos com a realidade. Sonhar é um modo de lidarmos com a realidade, sonhar é revolucionário.

Luana - Mesmo com o tempo de descanso que decidimos tirar, continuávamos cansadas, exaustas. E ainda por cima não estávamos conseguindo achar um horário em que todos pudessem estar presentes - é impressão minha ou ficou mais difícil de bater horário durante a pandemia? - até decidirmos nos encontrar de sexta-feira à noite. Para mim, um dos piores horários possíveis, onde o meu cansaço já está batendo níveis astronômicos. Mas estávamos decididas a continuar, porém com o quê? Qual ideia seria desenvolvida nesse segundo momento, onde já estávamos há meses sem nos encontrar presencialmente?

Decidimos voltar para a teoria, para as leituras e para a pesquisa de mesa. Passamos alguns encontros discutindo textos, vídeos e ideias que pudessem sugerir caminhos a serem traçados. A partir de muitas conversas e leituras achamos que a melhor maneira de continuar seria voltar para a prática. Começamos a desenvolver um novo workshop, num formato diferente. A vontade era que cada pessoa do grupo pudesse exercer sua função neste momento.

Nós - Carol e Luana - ficamos responsáveis por criar um primeiro workshop baseado em algumas palavras-chave que retiramos dos sonhos coletados com o formulário dos sonhos. Elas eram: DESABAMENTO, DEMOLIÇÃO, LAMA, TONTURA, CASA DESCONHECIDA, CASAS AMONTOADAS, PROPORÇÕES LOUCAS E ZOOM.

No momento em que estabelecemos que essas seriam as palavras escolhidas, muitas ideias começaram a surgir, e foi a partir delas que criamos dois workshops, que tinham como ideia inicial serem apenas um, porém não conseguimos achar uma maneira de juntá-los.

Trouxemos de volta o workshop “Cabeça que rola”, feito no primeiro semestre, como base. Os sete meses em quarentena nos atordoaram, as notícias diárias nos estarreceram, o calor nos deu dores de cabeça; uma cabeça que perde seu corpo e rola sem parar ressurgiu como uma metáfora apropriada - tendo em mente também as palavras selecionadas.

No workshop de Luana, uma mão desconhecida abre uma embalagem de remédio, e, em seu interior, vemos dezenas de pílulas-casas. Um ser, então, surge de costas; não é possível identificá-lo - durante o feedback até nos deu a impressão de ser uma Lua -, até que ele gira e vemos que se trata de uma cabeça sem corpo. Esta cabeça se agita, está inquieta, e logo começa a rolar por vários espaços da casa. Um livro finalmente consegue capturá-la e a mão desconhecida guarda-a no pote de remédio.

No workshop de Carol, vemos várias imagens se sucederem, aparentemente sem uma conexão de causa e consequência - um ventilador, água sendo jogada em uma panela quente, um abacate velho, um copo d'água, uma embalagem de remédio - e sendo acompanhadas de sons, criando uma sinfonia que se repete algumas vezes. O som de uma faca corta rapidamente a tela e uma cabeça rola, como se decapitada, até cair em uma terra seca e arrasada.

Carol - Nesse segundo momento de criação, um sentimento coletivo de dúvida pairava no ar, como se o chão debaixo dos nossos pés não fosse firme o bastante e pudesse desmoronar a qualquer minuto. Seríamos levadas por uma enxurrada lamacenta - imagem já bastante presente no imaginário brasileiro - de incertezas, sem saber onde iríamos parar. A criação dos workshops em si me pareceu menos sólidas do que os experimentos do primeiro semestre, como se não soubéssemos exatamente o que queríamos dizer, talvez por um esgotamento dos ensaios online.

Deles foi extraído material para a nossa primeira abertura do processo. Uma cabeça solitária que rola incessantemente, pelos corredores e pelas ruas, pela lama e pelos destroços, sem saber para onde ir. Dessa imagem presente em ambos os workshops, partimos para a elaboração da abertura.

“Ando sonhando muito com demolições. Desde julho são uns sonhos muito parecidos. Sempre em casas conhecidas, na minha casa ou dos meus avós, e tem muita lama toda vez”

Anônimo, sem data

5.2 Imaginando o “inimaginado”

Pensar em uma abertura foi algo “inimaginado”. No departamento de artes cênicas estamos constantemente fazendo aberturas, mas como fazer isso virtualmente? Era inédito, para nós, pensar em uma abertura de teatro de animação virtual. Já tínhamos como base um grande workshop desenvolvido previamente, mas ele ainda não bastava. Queríamos criar algo que fosse mais presente, que dependesse mais de nós no momento vivido, e não algo previamente editado.

Luana - Sinto que foi extremamente complicado este momento de criação, principalmente porque ainda estávamos muito envolvidas com Azul Apneia. O curta ainda não tinha sido lançado e a minha atenção e minhas forças estavam completamente voltadas para ele, deixando apenas uma micro parte da minha cabeça se preocupando com a abertura que iríamos realizar no final do ano. Era como se eu estivesse desenvolvendo uma presença falsa durante este processo de criação que seguiu. Não sinto que eu estava sendo justa com o processo e muito menos comigo. Mas, a ideia de ter que estar produzindo e fazendo o grupo produzir parecia ser maior do que a justeza do momento.

Entender este lugar outro, onde existe um presente virtual e um passado gravado, acontecendo em um mesmo ato, foi confuso. Estávamos extremamente focadas em descobrir imagens e pensar em como gravá-las, e assim o nosso foco se centrou apenas nisso. Tínhamos reuniões com a Marcella onde discutíamos maneiras de apresentar certos símbolos sem que eles ficassem óbvios, ou até mesmo ridículos. O Brasil estava se afundando na lama, mas não queríamos pegar uma imagem do país físico e colocá-lo dentro da lama. Não era isso, não estávamos aqui para representar nada, muito menos a realidade como ela é. A ideia sempre foi outra, pensar em imagens a partir dos sonhos.

Luana - Foi maçante pensar nas imagens. Eu não conseguia pensar nos símbolos sem que eles fossem extremamente ilustrativos, e isso me frustrou.

Chegamos em alguns que achamos satisfatórios, mas sinto que poderíamos ter ido mais a fundo. Neste momento, pensei em como o Denny poderia ter nos auxiliado. Pensar em imagens não óbvias era completamente a maneira dele pensar, e ali estávamos, encaalhadas no mar de lama que havíamos criado. É difícil escrever sobre essa fase. Foi uma fase de total desmotivação e falta de pensamento criativo, pelo menos para mim.

Carol - Lembro que a ideia de trazer símbolos veio da nossa leitura de Freud, de como a vida de vigília, nos sonhos, é representada por metáforas, eufemismos, hipérboles - o que Freud chamava de censura. Mas como criar símbolos do nada? Não tinha pensado no Denny, mas agora que você mencionou, não consigo discordar. Ele realmente teria nos dado algum tipo de luz, algum caminho pelo qual seguir.

Luana - Como as dificuldades estavam presentes desde o começo do processo, sinto que por mais que estivéssemos com problemas para continuar, conseguimos invocar uma força quase sobre humana para conseguir finalizar aquele semestre.

Decidimos que iríamos fazer uma abertura baseada no workshop que havíamos feito. Mas, ela não seria apenas composta por um vídeo gravado, possuiria também uma parte ao vivo, que aconteceria por meio de um encontro via Zoom.

Assim, iniciamos uma busca por imagens que nos remetessem àquilo que já tínhamos criado. Além disso, fizemos duas rodadas de escritas automáticas - em que escrevemos por alguns minutos sem parar e sem pensar previamente - baseadas nas palavras-chave e nos workshops criados anteriormente naquele semestre.

Algumas imagens recolhidas:



Figura 11: Brumadinho devastada, <https://vejasp.abril.com.br/wp-content/uploads/2019/01/age20190127034.jpg?quality=70&strip=info&resize=680,453>



Figura 12: Cena do filme A VIAGEM DE CHIHIRO de Hayao Miyazaki, <https://i.pinimg.com/originals/1d/ab/37/1dab371d8749a92f2f1b34db3e33fe8e.jpg>



Figura 13: Casas na cidade de Ouro Preto, <https://mapio.net/images-p/8277450.jpg>

As escritas automáticas responderam a alguns dos nossos questionamentos. A de Lux, por exemplo, trouxe o universo do trabalho muito presente:

"Mais mil anos sendo obrigada a trabalhar. Sem agir, só reagindo. (...) Eu vi Roma em Chamas, vi Cristo na Cruz, vi a Peste na Europa, vi a Escravidão no Brasil, vi o Plástico dos Oceanos. (...) Eles não deixaram que eu visse as coisas, só as mentiras, as farsas. Os ensaios. Mas nunca a peça"

Isso nos remeteu às palavras DEMOLIÇÃO e LAMA; o que foi soterrado no Brasil foram os trabalhadores, os quinhentos anos de trabalho escravo. Na abertura, selecionamos alguns objetos que remetessem ao universo do trabalho.

A escrita de Luana também trouxe uma ação que nos interessou, um olho sendo mascado como chiclete:

"Parece que estamos apenas sendo observados e que agimos de acordo com aquilo que é esperado pelo observador. Um olho imenso que tem

nervos vermelhos em toda a sua parte branca. Dá vontade de morder o olho e de mascar, como se ele fosse um chiclete”.

5.3 Reencontro

Com as filmagens de Azul Apneia aprendemos algumas coisas valiosas. Uma delas foi sobre câmera. Entendemos que, para que o curta tenha uma unidade visual, é necessário gravar tudo no mesmo tipo de câmera. Como anteriormente gravamos separadamente, cada uma em sua casa e com o seu celular, algumas diferenças na definição da imagem de Azul Apneia são visíveis. Decidimos, então, que gravaríamos juntas.

Luana - Depois de longos meses sem nos vermos, iríamos nos encontrar na casa dos meus avós. Decidimos por ela por conta do espaço e do material que eu tinha lá. Lembro-me de quando você, Ca, chegou. Eu fiquei muito animada ao mesmo tempo que estava meio receosa. Era muito estranho estar em contato com uma pessoa com quem eu não estava convivendo, mesmo sabendo que você estava se cuidando. Senti que aos poucos consegui ir me adaptando melhor à situação, mas a princípio foi muito estranho.

Carol - Fico pensando se vamos voltar a nos acostumar com o contato físico, sem máscara, quando a pandemia passar. Concordo que foi um encontro receoso, mas ao mesmo tempo muito esperado, estávamos há quase nove meses sem nos ver.

Como gravávamos juntas, as adaptações do roteiro para a realidade eram mais facilmente pensadas. Conseguíamos pensar em conjunto em soluções para situações inesperadas, como por exemplo um espaço que não condizia exatamente com o descrito no roteiro ou uma impossibilidade de gravar uma cena de algum ângulo diferenciado. Assim, passamos um dia inteiro gravando

um vídeo que, depois de editado, tinha apenas seis minutos e meio de duração.

Outra lição aprendida com Azul Apneia foi que horas e horas de gravações se transformam em curtos minutos finais. E essa é uma característica própria do audiovisual. Não estávamos acostumadas com isso no teatro. Se ensaiávamos uma cena de dois minutos, normalmente a cena final estaria próxima a isso, ou então com metade do tamanho.

Luana - Mesmo que estejamos trabalhando com o suporte do audiovisual desde o começo da pandemia, eu não consigo considerar o nosso projeto como um projeto audiovisual. Mas, tampouco chamo o nosso projeto de teatral. Acho que acontece aqui uma quebra de barreiras, que nem sequer existem, entre o audiovisual e o teatro.

O que estamos fazendo é teatro ou audiovisual? Não cabe a nós responder. Estamos imersas nesse processo que já dura quase dois anos. Talvez, no futuro, alguém possa nomear todos esses trabalhos que surgiram em quarentena.

E assim se deu um dia intenso de trabalho, cheio de alegrias, por estarmos juntas e criando algo que nos satisfazia, e também cheio de decepções e estresse, pelas mil dificuldades existentes em um processo de filmagem, ainda mais quando ele é inteiramente feito em uma diária.

5.4 Sonhando ao vivo

Como já dito anteriormente, tínhamos em mente uma abertura de processo híbrida, onde uma parte seria um vídeo gravado e a outra uma ação ao vivo e

simultânea, onde duas cenas aconteciam em lugares diferentes, mas eram vistas juntas pela tela do computador.

Para isso, pensamos muito no conceito de sincronicidade, que, para Jung, são relações existentes entre acontecimentos, que aparentemente não possuem nenhuma relação consciente, de causa e consequência. Algumas imagens, já muito enraizadas em nosso imaginário de grupo, surgiram neste momento. A de um trem-casa que se abre e revela algo, o pulmão que se enche e se esvazia e a casa que é destruída. O trem casa se tornou o ponto em comum. Apesar de Freud descrever uma viagem de trem, partir numa viagem, como um símbolo da morte, não é necessariamente nessa explicação que se baseou esta imagem; o trem pode representar o começo de uma jornada - a qual voltará a aparecer no próximo semestre de criação - ao desconhecido, ou também uma fuga para longe. Em *Kimi no Na wa*, de Makoto Shinkai, filme que nos serviu de referência, o trem é o lugar do reencontro.

As imagens, simples, levaram a um outro trabalho, o da confecção de mais objetos. Então foram produzidos os trens-casa e os seus respectivos bonecos, que aguardavam ansiosamente suas apresentações.

Nas telas das duas atrizes um trem-casa aparece, trazendo algo novo, um movimento que inicia um outro movimento. As casas passam, diminuindo gradativamente, até que a terceira e última casa se abre. A partir disso, as cenas são diferentes. Em uma das telas - Carol - um boneco se revela e abre sua caixa torácica. Assim conseguimos observar o movimento de seu pulmão aflito, sufocado. Já na outra tela - Luana -, uma boneca está sentada dentro da casinha. Ela olha ao seu redor e, subitamente, a casa começa a ser destruída. Sincronicidade; um pulmão aflito e sufocado, e uma casa comprimida até sua completa destruição.

5.5 Abrindo a casa

Marcamos a abertura de processo para o dia onze de dezembro de dois mil e vinte e convidamos algumas pessoas que acompanhavam o processo de criação de uma maneira mais próxima para realizarmos uma reunião pela plataforma Zoom.

Luana - Sinto que pensamos muito pouco na abertura. Não, na verdade não é que tenhamos pensado pouco, mas acho que pensamos de maneira equivocada. Acho que devíamos ter pensado melhor nas ligações das partes gravadas e ao vivo.

Carol - A parte ao vivo, apesar de já termos criticado peças apresentadas pelo Zoom, veio de um desejo nosso de voltar a trabalhar com teatro. Acabamos não nos aprofundando no que significa a gravação (no passado) e o ao vivo (no presente), e em como se comunicam e se convergem. Talvez estivéssemos nos prendendo a uma impossibilidade do momento; nenhuma vacina havia sido liberada, não havia nenhuma previsão para a volta das atividades presenciais... nos prendemos tanto ao desejo de voltar para o palco sendo que nosso trabalho até então era palpável e realista.

Assim, abrimos nossas casas, nossos espaços íntimos, para o público que nos acompanhava.

Dramaturgia - ABERTURA

1 - (Tudo que se inicia acontece em cores quentes) Vemos uma jarra de água com gelo, suada, que remete a um dia bastante quente (som de água sendo despejada). Dentro da jarra há uma casinha colorida, que gira sem parar num

redemoinho (som do movimento da água). O conteúdo da jarra é despejado sobre um recipiente mais largo (panela, travessa, bacia, pia?), e vemos a casinha afundar num mini dilúvio (som da água sendo despejada ou que remeta à casinha submersa).

2 - (Câmera em primeira pessoa, a cena é absolutamente silenciosa). Uma quantidade imensa de luz invade a tela, como num dia de muito - muito - Sol. Piscamos. Agora conseguimos distinguir uma fruta podre, ainda muito iluminada. Vemos um armário com muitos frascos e cartelas de remédio e escolhemos um. Em letras grandes lemos “dores de cabeça”. Em letras menores lemos a advertência, mas, apesar dela, despejamos um comprimido na palma da mão. O comprimido tem o formato de uma casinha. O colocamos dentro de um copo de água, o comprimido faz tudo borbulhar (usar uma aspirina para o efeito).

3 - (Câmera em terceira pessoa) Vemos a boca da atriz bebendo água com a casinha-remédio no fundo do copo. Ela bebe até o fim (som de um apito de trem). Boca vira pra olhar para câmera. Corte seco. Cabeça cai.

4 - (Sequência de cortes rápidos da cabeça rolando em lugares frescos, close bem de perto) A cabeça rola na água gelada, no meio de plantas, numa bandeja de gelo, no ralo do banheiro, é empurrada pelo vento de um ventilador. A cabeça rola escada abaixo.

5 - (Câmera em primeira pessoa, close na imagem da janela) Vemos uma janela de onde um olho gigante nos observa. (Close na casa toda) Percebemos que a janela é parte de uma casa que seria gigante comparada à cabeça. É cheia de janelas, e em cada uma há um olho gigante e observador. (Seriam vários seres ou um ser com vários olhos? Esses olhos nos observam em silêncio, tempo suficiente para gerar um desconforto). (Câmera ainda em primeira pessoa) Fazemos força para sair do lugar, mas estamos imóveis.

Saem da casa braços (que são da atriz), e com isto ela pode agora se mover. Eles se movem de modo sutil ou grosseiro?

6 - A porta da frente da casa se abre e de dentro rola um olho em nossa direção (o olho bate na câmera e ela treme um pouquinho, como se esbarrasse no nariz da nossa cabeça). A casa quer que o boneco veja algo além. O boneco brinca com o olho como quem brinca com uma bola, de forma lúdica. Será que o boneco controla a brincadeira com o olho-bola? Ou seriam os dois, a cabeça do boneco e o olho, duas bolinhas se batendo numa brincadeira sem comandante? Se a cabeça do boneco empurra a bola, será que a bola empurra de volta? (Na brincadeira entre olho e cabeça, a câmera assume a primeira e terceira pessoas)

De quem é esse olho? Da cabeça? Mas também remete a 1984, será o olho do Estado? Dos vizinhos?

7 - (Câmera em primeira pessoa) A mão pega o olho e o coloca na boca da casa. (Até aqui, usamos um olho-boneco. Para mascar, usamos chiclete, mas ambos devem parecer o mesmo diante da câmera.) A boca mastiga o olho até virar uma meleca grudenta. A mão tira o olho da boca e o gruda na câmera (que está em primeira pessoa, como se grudando no rosto do boneco).
(Câmera em terceira pessoa) Vemos o rosto do boneco coberto pela gosma do olho. (A partir daqui, vemos tudo em tons pastéis, remetendo a cinza/sépia)

8 - O boneco assiste ao fim dos tempos: vê o soterramento de tudo o que chamamos de mundo. A terra que invade a cena é suja, poluída. Ele vê os símbolos soterrados na lama. Coisas que vemos soterradas: ferramentas de trabalho (enxada, máquina de costura ou dedal, roupa, martelo de juiz), lixos, carcaça de animal, cabeça humana tentando respirar com dificuldade.

9 - As imagens remetendo ao calor da cena 2 se repetem. Finalmente, o boneco é soterrado.

10 - Por fim, a cabeça é pega, limpa e colocada dentro do frasco de remédio (o mesmo do início) e o frasco é guardado junto aos demais.

AO VIVO

(Os elementos da cena ao vivo se apresentam em cores neutras)

11 - O trem-casa entra em cena: uma cabine e dois vagões (estética a decidir). (A cena acontece ao vivo em duas telas distintas, de modo que, nas duas telas, duas cenas acontecem simultaneamente). (Na Tela 1) O trem passa e um vagão se abre. Esta imagem permanece. (Na Tela 2) O trem entra, como se tivesse continuado a andar desde a Tela 1, e para quando um vagão se abre. Esta imagem se fixa na tela. [testar: usar o efeito da sombra do ventilador, que vai também marcar o tempo do trem. Sonoplastia: som do ventilador, criando um som da máquina do trem].

12 - (Na Tela 1) Vemos um boneco dentro de uma casa. A casa vai lentamente se fechando, asfixiando o boneco.

(Na Tela 2) Vemos um pulmão respirando com dificuldade.

Lux – “Confesso que na época (e na verdade ainda hoje) questiono muito o Teatro Online, e sinto que isso era um pensamento de mais pessoas do grupo. Nosso experimento online foi válido, passou muitas dúvidas e também falava sobre o momento histórico que estamos vivendo, mas acredito que ele, pensando na trajetória do grupo como um todo, tenha sido um desvio necessário para entendermos que o espaço online não nos era

tão interessante como o cinematográfico, fechando o ano com muitos apontamentos do que aconteceria a seguir.”

Marcella - “Assim, demos continuidade ao trabalho de descoberta dessa forma outra de expressão artística, iniciado no semestre anterior. Desvendamos com entusiasmo a possibilidade de acelerar, dilatar, esconder e supervalorizar elementos, entre outros. Quando penso em todo o cenário catastrófico que nos cercava, vejo o fato de termos seguido pesquisando, explorando e criando como um grande acontecimento. Se, apesar de tudo o que acontecia no Brasil e no mundo, pudemos fazer descobertas e encontrar o delicioso prazer do recurso da edição, não tenho dúvidas em dizer que o saldo foi positivo.”

Finalizar um semestre, e mais ainda, um ano, sempre é um evento um tanto exaustivo. Muitas coisas se acumulam nesta parcela de tempo e, quando se está trabalhando por conta, onde nenhuma matéria está regendo o tempo, as dificuldades parecem aumentar. Mas, por outro lado, é possível dar um toque mais pessoal e humano a uma finalização. Decidimos encerrar tudo depois de uma conversa pós abertura, de uma maneira que todos pudessem expressar seus desejos para o ano que viria.

Luana - Refleti muito depois que acabamos o ano. Pensei muito sobre a catástrofe que estávamos vivendo e sobre como eu queria que 2021 fosse diferente, tanto por conta da pandemia quanto por conta do trabalho que estávamos desenvolvendo. Eu não sou uma grande entusiasta do trabalho que desenvolvemos no segundo semestre de 2020, então para mim, foi um grande alívio estar distante dele, e poder repensar em como seguir, não necessariamente se agarrando ao que tínhamos acabado de produzir.

Carol - Também não sou uma entusiasta do trabalho desse segundo semestre, não que tudo tenha sido em vão ou descartável, mas porque nos fincamos com unhas e dentes em uma ideia impossível para o momento... A abertura seria o início do processo de uma peça teatral; não conseguimos

tirar a ideia de um teatro presencial das nossas cabeças, mesmo com elas rolando por aí desgovernadas. O segundo semestre nos ensinou muito, nos proporcionou alegrias e frustrações, e acredito que nosso terceiro semestre de trabalho não seria possível sem este aqui.

“Estava em um teatro amplo e lotado. Sabia que não devia estar lá, não me sentia segura estando lá. Todos ao meu redor não usavam máscaras, mas também não pareciam preocupados. Como poderiam estar tão tranquilos? Eu gritava: qual o problema de vocês? São duzentos mil mortos! Qual o problema de vocês?”

Carolina Borges, última semana de dezembro de 2020. (Sonho que previu - sem muita dificuldade - a notícia do dia 07 de janeiro de 2021: o Brasil ultrapassa os 200 mil mortos por Covid-19.)

6) A criação durante o primeiro semestre de 2021

6.1 O início do fim?

Depois de um ano explorando novos caminhos, a nossa jornada estava se encaminhando para o fim. Acreditamos que não é um fim do grupo e do trabalho, mas sim do projeto vinculado ao TCC. Estávamos nos aproximando cada vez mais de mais uma produção. Novamente acreditávamos que seria possível trabalhar presencialmente, já que no fim do ano tínhamos a esperança de sermos vacinadas no começo de 2021. Ou seja, começamos o ano com grandes ideias e expectativas.

Decidimos começar o nosso ano de trabalho alguns meses antes de a universidade retomar as suas atividades, já imaginando o tamanho do trabalho que teríamos.

Antes de tirarmos férias do grupo e do TCC, pedimos que todos passassem os seus descansos pensando em ideias a serem trabalhadas. Assim, teríamos que revisar todo o material já trabalhado e pensar em futuros possíveis.

Luana - Sinto que nesse momento eu estava extremamente preocupada. Enquanto parte de mim acreditava que seria possível montar uma peça de teatro, outra estava se debatendo com a ideia de ter que se formar em artes cênicas com um trabalho audiovisual. Creio que esse foi um dos maiores desafios para mim, neste momento.

Carol - Também queríamos montar um espetáculo de Lambe-Lambe, lembra? Tínhamos uma expectativa de produtividade irreal em meio a uma pandemia, e é claro que não conseguiríamos dar conta de todos os planos que se passavam nas nossas cabeças.

Nós - Carol e Luana - estávamos convencidas que nos formaríamos com uma peça de teatro, pois estávamos cursando artes cênicas e não audiovisual. Mas,

com o passar do tempo, começamos a entender que seria impossível montar algo presencial. Não seríamos vacinadas a tempo e seria de extrema irresponsabilidade apresentar algo em meio a pandemia, que parecia não estar nem perto de acabar. Então, com muito pesar, optamos por gravar mais um curta-metragem.

6.2 Escritas e descobertas

Inserimo-nos novamente em um universo praticamente desconhecido, mas, desta vez, estávamos dispostas a planejar cada passo que daríamos.

Primeiramente, precisávamos completar a equipe. Marcos Pantaleoni, o artista convidado que produziu toda a parte de trilha sonora e sonoplastia de Azul Apneia, não estaria conosco durante o semestre, assim ficamos com uma posição sem profissional. A princípio chamamos um amigo da faculdade, alguém com quem já tínhamos familiaridade e conhecíamos o estilo. Porém, depois de alguns encontros percebemos que ele não daria conta do trabalho e assim acabamos chamando o José Pedro para integrar a equipe.

Com a equipe já formada decidimos fazer um planejamento completo, onde colocamos datas para a realização de todas as etapas do curta, desde a criação da dramaturgia até a pós-produção. Assim, tivemos uma base firme para caminhar.

Primeiramente, decidimos nos debruçar novamente sobre as teorias que pesquisávamos. Focamos agora no trabalho de Sidarta Ribeiro e de Ailton Krenak, pois ambos estão mais próximos temporal e fisicamente de nós. Com isso, conseguimos significados e entendimentos outros sobre o que trabalhávamos, os sonhos.

Depois de muito discutirmos sobre ideias e teorias, decidimos trabalhar com a prática novamente. Pensávamos muito em novas maneiras de criar, quais poderiam ser novos estímulos criativos, pois já estávamos pensando em uma

criação que partisse direto para a escrita, já que os workshops já eram muitos e o nosso tempo não era mais tão longo assim.

Anteriormente já tínhamos trabalhado com a escrita automática, de uma maneira menos desenvolvida e mais semelhante com o que havíamos praticado em aulas. Porém, sentimos que elas seriam uma boa maneira de continuar produzindo.

Luana - Eu tinha uma certa aversão à escrita automática por conta da maneira como ela tinha sido introduzida em aula, durante o nosso terceiro ano de graduação. Então, tive que fazer um grande esforço para achar que seria uma boa ideia continuar com as escritas automáticas. Vejo agora que ela foi um exercício extremamente gratificante, tanto num âmbito mais do trabalho quanto num mais pessoal. Com ela eu comecei a ter mais segurança sobre minhas escritas e sinto que isso foi um ganho pessoal muito grande.

Conversamos com Marcella e pedimos que ela desenvolvesse um exercício de escrita automática com algumas regras, para que a escrita fosse mais focada. Assim, ela desenvolveu um novo exercício, algo muito novo e rico para nós.

Marcella - A criação de procedimentos de escrita para o grupo me foi, inicialmente, um desafio criativo. Que recursos utilizar para estimular a exploração escrita, considerando o contexto virtual? Como criar propostas férteis para que cada pessoa possa fazê-lo individualmente, em casa?

Foram propostos, ao todo, quatro procedimentos de escrita. Constituíram as bases para criação de tais procedimentos: a) a escrita automática regrada; e b) exercícios de criação experimentados durante a graduação em Artes Cênicas, especialmente nos campos da atuação – em particular, procedimentos propostos pela professora Alice Kiyomi Yagyu que partiam do método de Nikolai Demíдов – e dramaturgia.

A escolha da escrita automática como base para o trabalho não foi ocasional. Proposta pelo Movimento Surrealista, configura-se como procedimento de produção textual que visa criar um fluxo de pensamentos que escape aos julgamentos conscientes de quem escreve e se aproxime de um “pensamento falado” (BRETON, 1924, não paginado)². Uma vez que o universo onírico era posto como tema principal de nosso estudo (teórico e prático), uma proposta que buscava acessar nuances daquilo que não é/está consciente poderia ser (e foi) bastante frutífera para o grupo como todo.

Quanto às regras inseridas nesse procedimento essencialmente livre, sua justificativa encontra-se no olhar pedagógico que, como arte-educadora em formação universitária, inevitavelmente coloquei sobre o desenvolvimento dos exercícios. A inserção de regras, neste contexto, tinha por objetivo a demarcação nítida dos limites que nos cercavam, de modo que os exercícios pudessem oferecer a segurança necessária para explorar ao máximo o espaço que habitávamos. Afinal, “Uma instrução imprecisa do tipo ‘escreva como quiser’, ao invés de abrir possibilidades, paralisa, pois condena o indivíduo às suas limitações atuais” (PUPO, 2005, p. 120)³.

É preciso dizer que, embora fosse essa a intenção desde o princípio, a instrução de cada procedimento foi-se aprimorando ao longo do processo, de modo que a quarta pode ser considerada bem mais precisa que a primeira – e aperfeiçoar a proposta segue como objetivo de (re)trabalho constante. À medida em que compartilhávamos os textos produzidos por cada integrante e discutíamos os mesmos, o grupo também me fornecia devolutivas sobre a proposta em si, o que era essencial para o exercício de repensar a instrução dos procedimentos.

No que se refere a tais devolutivas, embora muitas vezes as sensações e opiniões de todas as pessoas que integram o grupo pudessem caminhar

² [1] BRETON, André. **Manifesto Surrealista**. 1924. Disponível em: <
http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2320> (Acesso em 05/06/2021)

³ [2] PUPO, M. L. S. B. *Entre o Mediterrâneo e o Atlântico: uma aventura teatral*. **Estudos 220**. São Paulo: Perspectiva: Capes-SP: Fapesp-SP, 2005

juntas, outras vezes, elas divergiam. Esta constatação me foi especialmente interessante, justamente por reafirmar algo de natureza simples e óbvia: pessoas diferentes têm percepções diferentes sobre um mesmo acontecimento – e seria minha tarefa, como propositora do exercício, buscar entender essa divergência (tanto quanto fosse possível), ainda que não pudesse prever ou controlar a forma como cada proposta iria reverberar em cada pessoa.

Foi bastante curioso, ainda, o fato de me colocar a realizar os procedimentos por mim mesma propostos e poder perceber, dessa outra perspectiva – ainda que meu ponto de vista fosse fatalmente parcial –, aquilo que era interessante ou poderia ser mais explorado, além daquilo que poderia ser revisto ou aprimorado.

No que diz respeito a qualidades específicas dos procedimentos propostos, merecem destaque alguns elementos explorados. Primeiro, a indução de um estado de presença aqui e agora, anterior à escrita, tornou-se essencial para o início dos procedimentos. Segundo, percebemos a necessidade de aumentar o tempo estipulado para a escrita à medida em que os exercícios eram realizados (e que crescia o desejo de explorá-los ainda mais).

Uma descoberta interessante foi a possibilidade de alterar a natureza do contato com o material poético, os disparadores e a instrução em si – esse contato poderia se dar, por exemplo, por meio da leitura silenciosa, leitura em voz alta, memorização e repetição de palavras em voz alta ou escuta da própria voz gravada. A alternância desses modos de entrar em contato com materiais visava a exploração das percepções sensoriais e do recebimento de uma informação por meio de diferentes sentidos.

Por fim, é imprescindível dizer que o desafio de criar procedimentos de escrita para a exploração no campo onírico me levou a descobertas bastante felizes, tanto na esfera profissional, quanto pessoal. Isto se deve, em especial, ao prazer que pude experimentar ao pesquisar, pensar e desenvolver tais procedimentos.

Muitas foram as descobertas que fizemos neste percurso. Já nas primeiras escritas encontramos pontos de convergência. A solidão e a confusão na cidade grande, por exemplo, apareceram no texto de Marcella:

“Observo meus próprios pés, deitados sobre a cama, o teto, os pés, o teto, os pés. É todo dia assim: a gente às vezes esquece de desligar. O botão fica ao lado da cama e quando aperto ouço um som estridente: tenho medo, por isso não gosto, evito a hora de dormir. Simplesmente não durmo.”

No de Lux:

“O que é sonhar? Quando encosto minha cabeça no travesseiro nada acontece. Fecho o olho. Abro o olho. É tudo igual. Tudo na mesma. Tudo sem mudanças.”

E no de Carol:

“Ao meu redor, tudo está como sempre; arrumado, correto, chato, cinza. Estou atrasado. Rotina, correria. Pernas enormes passam por mim, sempre com pressa, e sigo o mesmo caminho de sempre. Carros, avenidas, poluição. Ouço uma buzina e uma criança chorando. Um pássaro abre a boca para piar, mas não ouço seu canto.”

Outras escritas trouxeram um universo fantástico, ou melhor, uma jornada que leva a um mundo fantástico e cheio de referências mitológicas, como vemos a seguir no texto de Tuzão:

“E às vezes eu vejo espelhos, que não refletem minha imagem. Quer dizer... refletem..., mas uma outra imagem. Um outro eu... Um eu fragmentado... Um eu tão eu que eu mal posso me reconhecer... Eu vago por esse labirinto multidimensional (...) eu queria poder deixar um barbante bem longo me ligando com o começo desse labirinto para eu poder voltar e sair, como na lenda do Minotauro.”

E de Luana:

“Quando parecia estar chegando em uma clareira, um lugar mais iluminado e, possivelmente, habitado ele ouviu um assovio. Era forte e parecia alguém que chamava um cavalo (...) eram cavalos. Fortes e rápidos, corriam causando um som estonteante. Antes que pudesse falar algo percebeu que eram pessoas-cavalos, meio a meio. Sim, eram centauros.”

Também nos interessou o fato de muitos de nós termos escrito em primeira pessoa. Tanto o roteiro de Azul Apneia quanto da abertura do segundo semestre de 2020 foram pensados em terceira pessoa, extremamente impessoais; nos referimos ao personagem sempre como “o boneco”. A primeira pessoa nos possibilitou escrever de forma mais íntima, as sensações descritas nos textos são sentidas pela nossa pele, não pela pele “do boneco”.

Ao longo dos procedimentos de escrita propostos por Marcella - quatro, no total - algo interessante nos chamou a atenção. No começo deste trabalho, falamos sobre um “inconsciente coletivo” descrito por Jung - imagens, símbolos, impressões e sentimentos herdados e que, assim, se mantêm vivos através da história - e notamos, com bastante surpresa, que um inconsciente coletivo surgiu no nosso grupo. Quando Marcella propôs um exercício para descrevermos um reencontro com algo ou alguém, entre milhões de possibilidades, Lux - que cresceu em Santos - e Tuzão descreveram um reencontro com o mar, o que acabou sendo o cerne do conto e do curta que desenvolvemos. Até mesmo frases completas, escritas por pessoas diferentes, apresentaram semelhanças durante os procedimentos, como a primeira frase de uma escrita de Luana:

“Parecia somente mais um dia naquele calor escaldante”

E a primeira frase de uma escrita de Marcella:

“Era dia, o Sol escaldante, as árvores quase secas”

Carol - Você disse lá em cima, Lu, que tinha um pouco de aversão à escrita automática; eu sempre gostei desse exercício. Sinto que quando penso previamente, acabo me prendendo em certas ideias que são difíceis de me desapegar. Já escrita em fluxo me trás uma sensação de liberdade muito gostosa. Acho que a Marcella conduziu o grupo por esse procedimento de forma excepcional e fico feliz que ela esteja levando o que desenvolveu para o próprio TCC. Mesmo nos dias mais cansativos, quando as palavras se recusaram a surgir, sinto que os procedimentos criados abriram milhares de possibilidades a serem investigadas e gosto de pensar que continuaremos com elas no futuro.

Percebemos, porém, após algumas rodadas de escrita, que havia uma ponta solta. Algo que não nos preocupara até então. Daí, surgiu o questionamento: por que não pensar também a sonoplastia através da escrita? Esta foi a proposta apresentada ao nosso sonoplasta, José Pedro; pensar em uma escrita sonora a partir das escritas automáticas dos outros integrantes do grupo. O resultado nos divertiu e nos apresentou uma nova forma de pensar sonoplastia.

“Os raios de luz são cordas em tremolo em uma nota fixa, a cama perfeita para uma flauta estereotipicamente desértica que não toca. Eu fui esquentar água para um chá e esqueci no fogão. Do infinito um sino de igreja toca infinitas badaladas. O som é interrompido bruscamente. Ssssilêncio”

“Corre um rio de uma gota só.

Cada passo move um mundo todo e desaba em um quinquilhar. Só dá pra continuar andando se for ritmado.

Cê me ajuda

Se eu te aju

Dar a ca

Regar o

Mun

do

Som de hipopótamo ranzinza. Chuva forte.”

“Túnel do tempo dos Engenheiros do Hawaii tocando num túnel de vento.

Pode ser que a música tenha tocado inteira ou não, eu não me lembro (...)

Bip de eletrocardiograma: 30 bpm. Entre cada batimento, silêncio

absoluto.”

“Estava comprando uma enorme casa no litoral, não muito perto da praia, e um lagarto que havia sido ferido no olho direito e decepado o rabo por racionais estúpidos, olhava-me, no jardim da casa, como se pedindo socorro a mim. Era fêmea. Só de lembrar, ainda dói. De fora da casa, o lagarto macho olhou com ódio para mim e adentrou o matagal próximo. Acordei assim, com culpa. Culpa ter de ser semelhante àqueles estúpidos que machucaram o pobre animal. Faço questão; semelhante, mas não igual”
Oswaldo Rosa, 03 de abril de 2020

6.3 Tão Azul como Antes

O sonho típico do nosso tempo é um liquidificador de sentidos, um caleidoscópio de vontades, fragmentado pela multiplicidade de desejos de nossa era.

Sidarta Ribeiro, “O Oráculo da Noite”

Após diversas rodadas de escritas automáticas decidimos que era a hora de um roteiro começar a surgir. A princípio, pensamos em um roteiro, porém percebemos que poderíamos ir além. Tínhamos a oportunidade de criar uma outra obra dentro do projeto, mais alguma coisa que valesse por si mesma. Além disso, as escritas não eram nunca lineares e parecidas com roteiros, elas estavam mais no campo da poesia, dos contos. Assim surgiu a ideia de elaborarmos um conto.

Marcella era a pessoa responsável pela escrita, e o resto do grupo sempre lia o que tinha sido feito e fazia observações que julgassem necessárias. Com isso o conto⁴ foi escrito estourando um pouco o limite de tempo planejado, mas nada que afetasse o nosso cronograma.

Tão Azul com Antes parte de um desejo simples, o reencontro. Vários dos sonhos recebidos pelo formulário descrevem situações semelhantes, como o de Cela Vianna:

“Ultimamente, nas últimas 2 semanas pra ser exata, eu tenho sonhado basicamente com encontros. Eu normalmente estou em alguma situação que envolve algum espaço público, tipo um piquenique na praça (essa circunstância já se repetiu em uns 3 sonhos) e as pessoas vão chegando e somando na comida e no compartilhamento. Só isso mesmo, elas vêm, comem, ficam um tempo, e quando acham que já deu vão embora. O engraçado é que na primeira semana eu sonhava com pessoas que estavam no meu convívio diário, com os dias pessoas que eu não vejo há muito

⁴ O conto está em anexo.

tempo, que eu cortei relações, e até pessoas que já faleceram começaram a participar desses momentos também.”

Este é o desejo da nossa era de isolamento. O conto, pensado pelo grupo e escrito por Marcella, nos guia - nós, o leitor e o eu-lírico - por uma série de reencontros com memórias da infância, entes já falecidos e, curiosamente, um cachorro ferido em um olho só. Um caminho longo e onírico até o mar.

No entanto, um conto não é um roteiro. Seria um tanto complicado tentar gravar todo o curta sem que fizéssemos as alterações precisas. Decidimos assim criar um roteiro de ações e separamos parte da equipe - Carol, Luana, Lux e Marcella - para que construíssem esse material. Assim, nos reunimos algumas vezes e tratamos de traduzir tudo aquilo que tinha sido escrito de maneira mais onírica em ações, que muitas vezes ainda eram confusas e mirabolantes, mas sentíamos que conseguiríamos elaborar elas durante as gravações.

Durante o processo descrito acima, Tuzão ficou responsável por criar a identidade visual da personagem principal. Depois de muito discutirmos e de analisarmos diversas referências imagéticas, chegamos a um resultado que nos agradava e parecia possível de ser modelado.



Figura 14: Esboço de Tuzão, acervo pessoal



Figura 15: Esboço de Tuzão 2, acervo pessoal

6.3.1 Criando com as mãos

Logo após a finalização do conto nos aprofundamos no trabalho mais manual do processo, a criação dos bonecos.

Luana - Sinto que a criação dos bonecos é um assunto tão delicado quanto a criação do curta inteiro em si, e por isso ela precisa de uma parte única, apenas dela. Gosto de pensar na criação de um boneco desde antes de existir um desenho dele, quando ainda estamos pensando no roteiro e no que este boneco iria fazer. Assim, nossas mentes já começam a trabalhar no desenvolvimento de articulações e pensar em quais materiais são possíveis de se trabalhar.

Carol - As possibilidades de materiais e formas que um boneco - ou seja lá o que estivermos criando - podem ter são tantas e isso por si só me enche de alegria. Já trabalhei com biscuit diversas vezes, uma massa mais plástica, artificial, que sinto muita facilidade de modelar; já a argila me parece mais rústica, áspera, e me enche de ansiedade toda vez que racha ao secar. Como é possível secar uma peça de argila sem que ela rache? Ainda não descobri a resposta desta pergunta. Aliás, os pés que eu modelei em argila para o Azul Apneia racharam e quebraram ao meio. Mas a modelagem é a parte que mais gosto; consigo ficar horas trabalhando com a massa sem me preocupar com nada mais, quase como uma meditação, onde só existem minhas mãos sujas, o material e a ideia na cabeça.

Luana - Antes de modelar o boneco no material escolhido gosto de fazer um molde de massinha. Ele sempre sai bem tosco, mas assim consigo ter uma ideia de como vou criar ele de verdade. Eu não tenho nenhuma habilidade com desenho, então essa costuma ser a minha maneira de visualizar o que vou construir. Como o Tuzão ficou responsável por criar o desenho do nosso boneco principal, a minha tática mudou. Comecei a modelar a partir dos desenhos, que aumentava em escala para ter noção dos tamanhos dos dois bonecos - criamos o mesmo boneco em escalas diferentes - e assim conseguia ir modelando as coisas no tamanho certo. A parte de modelar a cabeça do boneco foi extremamente gratificante. Enquanto eu modelava ia ficando muito feliz com o resultado. Agora, o corpo estava complicado.

Como eu estava modelando com uma bexiga dentro da barriga do boneco, foi estranho ver ele tomando forma daquela maneira. Só depois que a massa estava seca e eu pude estourar a bexiga que fiquei realmente satisfeita com a modelagem.



Figura 16: Boneco pequeno em produção, acervo pessoal

Carol - Também não tenho muitas habilidades com desenho, acho que eu e você visualizamos melhor as coisas em 3d do que em 2d. Não tive o desenho do Tuzão para me guiar já que modelei o cachorro Tino, mas usei uma foto da sua cachorra - a Nina- como referência. Ver o boneco tomando forma é uma sensação muito gostosa de controle... ou descontrolé, às vezes o boneco precisa ficar feio e estranho antes de finalmente tomar a forma que desejamos. Com o cachorro, foi um completo descontrolé; tudo que podia dar errado deu: a massa rachou, a mandíbula quebrou e a cabeça caiu quando meu gato se assustou ao pular na mesa. Passei alguns dias de

intensa ansiedade. Os contratempos foram pedindo improvisos - acho que no final deste trabalho, nos tornamos muito boas em improvisar soluções - que seguraram o boneco na sua forma ideal. Consigo perceber a evolução da minha modelagem desde o primeiro semestre de 2020, com tantas horas passadas com a mão na massa. Você consegue perceber isso também?



Figura 17: Cachorro em produção, acervo pessoal

Luana - É como conversamos uma vez durante uma aula, acho que muitas coisas foram aprendidas nesse sentido, da modelagem. De início eu ficava muito frustrada quando as coisas davam errado - ainda fico, mas é diferente - e muitas vezes não conseguia solucionar tão rapidamente o “problema”. Hoje sinto que possuo uma visão diferente tanto dos materiais quanto das técnicas que venho aprendendo. Lembro quando percebi que a cabeça do boneco grande estava ficando pesada demais para ser

segurada por uma garra, e que logo depois de constatar isso já estávamos pensando em uma maneira de adaptar ele, que logo consegui fazer. Ou então quando finalmente juntei a cabeça do boneco grande com o corpo e vi ele desabar enquanto estava testando alguns movimentos, foi um momento de grande estresse e incerteza - principalmente porque foi na noite anterior à gravação - mas conseguimos desenvolver novas maneiras de manipular lidando com o fato da cabeça não estar acoplada ao corpo. Mas, mesmo com todos os contratempos, sinto que a parte da criação dos bonecos ainda é a minha predileta. Alguns bonequeiros dizem que o boneco começa a ganhar vida antes mesmo de serem manipulados, mas desde o início de sua criação. O que você acha disso?

Carol - Lembra quando começamos os esboços de como o boneco seria? Cada um trouxe um desenho e trocamos ideias e desejos de como criaríamos esse ser. Os olhos profundos dariam a impressão de cansaço, o cabelo comprido faria o boneco parecer um astro do rock... desde esse momento o boneco já nascia, sua personalidade, seus tiques. Quando pensamos na rachadura da cabeça logo nos veio a ideia de ele ter um tique constante de coçar a testa. Concordo que um boneco nasce antes da sua manipulação. Até mesmo os contratempos ajudam em sua criação; o fato não planejado da cabeça do nosso boneco "levitar" num pescoço inexistente contribui para sua personalidade. Esta parte inicial, quando discutimos ideias, foi algo bem coletivo, mas a modelagem e a criação em si sinto que foi um processo um pouco solitário - tive a mesma impressão com o Azul Apneia. Não conseguimos ajudar o Tuzão quando ele teve dificuldade em modelar o boneco, cada um lidou com os problemas da forma que conseguiu, esses dias a quarentena se mostrou mais difícil do que o normal. Enquanto modelava a nossa velha, ouvi pela televisão da sala que o Brasil tinha atingido a marca de quatrocentos mil mortos por Covid-19... E continuei a modelar sozinha. Como foi pra você lidar com essa situação?

Luana - Às vezes acho que o trabalho mais artesanal é mais solitário. Sinto que seria importante podermos nos encontrar presencialmente e assim ajudarmos uns aos outros, mas era impossível. Quando o Tuzão não estava conseguindo fazer o boneco grande tentamos ajudar remotamente, mas percebemos que é muito difícil - para não dizer algo tão forte como impossível - ajudar alguém com modelagem virtualmente. O mais fácil é

fazer como fizemos, trocar os papéis, pedir para que outra pessoa faça aquela parte - no caso fomos nós duas mesmo. Agora, quando penso no momento que estávamos, e estamos vivendo, é estranho pensar que continuamos trabalhando mesmo com o Brasil colapsando. Sinto que aquilo que chamamos de “trabalho” vai muito além do que é considerado uma profissão. Não que não seja uma profissão, mas é algo que você não deixa necessariamente de fazer quando se está doente ou de férias. Não é apenas uma obrigação - como a maioria dos trabalhos - mas algo que estávamos fazendo porque nós mesmas decidimos, mesmo no contexto em que estamos inseridas. Com isso, acho que criar da forma como estávamos criando era uma maneira de lidar com o que estava acontecendo. Uma maneira de, ora esquecer de todo o resto e tentar deixar a cabeça vazia, ora transformar nossos sentimentos e pensamentos em arte. Pode soar ridículo, mas sinto que uma das maneiras que encontramos de nos mantermos vivas durante a pandemia foi criar. Estive pensando nas possibilidades mil que temos quando modelamos. Como você acha que exploramos essas possibilidades nos bonecos que construímos?

Carol - Não acho nem um pouco ridículo. Enquanto estávamos imersas na correria da criação, queria que finalizássemos logo; mas ao finalizarmos - pelo menos as filmagens -, apesar da sensação inicial ser de alívio, também sobrou mais tempo para me preocupar com as notícias da tv, dos jornais, do Facebook... agora sobre a sua pergunta, descobrimos essas possibilidades fazendo. No Azul Apneia, descobrimos a metonímia, a parte pelo todo, os pezinhos sem um corpo. Já com Tão Azul como Antes as descobertas foram outras. Lidamos com um material novo, uma nova textura muito fácil de moldar; mas a nossa maior descoberta, na minha opinião, foi esse ser que se modifica através da jornada. Nas narrativas que estamos acostumadas, os personagens mudam no final, mas é sempre algo interno. Mas estamos trabalhando com bonecos! Por que não trazer essas mudanças fisicamente? Uma flor empoeirada que cresce dentro de sua barriga até que o caule esteja tão grande que sai pela sua cabeça; pernas que são substituídas por raízes; um nariz arrancado para que o boneco possa respirar o ar fresco.

Luana - Sinto que fomos entendendo e conhecendo melhor os bonecos que criamos quando começamos a gravar. Foi ali que entendemos

realmente como eles se movimentavam e quais eram as suas características.

6.3.2 Manipulando através das lentes

Bonecos prontos, cenografia feita, roteiro finalizado, nos restava então gravar. Diferentemente de *Azul Apneia*, não queríamos - tão pouco conseguiríamos - gravar separadamente. *Tão Azul como Antes* foi um projeto mais ambicioso para fecharmos esse um ano e meio de pesquisa, o que necessitou de uma logística de produção maior.

Pensando no tempo em que vivemos, as diárias de gravações se tornaram mais complexas do que normalmente seriam. Já estávamos no fim de maio e o nosso tempo estava chegando ao fim, mesmo que estivéssemos seguindo o cronograma o tempo parecia estar passando cada vez mais rapidamente, parecia que ele estava indo contra nós.

Estabelecemos quatro diárias em quatro locações diferentes. Primeiro, gravaríamos em um estúdio aqui em São Paulo e no dia seguinte nos deslocaríamos até a casa dos avós de Luana em Sorocaba. Uma semana depois, a nossa jornada se voltava para o litoral e viajávamos para a Barra do Sahy e, já no outro dia, decidimos gravar no metrô e em algumas avenidas movimentadas da cidade de São Paulo. Cada diária foi uma pequena jornada, com suas peculiaridades e momentos únicos.

6.3.2.1 Estúdio

Dia vinte e dois de maio de dois mil e vinte e um.

O primeiro dia de gravação gerou grandes expectativas em todes. A única diária em um local fechado contou com a presença de quase toda a equipe,

apenas Marcella não pode estar conosco por estar em Limeira. Nos encontramos na frente da porta do estúdio e a partir do momento que entramos na sala começamos a trabalhar. Era um dia frio e chuvoso em São Paulo, mas dentro da sala nada parecia estar acontecendo do lado de fora.

Luana - Lembro da sensação estranha de finalmente encontrar o grupo e não poder encostar em ninguém. Estávamos todos de máscara e nos protegendo, era muito esquisito ver as pessoas dessa maneira. Existia uma tensão muito grande no ar por estarmos começando algo muito importante, mas também existia uma empolgação por finalmente nos vermos.

Carol - Fui a segunda pessoa a chegar, Lux já estava lá. Nos abraçamos com cuidado, fazia mais de um ano que não a via presencialmente... também não vira Tuzão, nem Rodrigo e nem Zé desde o começo da pandemia. Um reencontro que trouxe cautela, mas também alívio. Pena que a Marcella não pode estar lá.

A sala larga e preta parecia ser ideal para abarcar nossas ideias e as ações do boneco. Abrimos o nosso tapete de grama sintética no chão e, antes de começar a gravar, testamos alguns movimentos do boneco - apenas o boneco pequeno foi manipulado neste dia. Era a primeira vez que víamos o boneco se movimentar e que percebíamos as dificuldades que a manipulação trazia. Por ser um boneco pequeno e que precisava ser manipulado no chão, nós - Carol e Luana - precisamos trabalhar algumas horas encurvadas, coisa que não tínhamos previsto anteriormente.

Não eram muitas as cenas a serem gravadas nesta diária, então alugamos o estúdio por apenas três horas. No final da gravação percebemos que poderíamos tê-lo alugado por mais tempo, já que terminamos tudo num ritmo acelerado, e com certeza teríamos mais tranquilidade para repetir algumas cenas que não saíram exatamente como queríamos.

Luana - O nervosismo de todes era bem nítido neste dia. Obviamente teríamos que gravar cenas repetidas vezes e alguns takes eram bem estressantes, mas parece que estávamos com uma vontade de acertar tudo de primeira, e isso nos frustrava quando percebíamos que teríamos que gravar tudo novamente. Além disso, depois de um tempo meu corpo já estava um pouco cansado de manipular encurvada e torta - pois tínhamos que nos posicionar de maneira que apenas o boneco aparecesse na câmera - e repetir certas cenas me deixava irritada, ainda mais quando não sabíamos muito bem para onde correr quando as coisas não saiam exatamente como planejadas.

O dia, ou melhor, a tarde, foi longa e ao mesmo tempo curta, e com ela aprendemos muitas coisas que nos foram muito valiosas nas outras diárias. Foi importante passar pelo primeiro dia de gravação com a equipe quase completa, foi uma bonita maneira de dar o primeiro passo do fim deste processo que se iniciou no começo do ano.



Figura 18: Carol, Luana e Lux no estúdio, acervo pessoal

6.3.2.2 Sorocaba

Dia vinte e três de maio de dois mil e vinte e um.

O segundo dia de gravação foi quase como um jogo de azar. Apostamos que ele aconteceria, e acertamos. Ainda no dia anterior, ao consultarmos a assustadora previsão do tempo dizendo que o clima em Sorocaba seria de chuva e frio, decidimos apostar que seria possível gravar todas as cenas sem problemas. E assim foi.

Nos encontramos de manhã cedo - agora um grupo mais reduzido pois precisávamos caber em um carro apenas, éramos Carol, Luana, Lux, Rodrigo e Tuzão - e partimos em direção à Rodovia Castelo Branco. Ao chegar lá, finalmente constatamos que não estava chovendo. O tempo não era o mais desejado, mas nada que nos impedisse de começar as gravações imediatamente.

Luana - Para mim foi um dia particularmente feliz. Chegar em Sorocaba e encontrar meus avós e a minha cachorra foi um momento muito especial, mesmo que eu soubesse que não estava lá para aproveitar o tempo com eles.

Nos arrumamos rapidamente e decidimos qual seria a ordem das gravações. Decidimos gravar primeiramente tudo aquilo que aconteceria dentro da chácara e assim o fizemos. Mesmo com a contínua interferência de Nina - a cachorra - , que se mostrou muito interessada na árvore de arame, conseguimos gravar as cenas com mais calma e mais atenção do que no dia anterior. Parecia que estávamos mais focados e com isso conseguimos administrar nosso tempo de maneira mais sábia - já que estávamos ali para gravar uma quantidade significativa de cenas e não iríamos pernoitar precisávamos nos atentar muito ao tempo.

Terminada a parte inicial, decidimos que era a hora de gravar no lago, uma parte mais afastada da casa. Juntamos tudo que seria necessário e partimos

em direção ao nosso destino. Montamos todo o nosso “acampamento” e, para nossa infeliz surpresa, começou a chover.

Luana - Lembro que tínhamos acabado de montar tudo e eu comecei a reparar os pingos na superfície do lago. Não acreditei no que estava vendo e secretamente lamentei, fiquei com muito medo de chover o dia inteiro e termos que cancelar a diária.

Carol - Buscamos abrigo debaixo de uma árvore, lembro da cara de decepção de todo mundo.

Depois de alguns minutos de uma chuva média, mas suportável, decidimos que tínhamos que continuar o trabalho. Mudamos ligeiramente nossas posições, e, surpreendentemente, a chuva diminuiu. Conseguimos assim gravar tudo que tínhamos que gravar naquele local, mesmo que ficássemos um pouquinho molhados. Tornamos a casa e lá fomos recebidos com um lanche caseiro, feito com todo carinho por Nílvia, avó de Luana.

Após um breve descanso retornamos ao trabalho e estávamos prestes a finalizar as gravações do dia. Porém, enquanto estávamos organizando as coisas para começar a preparar nossa partida, percebemos que tínhamos esquecido algo essencial ao curta. Esquecemos de colocar a mochila no boneco. Todas as cenas gravadas até ali estavam com esse erro, que realmente compromete a narrativa.

Luana - Quando eu e Tuzão olhamos para dentro da sacola e percebemos que a mochila estava lá o tempo todo, levamos um susto imenso. Consegui ver o brilho nos olhos de Tuzão sumir, foi realmente horrível, por mais que estivéssemos levando a situação com certo humor.

Carol - Eu e Lux gravávamos uma cena separades do resto de vocês nessa hora. Tudo ia bem quando ouvimos uma comoção. Lembrando agora é até que engraçado, as vozes desesperadas do lado de fora e nós sem saber o que estava acontecendo.

As cinco cabeças presentes se puseram a pensar no mesmo instante, e, rapidamente saímos com uma solução. Um processo de filmagem em grupo é completamente diferente de um processo individual e foram situações como essa que nos mostraram a importância de estarmos juntos.

Luana - A solução está no curta, quem tiver sagacidade vai sacar.

Mais uma diária passava e nosso retorno para a capital se aproximava. Na estrada observamos a noite caindo enquanto seguíamos nosso caminho rumo a mais tropeços e acertos que um processo criativo proporciona.



Figura 19: Carol, Luana, Lux e Tuzão em Sorocaba, acervo pessoal

6.3.2.3 Barra do Sahy

Dia vinte e nove de maio de dois mil e vinte e um.

O dia começou cedo, às sete horas da manhã para sermos exatas. O caminho até a praia foi mais longo e cansativo, mas felizmente não pegamos chuva na estrada. Com o grupo desfalcado - Tuzão ficara doente no dia anterior, então éramos apenas Carol, Luana, Lux e Rodrigo - chegamos à praia às dez horas. Já no caminho, passamos pelo mar e o reencontro onírico que havíamos criado tornou-se realidade.

Além de termos muitas cenas a serem filmadas nesse dia, nos deparamos com outro problema. Não contávamos com a segurança da casa dos avós de Luana e muito menos com o isolamento de um estúdio; na praia lotada, ninguém usava máscaras, algo que nos preocupou durante todo o processo.

Carol - Acho que éramos os únicos usando máscaras naquele lugar. Nem mesmo na cidade as pessoas se dispuseram a seguir as normas de segurança da OMS. Não que seja uma surpresa, se nem o presidente se dá o trabalho de proteger os outros ao seu redor. Me senti desconfortável e insegura, mas mesmo assim continuamos a filmagem.

Luana - Foi desesperador chegar na praia e descobrir como ela estava lotada. Eu sempre frequentei essa praia - antes da pandemia - e ela sempre foi vazia. Parece que as pessoas foram para lá justamente por conta da pandemia.

Caminhar pela areia segurando todos os bonecos em nossas mãos com um sol escaldante brilhando no céu não foi uma tarefa fácil. Atraímos olhares curiosos por onde passamos: em uma das mãos uma cabeça decepada, na outra um corpo sem cabeça, e na outra um cachorro sem patas; lembrando o tempo de teatro pré-pandêmico, tivemos público naquele dia. Atravessamos a praia em busca de um lugar isolado e seguro para novamente montar nosso “acampamento” e lá ficamos até a hora do almoço.

A ausência de Tuzão tornou-se evidente durante as filmagens. Mesmo já tendo manipulado ambos os bonecos - o pequeno e o grande - na semana anterior, faltava-nos agora um par de mãos.

Carol - Não tivemos muitas oportunidades durante a graduação de trabalhar com bonecos e manipulá-los. Percebemos durante este trabalho de conclusão de curso o quão difícil é esta tarefa, um verdadeiro exercício físico e temos, assim, muita admiração pelos bonequeiros que aguentam horas de peça apenas com a força dos braços.

Rodrigo nos auxiliou nesta parte e, após bastante tempo debaixo do sol, partimos para o almoço exaustos e doloridos.

Ao voltarmos, era hora de gravar as cenas com o cachorro Tino, o qual possui uma história interessante por trás de seu nome. Como já dito, nossa gravação chamou muito a atenção dos passantes ao nosso redor; não foram poucas as pessoas - a grande maioria sem máscaras - que pararam para observar, comentar e conversar sobre o trabalho. Em uma dessas ocasiões, uma família se interessou pelo vira-lata sem pernas que manipulávamos, em especial uma menina de cerca de seis anos de idade. Quando notamos sua presença, a menina perguntou:

-Qual o nome dele?

Não nomeáramos nossos bonecos. Pedimos, então, ajuda para a espectadora:

-Qual nome você daria?

-Tino!

E assim foi batizado o cachorro Tino. Posteriormente, também batizamos nossa velha boneca que aparece no curta como Tina, um paralelo poético que nos agradou.



Figura 10: Carol, Luana, Lux e Rodrigo na Barra do Sahy, acervo pessoal

As últimas cenas do curta também foram as últimas a serem gravadas neste dia: o boneco finalmente alcança o mar. Durante o processo de criação, discutimos o conceito de 間 (MA), inerente à cultura japonesa. Yoshito Ono explica durante uma aula de butô:

“...procurar o espaço e aproveitá-lo. É no espaço vazio que tudo pode acontecer, tudo pode ser criado. Não há espaço só para a frente: procurem no alto, embaixo. E mesmo retornando ao mesmo lugar, sempre há algo novo, um sentimento de encontro e reencontro” (apud SINZATO, 2015, p.105)

Surgido em um workshop feito por Luana no primeiro semestre de 2020, carregamos este conceito conosco até aqui. Uma longa cena de vislumbre,

onde nada e, ao mesmo tempo, tudo acontece: o boneco observa o mar e o céu, observa também seu eu do passado. O vazio que possibilita o encontro e o reencontro. *O mar, o céu, eu...*

Carol- Esta foi, na minha opinião, a parte mais gostosa de gravar de todos os dias. Éramos eu, você, Lux e Rodrigo praticamente sozinhas na praia, já que uma garoa expulsou os banhistas. Há mais de um ano eu não via o mar, desde 2019, e o reencontro me alegrou, principalmente com meus amigos estando lá. Lembra em uma das cenas finais, acho que talvez fosse a última, a garoa passou e o sol se abriu no meio da filmagem? Como se algo ou alguém abrisse as nuvens para nós.

Luana - Realmente foi um momento incrível. Passamos por um dia extremamente estressante, e esse final foi um grande salvador. Nem acreditava que tínhamos a praia apenas para nós.

Terminamos este dia de filmagem aproveitando a vista e o som das ondas, antes de voltar para o carro e pegar a estrada até São Paulo.



Figura 11: Luana, Lux e Rodrigo na Barra do Sahy, acervo pessoal

6.3.2.4 Metrô e cidade de São Paulo

Dia trinta de maio de dois mil e vinte e um.

Chegamos ao último dia de gravação cansades mas felizes com o trabalho feito até então. Nos encontramos na estação Imigrantes - segundo Luana, a estação mais vazia pela qual ela já passou - e logo partimos para a filmagem, que não durou muito. A maior preocupação foi com a Covid-19, já que grande parte das contaminações em São Paulo se deram nas linhas lotadas do metrô, mas não tivemos problemas. Luana estava certa, não havia praticamente ninguém.

Filmamos na plataforma do metrô e dentro do vagão em movimento, um desafio de equilíbrio que deu certo no final. Partimos, então, para o carro para filmarmos cenas nas ruas e avenidas de São Paulo.



Figura 12: Carol, Luana e Lux no metrô, acervo pessoal

Carol - Não tivemos grandes problemas nesse dia... talvez o único momento que vale a pena comentar foi quando um segurança de um prédio comercial nos perseguiu pelos entornos da Juscelino Kubitschek. Não foi tão dramático quanto parece.

Luana - Foi um dia muito gostoso, apesar desse pequeno acontecimento. O clima entre nós estava muito leve e a satisfação de estar terminando esta fase do trabalho era nítida.

E, assim, após dois finais de semana de filmagem e meses de criação, finalizamos as filmagens de *Tão Azul como Antes*. Faltando apenas a edição,

feita por Rodrigo e Luana, e a criação da trilha sonora, composta por José Pedro.

6.3.3 Mosaico

As gravações foram certamente o momento mais exaustivo para a equipe, mas o trabalho não estava finalizado. Ainda precisávamos iniciar um momento delicado, a pós-produção. Muitas horas foram gravadas e queríamos diminuí-las em apenas vinte e cinco minutos. Foi preciso um grande trabalho de mesa para assistir todos os vídeos e selecionar aqueles que melhor contavam a história, - como um verdadeiro mosaico - além de um grande desapego para entender que muitas vezes uma cena muito interessante para nós pode não ser tão interessante para o enredo.

Após todas as escolhas serem feitas, era necessário criar apenas um vídeo, condensar todos aqueles pequenos fragmentos em algo que fizesse sentido como material único. Assim se deu o trabalho referente ao primeiro corte. Rodrigo, sempre acompanhado - mesmo que virtualmente - de Carol e Luana, começou a criar uma linha do tempo em que as ações se encaixavam e a história começava a fazer sentido de acordo com o planejado.

A partir do primeiro corte se criou um jogo entre direção, edição e sonoplastia. Ficávamos compartilhando nossas ideias e nosso trabalho entre nós até que tudo se unisse e ficássemos satisfeitas com o resultado.

Rodrigo – Este foi um dos processos de edição mais prazerosos dos quais eu já participei. É muito comum, dentro deste meio, se deparar com projetos longos e difíceis de se finalizar, mas com o grupo Noite em Queda foi totalmente o oposto. Desde o começo o processo se mostrou fluido e muito simples de se executar, mas não se enganem, quando eu digo simples não falo sobre técnica ou execução, mas sim sobre conexão, pois como esse é o meu segundo trabalho com o grupo eu acredito estar bem conectado com os objetivos e ideias e isso facilita toda a experiência de edição.

Quando finalmente unimos a trilha sonora completa com o vídeo já praticamente finalizado tivemos uma grata surpresa.

6.3.4 Olhos nos olhos, entre o azul do céu e o azul do mar

Luana - Percorremos um longo caminho para chegarmos a Tão Azul como Antes da maneira que ele é hoje. Foram muitas ideias se modificando por um curto período de tempo e tudo foi acontecendo tão rapidamente que é estranho saber que o curta está finalizado. Sei que isso pode soar um tanto convencido, mas foi tão bonito assistir Tão Azul como Antes, foi tão lindo que me emocionei. A emoção não veio somente porque eu achei o curta lindo, mas também porque eu estava vendo o trabalho existindo. Quando começamos a trabalhar com um processo artístico muitas incertezas surgem, ainda mais pensando em um momento pandêmico, então o nosso trabalho existir e continuar existindo é um motivo muito grande a ser comemorado, pelo menos por nós!

Carol - Assistir a Tão Azul como Antes foi como assistir a um filme de todo o nosso processo, tudo que nos trouxe até aqui: os nossos encontros iniciais lá no começo de 2020, os workshops, as aulas com o Denny, Azul Apneia, os meses cansativos do segundo semestre de 2020 e todo esse trabalho que tivemos nos últimos seis meses. Passamos por algumas frustrações, algumas discussões mais acaloradas, mas me orgulho imensamente do que fizemos juntas, em plena pandemia. Ouvir a trilha sonora pronta pela primeira vez também me emocionou, o trabalho do Zé foi tocante e delicado. Lembro de quando reclamamos da dificuldade de criarmos tudo a distância, como em tempos sem o vírus tudo seria mais fácil, e o Tuzão comentou que este processo, então, não teria existido.

6.4 Grupo Noite em Queda toma a palavra

Marcella - “No desafio que me foi proposto, descobri o prazer de pensar e desenvolver procedimentos de escrita – não por acaso, estes tornaram-se o ponto de partida do meu trabalho de conclusão de curso na Licenciatura em Artes Cênicas (...) Encontrei acalento, no decorrer do processo de criação – que acontecia num tempo de quase nenhuma certeza em relação a qualquer aspecto da vida cotidiana –, na imensa profundidade das fronteiras. Por meio da relação com as devolutivas do grupo em relação às partes do texto que se construía e reconstruía, foi possível consolidar, nesse espaço fronteiro de indefinições, uma narrativa: tudo o que poderia acontecer no espaço vazio entre uma palavra e outra.”

Lux - “As escritas automáticas propostas pela Marcella foram momentos muito divertidos e também que ajudaram diretamente na criação da dramaturgia-conto-roteiro que se tornou um material artístico em si, através da poesia e sensibilidade da nossa dramaturga de costurar as escritas automáticas (...) Durante as gravações deu para dar risadas, correria, chuva, cantoria no carro, conversas sobre animes, filmes, séries, e também reflexões sobre como a gente tá vivendo um momento louco.”

Zé - “Minha entrada no grupo e toda a etapa do processo pré-filmagem, de levantamento de referências, composição de algumas faixas e diálogo com a dramaturgia foi delicadamente conduzida. Porém penso que o momento das filmagens foi mais caótico. Compareci apenas a um dos dias e digo isso não como crítica ao grupo, afinal creio ser um fato decorrente das condições do trabalho à distância, mas me parece que não estávamos prontos para as filmagens. Nos preparamos muito, sim, mas acho que ainda não estávamos prontos. Em diversos aspectos, senti uma precariedade nesta etapa, seja por um roteiro de filmagens que parece impreciso, como muitas partes que só puderam ser visualizadas na hora e acabaram sendo modificadas ou geraram um resultado diferente do previsto, seja pela forma como o set foi conduzido. Na minha opinião, a construção do roteiro contém algumas imaturidades, que refletem numa indecisão de linguagem em relação ao

curta como um todo (...) Confesso que na primeira vez em que assisti ao primeiro corte, não reconheci aquele trabalho em relação a todo o processo, mas agora, vejo que foi uma reação precoce e um pouco injusta. Tendo me debruçado sobre ele por vários dias, vejo com mais calma e reconheço o papel importante que toda a etapa pré-filmagem teve para a sonoplastia que estou construindo. A estrutura geral da sonoplastia está lá, como prevista antes, o que me empolga e me acalma.”

Tuzão- “Me senti mais seguro, ainda não MUITO, mas definitivamente mais do que o semestre anterior. O maior tempo de execução, um calendário mais bem planejado e uma divisão de tarefas/prazos fez as coisas terem muito mais sentido para mim. Senti falta de ainda podermos brincar com Workshops, mas não era mais esse momento de trabalho. Sinto que abandonamos muito do processo “teatral” e focamos na execução da obra “audiovisual”, o que por si só não é uma perda, afinal estávamos trabalhando em uma obra audiovisual. Se ainda cabe um desabafo final. Eu não suporto mais o mundo virtual. Sinto falta de estar junto das pessoas, do calor humano, de poder discutir, abraçar, rir junto e até de poder ficar em silêncio. O mundo digital parece que roubou até o nosso silêncio, sem as outras respostas sensoriais que o calor humano permite, você não tem como saber se a pessoa está confortável e gostando da sua presença sem que alguém FALE algo (...)O grupo deixou essa pandemia mais suportável, mas sigo sonhando com poder me juntar fisicamente a todo mundo. Só tenho a agradecer por estar fazendo parte desse projeto, desse grupo, desse TCC e dessa resistência.”

Rodrigo – “Me sinto parte do grupo mesmo não estando neste processo de graduação. Acredito que o nosso jeito de pensar é muito parecido, apesar das nossas diferenças de formação e isso facilita muito a existência desse encontro. Fui convidado a participar das gravações e estive presente em todas as diárias. A experiência foi incrível, ver acontecendo aquilo que há tanto tempo estava sendo construído me encantou e me encheu de satisfação. Trabalhar com o grupo Noite em Queda é sempre uma

experiência encantadora e por esse motivo estou sempre a disposição para novos projetos.”

Lux - “Acredito muito no potencial artístico de cada pessoa que compõe o Grupo Noite em Queda. As mãos de Luana e Krol, que constroem bonecos diversificados entre si, com um acabamento ideal. O pensamento de Tuzão, que consegue improvisar materiais e pensar soluções para ideias que, a priori, eram difíceis de se executar. A sensibilidade de Marcella, que costura de forma fenomenal as histórias propostas pelo grupo. O ritmo de Zé, que trouxe uma nova energia pro grupo, realizando experimentações sonoras que irão acrescentar muito ao novo curta. A edição de Rodrigo, que deixa a estética do nosso Instagram impecável e também cria a magia do cinema com a montagem e edição dos curtas. E também minha luz, que propõe ideias e cria possibilidades estéticas.”

Ouvir as devolutivas do grupo soa como fim. Ver o curta completo é uma finalização. Um ano e meio de trabalho se encerrava de uma maneira delicada e um tanto quanto melancólica. Como poderíamos terminar se ainda temos tanto a explorar?

Talvez não seja um final, mas sim o início de uma longa noite repleta de sonhos e desejos. Ainda abriremos nossas portas para que o público assista o nosso trabalho e, talvez - assim esperamos - se emocionem tanto quanto a gente. *Tão Azul como Antes* nasceu de um sonho, há um ano e meio atrás e desde então, passamos por muitas coisas... O fim leva ao recomeço.

Luana - A nossa vontade de compartilhar o curta com o público é imensa. Sentimos que é um trabalho verdadeiramente valioso, como toda a pesquisa vem sendo. É como Sidarta diz, os sonhos são o caminho, é a maneira de criar novos mundos, tão precisos em tempos como os nossos.

Carol - E esses milhares de paraquedas coloridos, como diz Krenak, continuam a nos sustentar. Mesmo não podendo estarmos juntas como antes, mesmo vendo as reações do público pela tela do computador, me

sinto feliz e orgulhosa com o que criamos, eu, você e todo o grupo Noite em Queda.

7) No fim do dia, só nos resta sonhar

Entender onde estamos e o que estamos fazendo é de extrema importância. No entanto, dar nome ao que criamos não nos parece fazer tanto sentido. É simples. Somos artistas do nosso tempo criando em nosso tempo, o futuro dirá em qual “categoria” nos encaixamos, mesmo que nós não acreditemos em categorias e fronteiras nas artes, talvez nem mesmo na vida. Os frutos que colhemos durante nossa breve caminhada, que ainda se inicia, - *Azul Apneia, Tão Azul como Antes e o grupo Noite em Queda* - são apenas uma pequena parte daquilo que compõe a criação artística de nossas vidas. Nos apaixonamos pelo teatro de animação durante a graduação e percebemos que fazemos parte de seu futuro, podemos modelá-lo ao longo dos muitos anos que ainda estão por vir... tudo mudará e vem mudando, nada nunca está parado obviamente, mas, pensando em uma pandemia, sentimos que o mundo - mais especificamente o mundo do teatro de animação - precisa se renovar. Novos ares e novas maneiras precisam ser introjetadas nesta forma tão bela e tão delicada de teatro.

Estivemos olhando para o passado durante essa escrita, mas agora, olhando para o futuro, vemos tempos mais esperançosos à nossa frente. A felicidade de ver amigos e familiares vacinados - nossa vez ainda está para chegar - traz consigo a expectativa do reencontro, este do qual tanto falamos ao longo das últimas páginas.

Sonhamos com o novo mundo e criamos o novo mundo - dentro e fora das artes - e só assim conseguimos seguir esperançosas. Entendemos que sonhar juntas é uma ferramenta poderosa e necessária

“Quando se sonha sozinho é apenas um sonho, mas quando se sonha junto é o começo da realidade.” (CERVANTES, 2005, Dom Quixote)

Carol - Nem acredito que chegamos até aqui! Lembra das nossas primeiras reuniões, lá em fevereiro de 2020, no CCSP? Empolgadas com a jornada a ser seguida, muitos caminhos a serem tomados, muitos galhos a serem ramificados. Os sonhos, ideia inicial que nos apontou um primeiro caminho, cresceram, cresceram tanto e este projeto foi abraçado por centenas de pessoas, muitas delas desconhecidas para nós. Parcerias também surgiram, algumas momentâneas e outras duradouras, e foram elas que fizeram esse projeto acontecer: Luiza - nossa cenógrafa por alguns meses - , Lux, Marcella, Tuzão, Rodrigo, Zé e você, é claro. Cada uma contribuiu imensamente - com sonhos, palavras, cores, ritmos -, tornando este trabalho fruto de muitas mãos. Ou melhor, frutos; nossa árvore se ramificou em muitos galhos, e vejo que alguns ainda estão para nascer. Nossa parceria começou em 2017 e desde então estivemos juntas em muitos momentos; vejo todos esses anos embrenhados neste trabalho que fizemos. O que vem pela frente eu não tenho certeza, mas sei que continuaremos sonhando e aprendendo com nossos sonhos, afinal de contas eles carregam possibilidades infinitas, fantásticas, muito maiores que a nossa consciência poderia imaginar.

Luana - Lá no começo, naquelas conversas iniciais sobre o TCC, tudo parecia muito diferente. Sentadas em um lugar público e sem máscara conversando sobre um futuro animador, não imaginávamos que passaríamos por tudo que passamos durante esse um ano e meio. As parcerias de trabalho que criamos - companheiros de sonhos - são de extrema importância para aquilo que estamos criando, mesmo aquelas que foram bem breves, como você disse. Fico pensando na nossa caminhada até aqui como a grande jornada onírica que deu nome ao trabalho. Nunca poderia imaginar, lá em 2017, que as coisas aconteceriam de tal forma que a nossa finalização de curso fosse assim. E com toda certeza todos esses anos que passamos juntas estão no nosso trabalho, eles são uma linha que parece conduzir tudo que criamos. Venho pensando nesse futuro sonhado de maneira compartilhada. Sinto ele tão próximo, mas ao mesmo tempo tão embaçado, é como se eu estivesse observando-o por uma nuvem. Eu sei

que ele está lá, mas não consigo vê-lo com nitidez, mas isso não me assusta mais. Aprendemos algo valioso durante o trabalho, aprendemos a criar de acordo com as nossas possibilidades, e entendemos que isso não torna o nosso trabalho menos valioso. De início queríamos nos formar com uma peça de teatro de animação, e demoramos muito a entender que isso não seria possível. No entanto, quando entendemos, percebemos que nossa criação tem potência no formato que for, desde que não deixemos de alimentar ela com toda a nossa energia.

No futuro, sonhar será cada vez mais um clarão. (RIBEIRO, 2019, p. 379)

“Venho sonhando regularmente no período entre março e maio de 2020 com a primeira cena de um espetáculo que faço parte. O sonho acontece por meio de pequenos flashes. Sonho com atrizes e atores abrindo uma porta para o público entrar na sala de teatro. Luzes. Roupas coloridas. Glitter. Música. A energia é pulsante. Risos. Abraços. As atrizes e atores guiam o público para seus assentos. Celebração. O sonho é curto, mas a sensação é muito confortante. Acredito que seja um dejavu. A celebração de nossas vidas se aproxima.”

Valmir, maio de 2020

Anexos

Anexo 1: Sonhário

<https://drive.google.com/file/d/1BUXuxbGXLb4BoU1s6-VkOnKE187t-Pts/view>

Anexo 2: Conto “Tão Azul Como Antes”, de Marcella Georgini

A selva de cimento

Um amontoado de pés de todos os tipos passava sob meus olhos. Pés que se batiam, esbarravam, davam pulinhos aqui e ali (não exatamente em comemoração à quinta década de vida, ao nascimento de uma neta ou ao raiar do sol num dia de folga), por nenhum outro motivo além da vã tentativa de não tropeçarem de novo.

- Desculpa, moço!

E seguiam, batendo e esbarrando e tropeçando uns nos outros.

O ar tão tipicamente metropolitano invadia minhas narinas. Seco. Frio. Cinza.

Percorria todo o caminho até os pulmões.

Seria então distribuído para todo o corpo, até que cada partezinha congelasse.

Senti estremecer o mais íntimo do meu coração.

Um dois três quatro cinco seis sete oito

dezesseis anúncios seguidos, enfileirados, apelativos, competindo pela atenção de pés que sequer conseguiriam chegar a seu destino sem tropeçarem por aí!

Pausa! - quase brusca.

Fixei a atenção num prédio que olhei dos pés à cabeça. São precisos catorze segundos inteiros para se passar os olhos num clássico edifício metropolitano...

Os espaços entre

Na plataforma de um trem que ainda não chegou, respirei.

Não sentia mais nada. Apenas aquele cheiro cinza, cada vez mais... pegajoso. O frio não me estremecia mais.

Conferi o relógio da plataforma, de relance.

(Não-adianta-ter-pressa-o-trem-eventualmente-vai-chegar.)

Encarei o relógio de volta, em provocação, quase com raiva, imaginando como seria poder acelerar o andar dos ponteiros com as mãos.

Respirei novamente. Bem fundo.

Do outro lado do trilho, a imagem borrada de construções menos escandalosas era camuflada pelo verde.

Com a cabeça encostada na janela do vagão, sentia os miolos tremerrrem. Fechava os olhos, abria os olhos, fechava os olhos, abria os olhos, nada acontecia. (Como se algo chamasse minha atenção.) Avenida, carro, poste, carro, prédio, prédio, prédio, prédio, uma árvore suplicante, prédio, prédio. Do alto, observava pessoinhas com seus cachorrinhos passearem por ruínas de lojinhas e então voltarem a suas casinhas. Tão longe, o som da selva de cimento ficava baixinho, dando espaço ao som de rodas que se deslocavam no sentido contrário pelos trilhos de um trem tão velho que provavelmente já existia antes mesmo do mundo ser o mundo.

Um rugido de tigre faminto despencou sobre a cabeça do trem. (Aaai!)
O trem parou! Do nada!

Silêncio por três intermináveis segundos.

O fim dos trilhos

- Atenção, passageiros, este trem não seguirá viagem. Solicitamos que desembarquem nesta estação.

Um temporal se faz audível no interior do trem. O céu permanecia impecavelmente limpo. Azul.

Sem perceber, tropecei trem afora, com a certeza de que alguém teria me empurrado, mas sem saber quem ou como. O corpo jogado no chão, senti... a grama tocar meu rosto! Quente, úmida, macia...! Verde-claro, quase amarela, como se precisasse de água mas se recusasse a morrer.

(Nós, na verdade.)

Estranhamente, notei meu nariz se torcer até ficar de ponta-cabeça. Arranquei-o do rosto quase sem medo, como uma criança arrancaria um dente de leite.

(Esse era permanente!)

Fiz uma careta de dor. Fechei a mão que segurava o nariz até que ele se esfarelasse completamente. Usei para regar a grama.

Finalmente conseguia respirar!

Um calor quase aconchegante me invadiu.

Caí no meio de um nada.

Para onde quer que olhasse, só podia ver um vasto nada. E lá estava eu, naquele nada imenso... Observei a paisagem... Aquele verde-claro baixo e descuidado se espalhava por tudo. Ali estávamos eu e a grama na imensidão do que parecia ser todo o universo.

(Como vou chegar lá?)

- Piuiiii.

Dei um salto de susto! O trem ainda estava ali? Pisquei. Olhei para trás e pude me observar descer na estação.

Tudo tinha um ar bastante... diferente. Havia dois caminhos possíveis. Pareciam iguais, mas de algum modo, soube que não eram. Sem hesitar, escolhi o da esquerda.

Verde e misteriosa, adentrei a selva. Um caminho que parecia ter sido pisado diversas vezes, por diferentes seres. O vento era forte, desafiador! Árvores com folhas de diferentes tamanhos, cores e espessuras dançavam, enérgicas, intensas, como se me provocassem.

Virei o rosto, de volta à vastidão do nada sem fim. Sem caminhos, sem selva, sem pegadas. Simplesmente o vazio. Um hiato.

(Eu estou no vazio ou o vazio me pertence?)

Como num labirinto multidimensional, segui, em passos apressados, a direção que acreditei ser a da selva, imaginando pegadas de tantos outros seres no caminho que eu acabava de criar no vazio. Ouvei o vento balançar as árvores ausentes e, ciente do desafio que me era proposto, segui dançando floresta adentro...

O vento pareceu acalmar-se! Soprava tranquilo, fresco. As árvores então me recebiam com boas vindas.

O peso do vazio

(Para onde teria ido toda a tripulação daquele trem lotado?!)

Não havia mais ninguém! Éramos apenas nós dois: a grama e eu. Ela parecia não receber visitas havia muito, muito tempo.

Por um instante, senti pena. Disfarcei - não queria que ela soubesse.

Corria energeticamente pela vastidão e o verde-claro-quase-amarelado ficava mais verde, menos amarelado! Verde claro, verde limão, verde menos claro, verde quase escuro.

Eu seguia o caminho, a grama seguia comigo. (Em paralelo ou em união?)

Mas.

Sentia nas costas a incansável força da gravidade agir sobre minha mochila. De início, andava em passos frenéticos, pertinho de alcançar as nuvens; depois, tinha menos energia; depois do depois, menos energia ainda; sentia o cansaço,

não parava; os passos ficavam cada vez mais pesados e cansados e arrastados...

Sentia que nunca em toda minha existência havia largado aquela mochila, tão grande e cheia e montanhosa que passava minha cabeça até tocar o céu.

(Quantas toneladas de vazio as costas são capazes de suportar?)

O cansaço começava a me tomar... quase ofegava sob o clarão do Sol que não via.

Aquele peso tornou-se inesperadamente

menos pesado.

(Finalmente!)

Agarrei as alças junto ao peito, com receio, quase medo!

Virei a cabeça de um lado para o outro:
ninguém.

Sem pedir licença, o topo da mochila tinha-se aberto e um item irreverentemente decidira pular para fora, sem mais nem menos!

Não não não não não não não não não não não não não
podia perder nada daquilo!

(Sério?!)

Quase em desespero, tentei recuperar a coisa perdida, tarde demais. Meu relógio havia se plantado no vazio; a grama, provocante, negava sua devolução!

Um duelo: eu versus a vastidão.

(Quanta prepotência!)

Abracei o que restava na mochila com toda minha força - até os dedos ficarem roxos.

Por um momento, não consegui enxergar nada. O vento batia forte, bagunçando meus cabelos... de propósito, pura pirraça!

Caso (coisa) perdido.

Ainda hesitante, fiz força para relaxar os músculos.

A grama, verde, apenas observou...
e sorriu.

O chamado de lá

O relógio perdido tornara-se um rastro. Minha única pegada em meio ao nada infinito. Uma bandeira, um sinal, como quem tenta lembrar o caminho de onde veio...

(Em toda jornada, existe o ir e só ele. Ir e, depois, ir de novo.)

Um som indescritível invadiu meus ouvidos, súbita e inesperadamente. Ouvi como se eu estivesse bem ali, cara a cara com aquela coisa que deveria ser... enorme! Muito, muito grande. Potente , poderosa, imensa. Eu sabia, mesmo sem saber.

Eu sabia, mas não teria descoberto, nem se me fossem concebidas mil e uma tentativas – são resquícios daquele ar pegajoso, depois de algum tempo, não se sente quase nada.

– Você sabe, sim!

Pela primeira vez, a grama e eu nos observamos ao mesmo tempo. Ela parecia apreciar minha presença de forma genuína.

E eu também.

Um aroma deliciosamente familiar chegou às minhas narinas, espalhando-se por todo meu ser.

Era o cheiro da casa de minha avó. Aconchegante. Acolhedor. Quentinho, mas não muito. Como uma xícara de café, as bordas lascadas, marcadas por anos de uso, por crianças que não seriam punidas por deixar arranhões na porcelana mais antiga do universo. No ponto exato de ser bebido. Nem quente demais, nem frio demais. Com um bolo de cenoura recém assado, ainda melhor.

Pela primeira vez em uma eternidade, não me senti só.

Pausa.

Uma gota de suor densa escorreu pelo olho direito. Ficou ali, marcada, para todo o mundo saber.

Solidão escorria pelos olhos
sentia saudades
aquilo que só aconteceu num futuro
do qual não poderei me lembrar.

Vãs tentativas de limpar o rosto,

outro objeto
aproveitando-se de um momento frágil
pulou para fora da mochila.

Um sachê de chá mate!

Tentei agarrá-lo, o sachê fez questão de se jogar para longe! Nem o chá queria voltar à mochila, nem a mochila o queria de volta.

Na grama, qualquer coisa já não me pertencia mais.

O som que se perpetua no vazio

Voltei os olhos para o horizonte e...

Meu rosto permanecia marcado.
(E assim seria por umas tantas outras memórias.)

Ouvi o som da nova imagem que meus olhos capturavam. De longe.
Um receio – de quem vê o passado se repetir à sua frente.

(Você escolheria esse caminho de novo, não?) Nunca estive aqui antes.

Permaneci. Ali. Imóvel. Teriam me percebido?

A espera ansiosa...

Interminável

espera.

Num ato de bravura (displicência!), dei três passos largos e firmes, a mochila batendo nas costas.

Nada.

(Tão previsível. Risos.)

Engoli em seco.

Pausa silenciosa.

Peguei fôlego e coragem. Não podia hesitar agora.

Abri meu interior.

Virei a maçaneta devagarinho. (E se uma avalanche de sentimentos fugisse?!)
Aqui dentro, uma poeira de concreto cobria minhas cordas vocais.

Todo o espaço me assistia, em expectativa...

Retirei a poeira.

Cantei para o nada. Cordas vocais vibravam como as cordas de um violão tocando... (a nossa música). Uma melodia desconhecida. Parecia certo, mesmo sem compreender.

As cordas vibravam, o som saía pelas orelhas, como a fumaça sai de um trem.

Tudo que existia ali sabia o que se seguiria. A imensa árvore central, as plantas baixinhas que a rodeavam, o chão de matéria estranha que nunca soube definir. Céu iluminado, o silêncio que escutava atento minha voz-violão.

Pude sentir.

Prestes a traçar novamente o destino que nunca acontecera antes.

- De volta!

O violão que saía de mim criava ondas pluridimensionais em todo o espaço, talvez, para além dele. Meu corpo se movia, cada passo movia o mundo e desabava numa cachoeira de afluência e emoções invertidas.

Eu estava em tudo!

A batida dos meus pés marcava a respiração daquele pequeno cosmos, a vibração do meu olhar estabelecia o curso do mundo.

E ele me devolvia algo em troca.

Uma brisa leve arrepiou a superfície exposta de meu corpo, como o vento do outono costuma fazer. Não ventava! Sequer havia ar. Só o nada entre a terra e o céu. Éramos então a floresta e eu no vazio que preenchia um acontecimento único (em sua pluralidade de repetições) no espaço-tempo.

Um calor súbito percorreu o eixo central de meu corpo de uma extremidade a outra. Desafinei. Tropeçar no próprio pé, coisa de mané! Escapou por meus olhos um chiado familiar que nunca ouvi.

Ondas de água muito azul chiavam altas, confiantes. O som da paz mundial numa sexta-feira de feriado! A descoberta da cura para uma doença grave. O sabor do chá de hortelã que avós preparam para os seus, aquele que cura dor de estômago, de cabeça, de coração.

A sensação de uma incompletude em que não há falta.

A aliança com o vazio.

Breves momentos em que o presente é tudo.

Apenas ele mesmo.

Só isso.

E basta.

O pássaro-árvore

Abro o olho!

A grande árvore se esfarela em combustão espontânea.

(Tudo o que acontece é precedido de outra coisa.)

Em nenhum momento deixou de ser o centro de tudo. A abelha-rainha de uma floresta de ar vazio. Pouco a pouco, se reduzia a nada. As cinzas marcariam para sempre a presença de sua ausência.

Tudo ao redor pareceria vazio.

Fogo que arde e sente e chama e canta. Pobre mortal que sou, não resisti, procurei abraçá-la na esperança de que o brilho do afeto recém construído há três milênios e meio fosse capaz de me alagar até ela, que ainda se encontrava a tantas memórias de distância!

Fiquei ali, sem me mexer.

Não era exatamente bom ou ruim, alegre ou triste.

Simplesmente era.

A calorosa e escaldante combustão se propagava no vazio. E derretia meus cabelos. Lentamente.

Chamas da canção minha que se tornara de toda a floresta.
O fogo me pertencia.
Combustão dela porque já era minha, antes de ser.

Combustão nossa.
Compartilhada.

Nós: duas árvores que queimavam à luz de um Sol ausente.

Futuro que se repetia sem saber que já havia acontecido ontem.

A árvore esfarelava e eu derretia aos poucos.

Um fio.

Depois outro galho.

Mais outro.

Fio a fio.

Folha a
folha.

Tive certeza de que a plateia silenciosa (silenciosa?) assistia a um ritual de iniciação.
- Você vem?

Os fios escorriam pelo corpo em direção ao chão atrás de mim...

Árvore-fênix, do fogo tornou-se cinzas e, das cinzas... uma ponte suspensa! Levaria viajantes dali a um lugar que antes não existia.
(Tudo está aqui, é preciso enxergar.)

Um calafrio corajoso percorreu meus membros que formigavam, imobilizados. Senti o Sol, gelado, tocar o topo da cabeça. Nem um fio de cabelo me restava. Nenhum me fazia falta.

Fiz força para sair do lugar. Sentia que deveria seguir o caminho que me era apontado, mesmo sem saber se era o certo...

Contudo, não conseguia me mover.

Ainda assim, em momento algum, ousei olhar para trás.

A (re)visita

Do outro lado da ponte suspensa pela qual não me lembrava de ter passado, era quase noite.

Cheiro de cabelo molhado na grama lamacenta em dia de chuva. Uma vegetação quase litorânea. Altas palmeiras me observavam caminhar desengonçadamente entre suas semelhantes, ainda carregando uma série de apetrechos de razão existencial questionável.

Algo mais me observava! Não via, mas podia sentir... Uma curiosidade quase destemida me invadiu.

Ouvi alguém bater à porta!

- Porta...?!

Incansável e incessantemente, a batida se aproximava...

Mais perto!

Mais mais perto!

Mais e mais e mais e mais e mais...!

(Como se recebe uma visita num espaço aberto pertencente a ninguém?)

Silêncio absoluto! Uma brisa morna, quase sublime, tão imperceptível que era, soprou minhas costas. De uma extremidade à outra do corpo, cada partezinha de mim arrepiou-se! A curiosidade transfigurava-se num receio quase medroso.

O cheiro de cabelo e grama e lama ficava mais intenso a cada inspiração.

Tive vontade de correr e fugir para longe, o mais longe possível; pensamento lento, tarde demais! Sem opção, virei-me em posição de defesa, torcendo para aquele não ser meu último dia, os batimentos cardíacos apostando corrida, cada um tentando se provar mais rápido que o anterior!

Nunca em toda minha existência me deparara com algo tão extraordinariamente belo... e espatifado!

Um cachorro grande e esbelto, um dos olhos destroçado...

Ele parecia ter-se assustado comigo tanto quanto eu com ele! Situação gozada, aquela: eu temia o cachorro, o cachorro tinha medo de mim também.

(Como quem se depara com o fantasma invisível de um passado que foi ontem ou daqui a quinze décadas.)

Observei aquele ser quase magnífico em sua estranheza fixamente sob o olhar das palmeiras curiosas. Ofereci-lhe uma reverência, ainda temendo as consequências de qualquer ação mal calculada; o cachorro me retribuiu baixando também a cabeça e patas dianteiras.

Tentei me aproximar observando-o fixamente, metade de mim comandava a cena, metade se mantinha em estado de alerta.

O cachorro respondeu espelhando cada movimento meu; tudo o que fazia, ele copiava! Eram movimentos desajeitados, um corpo como aquele tentar copiar um corpo como o meu, distinto em quase tudo!

Não saberia dizer se o que me era proposto mais parecia um jogo ou um desafio.

Subitamente, esbocei movimentos mais complexos, peguei-o desprevenido! Temi o que aconteceria por um instante...

Vi surgir em sua expressão desajeitada um risinho de canto de boca!

O objeto e seu reflexo, a sombra e sua criatura.
No espaço entre, algo acontecia...

- Nunca houve um ser só.

Os olhos do oceano

Tomei o primeiro passo, ofereci minha mão para ele cheirar. Encostei então o topo da cabeça à sua. Tão perto!

Cara a cara:
o passado e o futuro
unidos
rumo ao presente eterno.

(O primeiro passo fora dado centenas de anos atrás.)

Olhos grandes e profundos, como se contivessem em si a experiência do mundo: aquela que não entendia e talvez nunca pudesse entender, mas sabia porque minha avó contava, e ela, por sua vez, sabia porque ouvira sua avó dizer.

Olhos tão grandes quanto cinco gerações unidas num mar quase biográfico de memórias e afetos.

Meus batimentos cardíacos cessaram por um minuto inteiro.

Olhos nos olhos, vi o cheiro de sal e areia que preenche toda a extensão de espaço entre o azul do céu e o azul do mar. Olhos pertencentes ao mar: olhos de maresia.

Senti a dor dos olhos há muito ferimentos ecoar em minhas entranhas. A frieza da brutalidade estremecia os pulmões.
(O corpo lembra coisas que a memória deixa apagar.)

Perplexa, a paisagem nos observava como um acontecimento extraordinário. A equação cósmica que só se repete uma vez na vida, a cada duzentos anos. O eclipse temporal em que passado e futuro se alinham por um momento breve infinito.

As palmeiras derramaram-se em lágrimas: largos pingos d'água recaíram sobre nós. Sentíamos a chuva, quente como fogo, cair sobre nossos corpos. Não nos molhávamos.

(Como se o destino soubesse. Era tempo de despedida.)

- Novamente.

Quase lá

A chuva intensificava-se, em pingos mais finos e mais rápidos. Senti a mochila encher-se de água; o cachorro me observava com o ar de uma sabedoria quase injusta... Ele sabia coisas que eu jamais adivinharia.

Uma chave, um trenzinho de brinquedo, uma galocha vermelha e um porta-retrato escaparam, levados pela chuva que transbordava da mochila.

- não!

Passado o susto inicial, deixei irem os três primeiros: a esse ponto, retornar ao ponto de onde vim sequer seria possível.

(Em todo caminho, não há volta.)

Num movimento delicado e ágil, cheguei pertíssimo de recuperar o porta-retrato! - mas ele também navegou para longe no que se tornava um temporal. Segundos antes de perdê-lo na infinidade das águas turbulentas, observei-o, em despedida, uma última vez.

Memorizando a riqueza de detalhes que escaparam à câmera no momento fotografado...

O cheiro tão peculiarmente familiar da casinha em que minha tataravó vivera, onde nunca estive. A grama lamacenta, a mobília de madeira envelhecida como as bordas do porta-retrato - inacreditavelmente, ainda inteiras.

Lembro o dia em que não nos conhecemos: foram as lembranças contadas por minha avó sobre a avó que ela tivera. *Os olhos oceânicos, intensos como o alto-mar.* A violência do machucado num dos olhos, a presença de uma história que nunca nos fora contada.

A fotografia amarelada, marcada por um tempo tão distante quanto amanhã. A imagem de minha tataravó, imagem minha e tão distinta de mim - um eu distante, tão mais próximo de quem eu era.

O cachorro me observava atentamente. Brincando, abocanhou a mochila em minhas costas, com uma força da qual eu duvidaria se não tivesse sentido. Tentei reagir, puxá-la de volta, nada do cachorro soltar. Ele não parecia entender quão importante aquela mochila era...

(Na verdade, nem eu...)

Aceitei a derrota. Quando se joga, é preciso saber perder. Deixei de fazer força no sentido contrário, o cachorro fez questão de responder, contente! Entreguei a ele seu prêmio.

Sem o peso do passado, eu poderia, enfim, seguir viagem. Em busca de memórias daquilo que nunca vivi.

(O passado ainda é.)

Uma brisa que cheirava a sal misturava-se à tempestade. Fiz uma última reverência ao cachorro, que me foi devolvida com uma lambida. Por fim, virei as costas e parti, ciente de que o cachorro me observava.

Como as palmeiras, meus olhos quiseram derramar-se também.

O retorno

Num piscar de olhos, aquilo que levava toda uma existência para acontecer:
o nada tornara-se tudo. Lá estava eu.

A areia, quente como a de um deserto ao meio dia, se entrelaçava à base do meu corpo. O Sol frio - mas presente - iluminava o infinito.

Apenas eu na imensidão azul.

Azul.

O cheiro do inverno quando chega, mas ainda faz Sol. A brisa que toma a noite estrelada num vilarejo que não existe mais. A primeira respiração de uma criatura recém-nascida. O último batimento cardíaco de alguém que é querido sem saber.

Azul.

(Tudo o que há.)

Observei-me andar rumo àquela vastidão de águas infinitas. Nem mesmo o espelho seria capaz de me reconhecer. Faces fragmentadas de um eu que é muitos. E não é ninguém.

Corri com pressa até chegar o mais perto que pude. O encanto azul das águas me chamava, forte, persuasivo...

Éramos uma única existência: as águas e eu.
Saltei para o desconhecido, deixei-me lavar os pés e assisti passivamente uma parte de mim ser levada... Como se as águas consumissem aquelas coisinhas de que sequer gostava, mas de alguma forma sentiria falta.

O preço de pertencer.

Ofegava, em estado de choque e animação, como quem acaba de ganhar na loteria e não sabe o que fazer depois.

Voltei os olhos à imensidão azul. Poderosa. Imponente. Vigorosa. Expressiva. O som estrondoso. O cheiro salgado.

O cheiro do machucado inevitável após um dia inteiro brincando no parquinho. O toque da areia grudada nos pés, nas meias, nos sapatos. O sabor do suor gostoso que decorre de um cansaço bom.

As ondas pareciam caoticamente calmas. Um caos ordenado, uma organização desorganizada, um turbilhão de sensações sem ordem e sem sentido.

A água se lembrava.

Aquele ponto no espaço-tempo

Lá estava eu de novo: há milhões de anos atrás, vivendo novamente a história que nunca aconteceu antes.

Caminhei em direção àquele azul sem fim.

Lentamente.

Sem euforia.

Sem hesitação.

Um passo após o outro.

Ali.

Caminhando.

Uma forma atípica de ansiedade dilatava o tempo...

Olhei para a água de relance... Ela me observava.

(Quão vasto pode ser um afeto escondido há tanto em águas profundas?)

- Você chegou!

Eu cheguei. Finalmente.

Habitávamos enfim o mesmo espaço-tempo.

Compartilhávamos os mesmos eixos de uma equação que envolvia
pensamentos, reflexões, memórias e afetos,
que se estendia dali para tantas outras
dimensões.

O ponto exato em que coexistíamos.
A geografia singular que só aconteceria uma vez a cada cinco gerações
(ou cinco vezes por geração).

Não corri.
Parei na areia, sem entrar na água.

Devagarinho, levei a mão à maçaneta.

Suspensão.

Abri meu interior.
Cautelosamente, mas sem medo. Sabia o que encontraria ali dentro.
Talvez a água soubesse também.
(Ninguém de nós poderia ter certeza.)

Senti que ela me analisava por dentro, sem se preocupar em disfarçar.

(Por que deveria?)

Nos conhecíamos havia tantos (milhões de) tempos.
Suficiente para poder enxergar alguém.

Meu interior encontrava-se vazio daquilo que (o) continha antes.

Fora marinado através da jornada até reduzir-se
a quase nada
- e o quase nada teria se transformado numa coisa outra, antes inimaginável.
Tudo já era outro.

Deixei a porta aberta: aquilo que habitava em mim precisava de luz.

O azul entre memórias e o agora

A água me mirava, concentrada. Voltei os olhos a ela, em resposta.
Ficamos ali.

Passaram-se minutos,
horas,

dias,
séculos,
talvez um milênio.

Todos azuis.

Tão azul como antes
- mas diferente.

Não era o mesmo azul litorâneo do passado. Aquele que era azul como cheiro de protetor solar, picolé de limão, vôlei de praia, crianças aprendendo a nadar. Azul como som de algodão-doce feito na hora, com sabor de abraço de vó.

Em seu lugar, um azul quase frio. Tão azul quanto um banho morninho o suficiente para não ser gelado, mas frio demais pra ser morno.
O meio termo entre ali
e o que haveria para além de onde meus olhos eram capazes de alcançar.

Tive enfim coragem para tirar os olhos daquelas poderosas e persuasivas águas - pela primeira vez desde que nos conhecemos, tantos futuros atrás.
Outra coisa tentava fisgar minha atenção...

Olhei para o céu.

Também azul. Um azul que não era o das águas de antes, nem o daquele momento. Igualmente único. Uma contramão no sentido certo. O azul do céu tinha um aspecto só seu...

O (re)começo

Éramos, enfim, nós três.
O mar, o céu, eu.

Povoávamos o presente eterno...

Como se alguém segurasse os ponteiros do relógio. A ave em meio vôo, a onda em meia quebra, o suor em meia gota.

Senti minhas veias se expandirem para além de mim...

O som de um silêncio inquieto vibrava no chão arenoso.
Escutava o calar das ondas, na tentativa de compreender suas entrelinhas.

Raízes minhas saíam da base de meu corpo para se afundarem na areia quente.
Seus grãos remexiam-se ao passarem por cada partezinha de meu corpo... até que eu estava completamente firme...

Absolutamente ali...

Ontem, amanhã e hoje se tornaram um tempo único indivisível.

O mar, o céu, eu.

Anexo 3: Roteiro de ações de “Tão Azul Como Antes”

Roteiro de ações

Cena 1 - A selva de cimento **Duração: 1 minuto (60 segundos)**

1. Amontoado de pés passando em frente à câmera - 20 segundos;
2. Ambientação da cidade + Pulmão respirando - 12 segundos;
3. Sequência de anúncios - 8 segundos;
4. Imagem do prédio “dos pés à cabeça” - 14 segundos;

Cena 2 - Os espaços entre **Duração: 2 min e 5 segundos (125 segundos)**

1. Personagem na plataforma do trem, esperando o trem chegar; Coça a rachadura. - 10 segundos
2. Personagem olha para o relógio; - 5 segundos
3. Relógio com os dizeres: Não-adianta-ter-prensa-o-trem-eventualmente-vai-chegar - 20 segundos
4. Olhar de raiva (?); - 5 segundos
5. Casas do outro lado do trilho; - 10 segundos
6. Personagem no trem. Ele olha para a janela; - 20 segundos
7. Avenida, carro, poste, carro, prédio, prédio, prédio, prédio, uma árvore suplicante, prédio, prédio. - 20 segundos
8. Trem passa por uma “ponte”: personagem observa a cidadezinha (visão geral, som do trem se sobressai, apagando som da cidade) - 10 segundos
9. Olhar da personagem segue uma pessoinha em seu trajetinho (lojinha, ruinha, casinha)- 10 segundos
10. Trem para: personagem dá uma freada. - 15 segundos

Cena 3 - O fim dos trilhos **Duração: 2 minutos e 15 segundos (135 segundos)**

1. Voz diz : Atenção, passageiros, este trem não seguirá viagem. Solicitamos que desembarquem nesta estação.- 15 segundos
2. Personagem tropeça para fora do trem; - 5 segundos
3. Personagem sente a grama no rosto - 5 segundos
4. Personagem arranca o nariz - 15 segundos
5. Imagem do pulmão, dessa vez se enchendo completamente de ar. - 5 segundos
6. Personagem observa o nada (pausa). - 10 segundos
7. Pula de susto ao ouvir o trem. - 5 segundos

8. Olha para trás. - 5 segundos
9. Observa sua própria memória: a memória observa os caminhos, coça a rachadura, e toma a rota da esquerda (ENCRUZILHADA) e adentra a selva. -20 segundos
10. Na memória: as árvores da selva se agitam conforme personagem anda. - 10 segundos
11. Duas cenas iguais: a memória e o personagem estão de costas e viram o rosto para olhar para trás. - 20 segundos
12. Personagem caminha (dança?) pelo vazio (mesma direção que a selva estava na memória) (efeitos na edição). - 20 segundos

**Cena 4 - O peso do vazio
segundos (70 segundos)**

Duração: 1 minuto e 10

1. Personagem corre pelo vazio (trabalhar relação com a grama).- 15 segundos
2. Fica cansada e diminui a velocidade gradativamente. - 10 segundos
3. Cai um relógio da mochila. - 5 segundos
4. Gesto de reflexo (agarra as alças / puxa a mochila pra perto do corpo.) - 5 segundos
5. Tenta puxar o relógio caído, mas está preso à grama - 10 segundos
6. Abraça a mochila. - 5 segundos
7. Vento bagunça cabelo da personagem. - 5 segundos
8. Observa a grama, que está “satisfeita” com o relógio. - 15 segundos

**Cena 5 - O chamado de lá
segundos (75 segundos)**

Duração: 1 minuto e 15

1. Pegada na terra/vazio. Rastro que o relógio deixou. - 5 segundos
2. Som indescritível (do mar)- 15 segundos
3. Observa a grama (relação em que grama observa de volta) - 10 segundos
4. Sons da casa da avó (xícaras batendo, crianças correndo pela casa, xícara quebrando, café, bolo) - 10 segundos
5. Sons se misturam com cheiros (boneco respira fundo, referência Ratatouille quando Remi sente os gostos) - 10 segundos
6. Gota de suor escorre pelo olho direito da personagem - 5 segundos
7. Tenta limpar o rosto, mas a gota não sai - 5 segundos
8. Cai um saquinho de chá mate da mochila - 5 segundos
9. Tenta puxar o chá caído, que faz questão de se jogar pra longe - 10 segundos

**Cena 6 - O som que se perpetua no vazio Duração: 2 minutos e 10
segundos (130 segundos)**

1. Personagem olha para o horizonte, ao longe - momento de espera estendido - 20 segundos
2. Sons da paisagem - 10 segundos
3. Personagem dá 3 passos após a espera - 10 segundos
4. Paisagem é mostrada pela primeira vez - 15 segundos
5. Breve pausa da personagem - 10 segundos
6. Personagem abre seu corpo devagar e retira a poeira - 10 segundos
7. Toca suas cordas vocais, como se fossem cordas de um violão - 20 segundos

8. Sons do violão saem pelas orelhas - concomitante com 7
9. Personagem se deixa dançar, de corpo aberto, ao som do violão (relação com a paisagem) - momento duradouro, “preenche” o espaço - 25 segundos
10. Som do mar contagia a cena junto ao violão. - concomitante com 9
11. Personagem tropeça e desafina - 10 segundos

**Cena 7 - O Pássaro-Árvore
segundos (125 segundos)**

Duração: 2 minutos e 5

1. **Árvore principal entra em combustão (desconstrução)** - 25 segundos
2. Personagem faz menção a abraçar a árvore já desconstruída, mas não consegue - 10 segundos
3. Personagem observa a árvore - 20 segundos
4. O cabelo da personagem começa a cair - 25 segundos
5. Paralelo entre a destruição árvore e a perda de cabelo da personagem - tempo dilatado - concomitante com 4 após 5 segundos
6. O olhar da personagem foca em uma ponte suspensa - 15 segundos
7. Imagem da personagem careca. - 10 segundos
8. Personagem coça a rachadura. - 5 segundos
9. Personagem tenta andar, mas não consegue se mexer - 10 segundos
10. Faz que vai olhar para trás mas hesita, não consegue, e segue adiante. - 5 segundos

**Cena 8 - A re(visita)
segundos (115 segundos)**

Duração: 1 minuto e 55

1. Visão da ponte se aproxima - 5 segundos
2. Personagem aparece do outro lado da ponte - 5 segundos
3. A rachadura em seu rosto está maior. - 10 segundos
4. Visão de uma mata litorânea durante a noite - 20 segundos
5. **Cheiro de cachorro molhado** - 10 segundos
6. Alguém bate na porta, que ainda não está no espaço - 5 segundos
7. Cachorro chega bem perto das costas da personagem (é percebido, mas não visto) - 5 segundos
8. Personagem encontra o cachorro, ambos se assustam - 5 segundos
9. Reverência entre os corpos - 10 segundos
10. Personagem observa o corpo do cachorro - 10 segundos
11. Aproximação entre os corpos - 5 segundos
12. Mímica de movimentos comandada pela personagem - 15 segundos
13. Personagem faz um movimento mais ousado, o cachorro parece sorrir de canto de boca - 10 segundos

**Cena 9 - Os olhos do oceano
segundos (80 segundos)**

Duração: 1 minuto e 20

1. Personagem oferece a mão para o cachorro, que a cheira - 10 segundos
2. Personagem encosta sua cabeça na cabeça do cachorro - 15 segundos
3. Imagem focada nos olhos do cachorro - 10 segundos
4. Imagem dos olhos da bisavó, voltam aos olhos do cachorro - 10 segundos
5. Trocas das imagens dos olhos, **olhos de maresia** - 10 segundos
6. As palmeiras observam, emocionadas + chuviscos (efeito edição) - 10 segundos

7. Personagens continuam se olhando de extremamente perto - 15 segundos

Cena 10 - Quase lá segundos (145 segundos)

Duração: 2 minutos e 25

1. O cachorro observa com uma **sabedoria injusta** - 10 segundos
2. Uma chave, um trenzinho de brinquedo, uma galocha vermelha e o porta-retrato pulam da mochila, sendo levados pela chuva - 10 segundos
3. Personagem se assusta - 5 segundos
4. Personagem quase consegue recuperar o porta-retrato - 5 segundos
5. Foco na imagem do porta-retrato - 15 segundos
6. **Sala da casa da avó se forma na mata** - 20 segundos
7. Olhamos toda a sala, foco no porta-retrato que está na parede - 20 segundos
8. O cachorro abocanha a mochila, fazendo a personagem se virar para ele - 5 segundos
9. Eles travam um cabo de guerra pela mochila, mas a personagem desiste - 15 segundos
10. Personagem se sente leve e pode continuar a viagem - 10 segundos
11. Personagem se despede do cachorro com uma reverência, cachorro devolve uma lambida - 15 segundos
12. Personagem olha para as palmeiras e parte, querendo chorar, enquanto cachorro a observa - 5 segundos

Cena 11 - O retorno segundos (95 segundos)

Duração: 1 minuto e 35

1. Personagem chega na praia. Momento de contemplação rápida - 15 segundos
2. Memória: personagem chega na praia e observa o mar (a personagem no tempo presente assiste a memória) - 15 segundos
3. Entre as memórias, o musgo vai nascendo em suas articulações. - concomitante com 2
4. Memória: a personagem corre até chegar no mar. Lava os pés e depois uma parte do corpo/roupa é levada pela água. **Éramos uma única existência: as águas e eu.** - 15 segundos
5. Novamente, nasce musgo em seu corpo. - 5 segundos
6. Memória: a personagem ofegante - 5 segundos
7. Personagem volta seus olhos para a imensidão azul. - 15 segundos
8. **Pés brincando na areia (Sons de brincadeiras infantis, um tropeço, choro...)** - 15 segundos
9. A água brinca de chamar a personagem - 10 segundos

Cena 12 - Aquele ponto no espaço-tempo segundos (100 segundos)

Duração: 1 minuto e 40

1. Personagem contemplando: **Lá estava eu de novo: há milhões de anos atrás, vivendo novamente a história que nunca aconteceu antes.** - 25 segundos
2. Personagem caminha, calmamente, até o mar, mas não entra - 15 segundos

3. A água de alguma maneira observa a personagem. (podemos enxergar o reflexo da personagem na água) - 10 segundos
4. O mar diz: Você chegou! A personagem responde: Eu cheguei. Finalmente. (não fala mexendo a boca) - 10 segundos
5. A personagem abre a sua portinha com delicadeza. Podemos observar, pelo olhar da personagem, o caule da planta que sai pela rachadura de sua cabeça. Câmera percorre seu corpo, chegando na flor que sai pela rachadura. - 20 segundos
6. A portinha é deixada aberta enquanto a personagem contempla a si mesma. - 15 segundos
7. Imagem de um feixe de luz entrando através da portinha aberta. (Talvez seja possível com um espelho ou uma lanterna) - 5 segundos

Cena 13 - O azul entre memórias e o agora Duração: 1 minuto e 15 segundos (75 segundos)

1. A personagem volta seu olhar para o mar - tempo dilatado - 25 segundos
2. Memória: a mesma cena, mas no passado (na memória: um clima mais agitado, sons de praia agitada **picolé, algodão doce, bola de vôlei**) - 25 segundos
3. A personagem olha para o céu - 5 segundos
4. A personagem da memória mimetiza a cena - 5 segundos
5. Vemos as cenas lado a lado. A personagem, em tempos diferentes, de frente para o mar e observando o céu - 15 segundos

Cena 14 - O (re)começo Duração: 55 segundos

1. A última união. O casamento perfeito entre os três elementos. A personagem, o céu e o mar. - tempo dilatado - 30 segundos
2. Personagem retira seu casaco, seus braços caem junto. - 5 segundos (se for acontecer)
3. Personagem fixa raízes na praia - 5 segundos
4. Pausa na imagem dos três elementos - 15 segundos

Duração total do curta: 25 min (1.500 s)

- Cena 1: 1 minuto (60 s)
- Cena 2: 2 minutos e 5 segundos (125 s)
- Cena 3: 2 minutos e 15 segundos (135 s)
- Cena 4: 1 minuto e 10 segundos (70 s)
- Cena 5: 1 minuto e 15 segundos (75 s)
- Cena 6: 2 minutos e 10 segundos (130 s)
- Cena 7: 2 minutos e 5 segundos (125 s)
- Cena 8: 1 minuto e 55 segundos (115 s)
- Cena 9: 1 minuto e 20 segundos (80 s)
- Cena 10: 2 minutos e 15 segundos (135 s)

Cena 11: 1 minuto e 35 segundos (95 s)
Cena 12: 1 minuto e 40 segundos (100 s)
Cena 13: 1 minuto e 15 segundos (75 s)
Cena 14: 55 segundos

total 1.375 segundos (22 minutos e 50 segundos)
sobrou 2 e 10 segundos minutos para créditos

Anexo 4: Curta-metragem “Azul Apneia”

https://www.youtube.com/watch?v=04Rj_LH0ujE

Anexo 5: Curta-metragem “Tão Azul como Antes”

https://www.youtube.com/watch?v=FHnEqP034_0

Anexo 6: Workshops do primeiro semestre de 2020

<https://drive.google.com/drive/folders/1HBQYshw06S6NumgFUTGJYbdR6IN1Htk?usp=sharing>

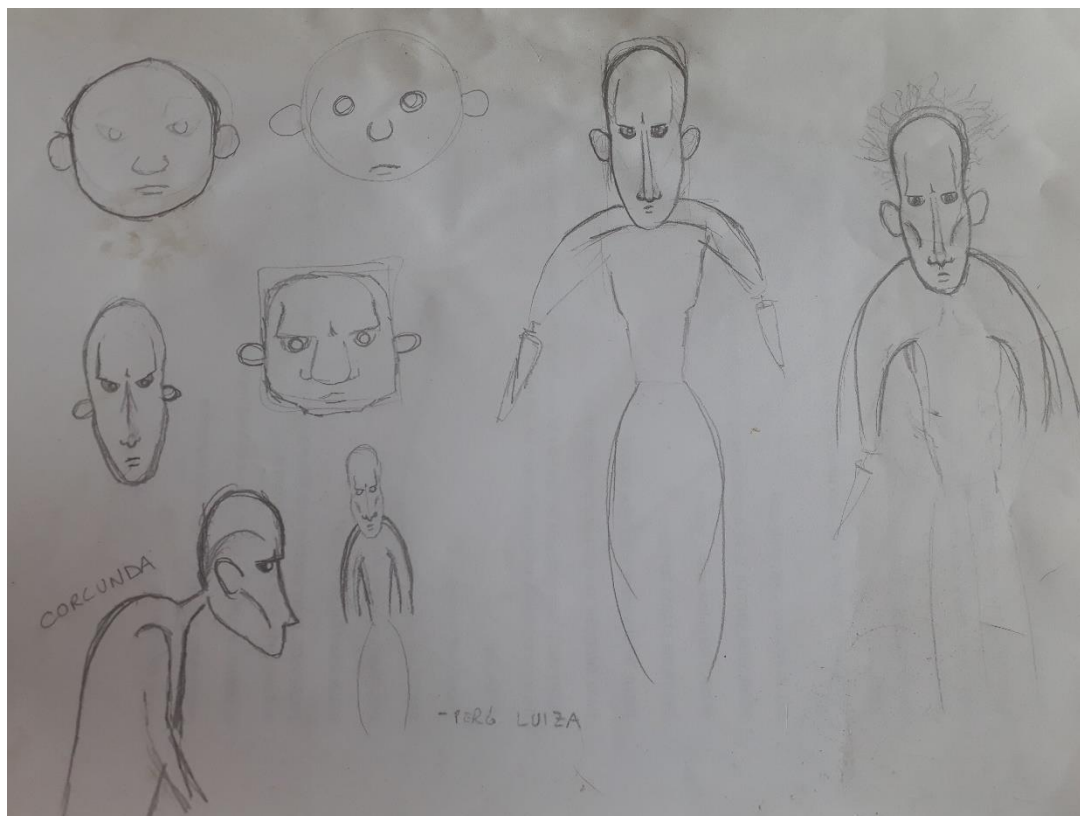
Anexo 7: Workshops do segundo semestre de 2020

<https://drive.google.com/drive/folders/18Ff731C0yJJvNaCq7hYITIJhcpDq-VHE?usp=sharing>

Anexo 8: Foto dos pés de “Azul Apneia” em construção, acervo pessoal



Anexo 9: Foto do esboço de ideia para o boneco de “Azul Apneia”, feito por Carol Borges, acervo pessoal



Anexo 10: Foto do cenário de “Azul Apneia” em construção, acervo pessoal



Anexo 11: Foto do cenário de “Azul Apneia” em construção, acervo pessoal



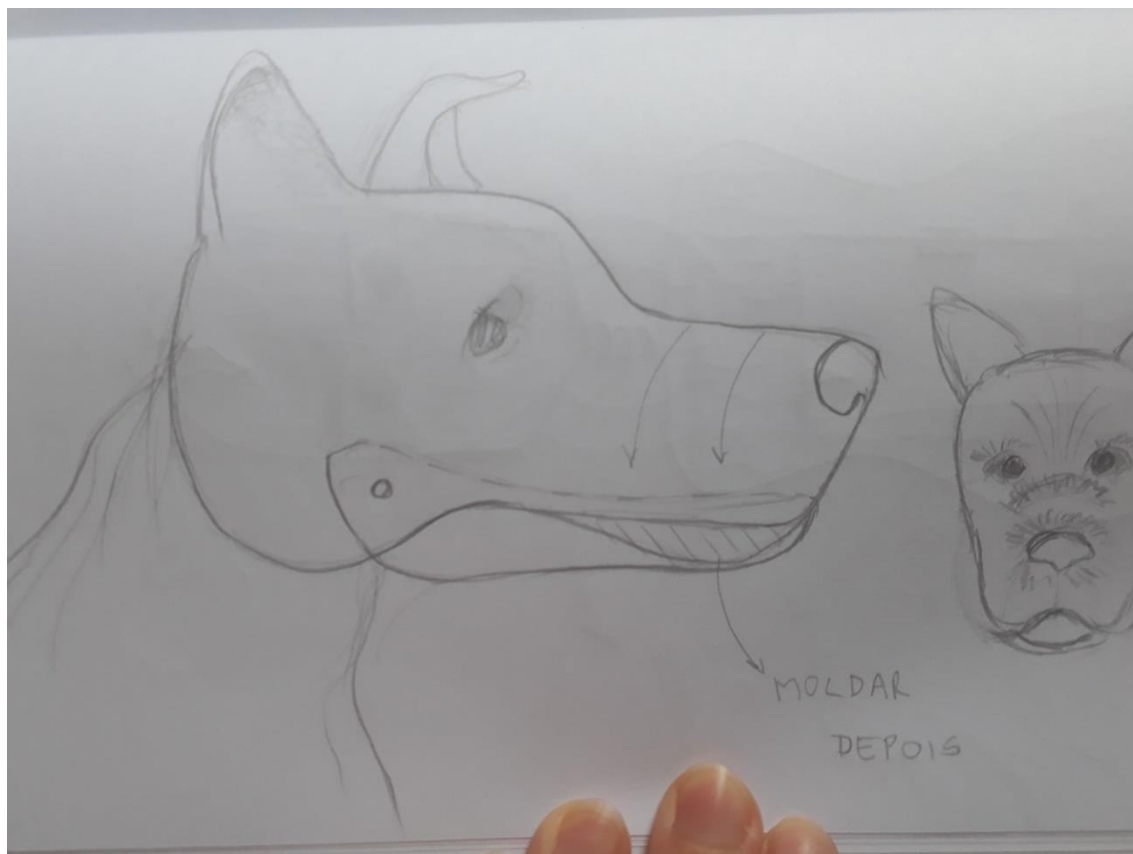
Anexo 12: Foto da velha de “Tão Azul como Antes” em construção, acervo pessoal



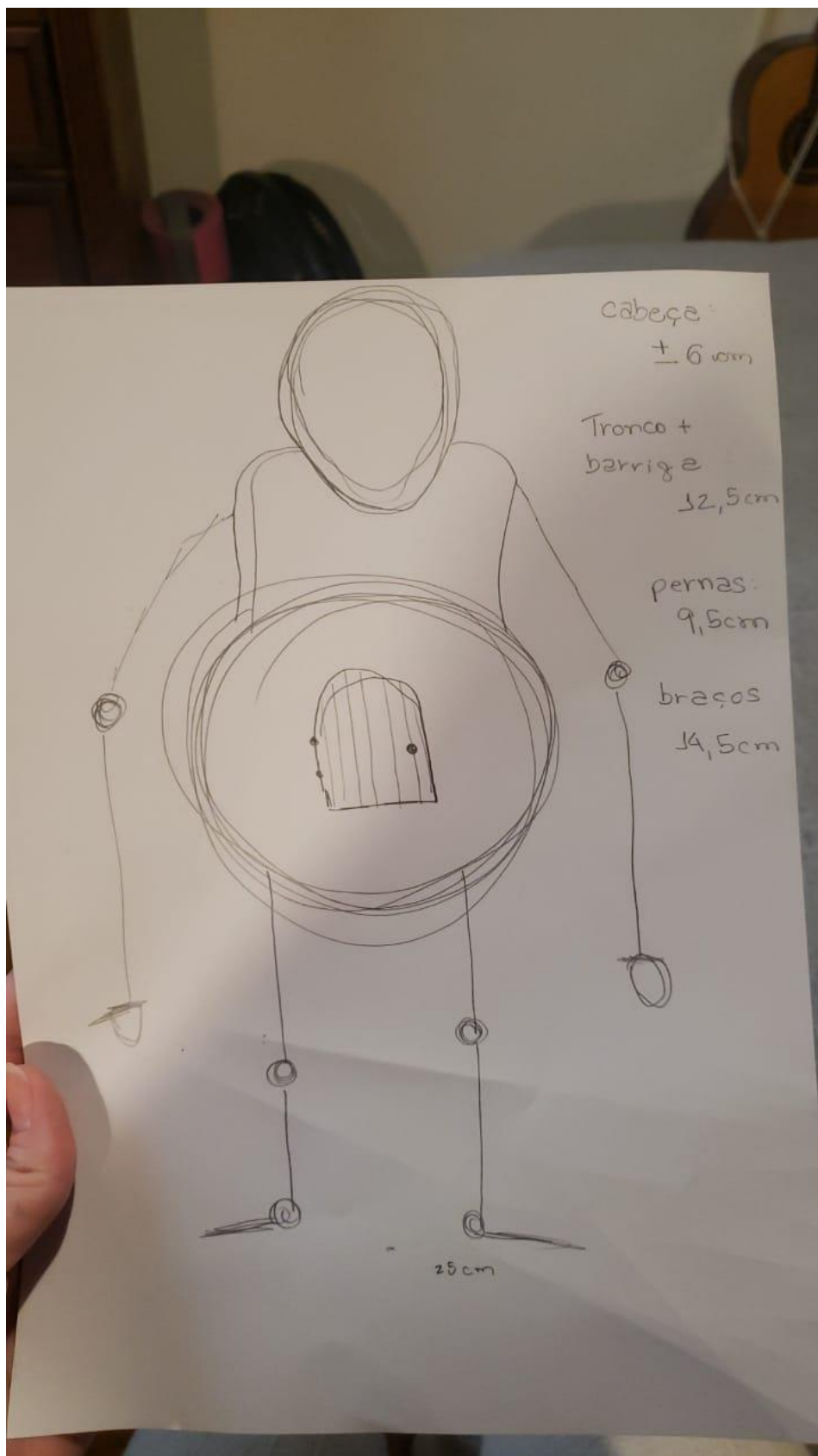
Anexo 13: Foto da Nina, inspiração para o cachorro de “Tão Azul como Antes”, acervo pessoal



Anexo 14: Foto do esboço do cachorro de “Tão Azul como Antes”, feito por Carolina Borges, acervo pessoal



Anexo 15: Foto do esboço do boneco pequeno de “Tão Azul como Antes”, feito por Luana Pantaleoni, acervo pessoal



Anexo 16: Foto do grupo no dia da gravação no estúdio, acervo pessoal



Anexo 17: Foto da gravação na Barra do Sahy, acervo pessoal



Anexo 18: Foto do grupo no metrô, acervo pessoal



Referências

Bibliográficas

Amaral, Ana Maria. **Teatro de animação: da teoria à prática**. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

Astles, Cariad. “**Corpos alternativos de bonecos**”. *Móin-Móin*, v. 1, n. 5, p. 51-61, 2008.

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/moin/article/view/1059652595034701052008051>. (Acesso em 15 de junho de 2020)

Bachelard, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Cervantes, Miguel de. **Dom Quixote de La Mancha**. Brasil: eBooksBrasil.com, 2005.

Cintra, Wagner. **Considerações acerca do Teatro Visual e da Dramaturgia da Visualidade**. *Móin-Móin*, v. 1, n. 12, p. 95-109, 2014.

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/moin/article/view/1059652595034701122014095> (Acesso em 15 de junho de 2020.)

Costa, Felisberto Sabino da. **A Poética do Ser e Não Ser: Procedimentos Dramatúrgicos do Teatro de Animação**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

_____. **Sobre relógios e nuvens: mestiçagem, hibridação e dramaturgias no teatro de animação**. *Móin-Móin*, v. 1, n. 8, p. 27-48, 2011.

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/moin/article/view/1059652595034701082011027> (Acesso em 15 de junho de 2020.)

Freud, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Rio Grande do Sul: L&PM, 2019.

_____. **Sobre os sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Genty, Philippe. **Uma Viagem Entre Percepção, Forte Impressão e Interpretação**. Móin-Móin, v. 1, n. 5, p. 128-142, 2008.

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/moin/article/view/1059652595034701052008128> (Acesso em 15 de junho de 2020.)

Jung, Carl Gustav. **Memórias, sonhos, reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

_____. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.

Kartun, Mauricio. **Escritos sobre dramaturgia y teatro de títeres**. Móin-Móin, v. 1, n. 8, p. 12-26, 2011.

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/moin/article/view/1059652595034701082011012> (Acesso em 15 de junho de 2020.)

Krenak, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Macieira, Cássia. **O corpo zoo-humano em *O quadro de todos juntos, do Grupo Pigmalião – escultura que mexe***. Móin-Móin, v. 1, n. 17, p. 122-133, 2017.

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/moin/article/view/1059652595034701172017122> (Acesso em 15 de junho de 2020.)

Nardi, Catin. **Visualidades: construção de bonecos e objetos para teatro, das tradições às linguagens contemporâneas**. Móin-Móin, v. 1, n. 12, p. 144-160, 2014.

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/moin/article/view/1059652595034701122014144> (Acesso em 15 de junho de 2020.)

Nunes, Luís Artur. **O diálogo entre teatro de atores e formas animadas: relato de uma experiência**. Móin-Móin, v. 1, n. 7, p. 144-158, 2010.

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/moin/article/view/1059652595034701072010144> (Acesso em 15 de junho de 2020.)

Plassard, Didier. **Encenação de dramaturgia: o teatro de figura na encruzilhada dos caminhos**. Móin-Móin, v. 2, n. 21, p. 361-380, 2019.

<https://revistas.udesc.br/index.php/moin/article/view/1059652595034702212019361> (Acesso em 15 de junho de 2020.)

Ribeiro, Sidarta. **O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Silva, Leandro Alves da. **A palavra que age: O Teatro de Animação como um território de escutas**. *Móin-Móin*, v. 1, n. 19, p. 133-146, 2018.

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/moin/article/view/1059652595034701192018133> (Acesso em 15 de junho de 2020.)

Sinzato, Alice Yumi. **MA, O vazio intervalar**. *Revista Ciclos: Transgressões*, p. 105, 2015.

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/ciclos/article/view/4979> (Acesso em 26 de junho de 2021.)

Waszkiel, Marek. **O diretor no teatro de bonecos (contexto da Europa Oriental)**. *Móin-Móin*, v. 2, n. 21, p. 47-62, 2019.

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/moin/article/view/1059652595034702212019047> (Acesso em 15 de junho de 2020.)

Zurbach, Christine. **A dramaturgia do teatro de marionetas hoje: modos de fazer e modos de ver**. *Móin-Móin*, v. 1, n. 8, p. 92-106, 2011.

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/moin/article/view/1059652595034701082011092> (Acesso em 15 de junho de 2020.)

Filmográficas

2001: Uma Odisséia no Espaço. Direção de Stanley Kubrick. Estados Unidos da América: Stanley Kubrick, 1968. (142 min)

A viagem de Chihiro. Direção de Hayao Miyazaki. Japão: Studio Ghibli, 2001. (125 min)

LA maison en petits cubes. Direção de Kunio Kato. Japão: Robot Communications, 2008. (12 min)

O castelo animado. Direção de Hayao Miyazaki. Japão: Studio Ghibli, 2004.
(119 min)

SONHOS. Direção de Akira Kurosawa. Japão: Warner Bros, 1990. (119 min)

YOUR Name. Direção de Makoto Shinkai. Japão: CoMix Wave Films, 2016.
(106 min)